



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (FIC)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)

LARISSA MACHADO VIEIRA

**ENTRE A PLATAFORMA E A REDAÇÃO: A CIRCULAÇÃO DE
DESINFORMAÇÃO SOBRE VACINAS NO TELEGRAM E O CONTRAPONTO DO
JORNALISMO DIGITAL NO G1**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Larissa Machado Vieira

3. Título do trabalho

Entre a plataforma e a redação: a circulação de desinformação sobre vacinas no Telegram e o contraponto do jornalismo digital no G1

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Machado Vieira, Usuário Externo**, em 07/10/2025, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Farias Cordeiro, Professor do Magistério Superior**, em 07/10/2025, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5702492** e o código CRC **95D83722**.

Referência: Processo nº 23070.039630/2025-11

SEI nº 5702492

LARISSA MACHADO VIEIRA

**ENTRE A PLATAFORMA E A REDAÇÃO: A CIRCULAÇÃO DE
DESINFORMAÇÃO SOBRE VACINAS NO TELEGRAM E O CONTRAPONTO DO
JORNALISMO DIGITAL NO G1**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de pesquisa: Mídia e Informação

Orientador: Professor Dr. Douglas Cordeiro

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Vieira, Larissa Machado

Entre a plataforma e a redação [manuscrito] : a circulação de desinformação sobre vacinas no Telegram e o contraponto do jornalismo digital no G1 / Larissa Machado Vieira. - 2025.
185 f.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Farias Cordeiro.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. desinformação. 2. vacinas. 3. jornalismo digital. 4. Telegram. 5. bolhas. I. Farias Cordeiro, Douglas, orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº **35/2025** da sessão de Defesa de Tese de **Larissa Machado Vieira** que confere o título de Doutora em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **vinte e nove dias de agosto de dois mil e vinte e cinco**, a partir das **oito horas e trinta minutos**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “**ENTRE A PLATAFORMA E A REDAÇÃO: A CIRCULAÇÃO DE DESINFORMAÇÃO SOBRE VACINAS NO TELEGRAM E O CONTRAPONTO DO JORNALISMO DIGITAL NO G1**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Douglas Farias Cordeiro (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Andréa Pereira dos Santos (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna; Professora Doutora **Laura Vilela Rodrigues Rezende (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna; Professora Doutora **Núbia Rosa da Silva Guimarães (PPGEP/UFCAT)**, avaliadora titular externa; Professor Doutor **Alex Fabianne de Paulo (PPGADM/UFG)**, avaliador titular externo, com a participação de todos por videoconferência. Durante a argüição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Douglas Farias Cordeiro**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **vinte e nove dias de agosto de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Farias Cordeiro, Professor do Magistério Superior**, em 29/08/2025, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nubia Rosa da Silva Guimaraes, Usuário Externo**, em 29/08/2025, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alex Fabianne De Paulo, Professor do Magistério Superior**, em 30/08/2025, às 08:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Pereira Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 30/08/2025, às 08:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Vilela Rodrigues Rezende, Professora do Magistério Superior**, em 01/09/2025, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5597492** e o código CRC **8C2B1091**.

Referência: Processo nº 23070.039630/2025-11

SEI nº 5597492

RESUMO

Esta tese investiga a circulação de conteúdos informativos e desinformativos sobre vacinas, entre 2020 e 2025, a partir de dois ambientes digitais contrastantes: um canal antivacina no Telegram e o jornalismo digital praticado pelo portal G1. Parte-se do pressuposto de que essas duas esferas operam sob lógicas comunicacionais distintas: uma marcada pela opacidade, desregulação e fechamento em bolhas ideológicas, e outra ancorada na busca pela verificação, visibilidade e responsabilidade pública. A pesquisa adota uma abordagem metodológica mista, combinando técnicas de análise de grafos e análise de conteúdo, para mapear fluxos de circulação, padrões discursivos e possíveis interpenetrações entre os ecossistemas analisados. A partir de um corpus extraído por soluções computacionais, foram identificadas estratégias retóricas e semânticas recorrentes nos discursos antivacina — muitas delas apoiadas em desinformação sistematizada — e os modos como o G1 aborda temas correlatos com viés informativo e científico. A hipótese de que o jornalismo digital não penetra significativamente a bolha desinformativa foi confirmada, reforçando a percepção de que há barreiras desinformativas sólidas nesses espaços. Conclui-se que o movimento antivacina atuante neste canal do Telegram desafia o jornalismo a repensar estratégias de difusão, enquanto a invisibilidade recíproca entre os dois ambientes aponta para a urgência de um reposicionamento comunicacional de outros atores sociais diante da desinformação.

Palavras-chave: desinformação; vacinas; jornalismo digital; Telegram; bolhas; G1; análise de dados.

ABSTRACT

This thesis investigates the circulation of informational and disinformational content about vaccines, between 2020 and 2025, across two contrasting digital environments: anti-vaccine channel on Telegram and the digital journalism practiced by the news portal G1. The study is based on the premise that these two spheres operate under distinct communicational logics: one marked by opacity, deregulation, and ideological bubble closure, and the other anchored in the pursuit of verification, visibility, and public responsibility. The research adopts a mixed-methods approach, combining network analysis and content analysis techniques to map circulation flows, discursive patterns, and possible interpenetrations between the ecosystems analyzed. From a corpus extracted through computational tools, recurrent rhetorical and semantic strategies were identified in anti-vaccine discourses — many of them supported by systematized disinformation — as well as how G1 addresses related topics with an informative and scientific bias. The hypothesis that digital journalism does not significantly penetrate disinformational bubbles was confirmed, reinforcing the perception that solid disinformational barriers exist in these spaces. The thesis concludes that the anti-vaccine movement on the Telegram channel challenges journalism to rethink its dissemination strategies, while the mutual invisibility between the two environments highlights the urgency for other social actors to reposition themselves communicatively in the face of disinformation.

Keywords: disinformation; vaccines; digital journalism; Telegram; bubbles; G1; data analysis.

RESUMEN

Esta tesis investiga la circulación de contenidos informativos y desinformativos sobre vacunas, entre 2020 y 2025, a partir de dos entornos digitales contrastantes: un canal antivacunas en Telegram y el periodismo digital practicado por el portal de noticias G1. Se parte del supuesto de que estas dos esferas operan bajo lógicas comunicacionales distintas: una marcada por la opacidad, la desregulación y el encierro en burbujas ideológicas, y otra anclada en la búsqueda de verificación, visibilidad y responsabilidad pública. La investigación adopta un enfoque metodológico mixto, combinando técnicas de análisis de grafos y análisis de contenido, para mapear flujos de circulación, patrones discursivos y posibles interpenetraciones entre los ecosistemas analizados. A partir de un corpus extraído mediante herramientas computacionales, se identificaron estrategias retóricas y semánticas recurrentes en los discursos antivacunas —muchas de ellas sustentadas en desinformación sistematizada— y las formas en que G1 aborda temas correlacionados con un sesgo informativo y científico. Se confirmó la hipótesis de que el periodismo digital no penetra significativamente las burbujas desinformativas, reforzando la percepción de que existen barreras sólidas de desinformación en estos espacios. Se concluye que el canal antivacunas presente en Telegram desafía al periodismo a repensar sus estrategias de difusión, mientras que la invisibilidad recíproca entre ambos entornos señala la urgencia de un reposicionamiento comunicacional de otros actores sociales frente a la desinformación.

Palabras clave: desinformación; vacunas; periodismo digital; Telegram; burbujas; G1; análisis de datos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 TEMA, OBJETO E PROBLEMA DE PESQUISA.....	18
1.2 HIPÓTESES DO TRABALHO.....	20
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	20
1.3.1 Objetivos específicos.....	21
1.4 PERSPECTIVA COMUNICACIONAL DA PESQUISA.....	21
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
2.1 ABORDAGEM E CARÁTER DA PESQUISA.....	27
2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	29
2.2.1 O DAFIM (Data Analysis Framework for Information and Media).....	29
2.2.2 Objeto e Seleção de Dados.....	31
2.2.3 Pré-processamento de Dados.....	35
2.2.4 Descoberta de Conhecimento.....	36
2.2.4.1 Análise descritiva de dados.....	36
2.2.4.2 Análise de conteúdo.....	36
3 MOVIMENTO ANTIVACINA E DISSEMINAÇÃO DE DESINFORMAÇÃO.....	39
3.1 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ANTIVACINA.....	45
3.3 HESITAÇÃO VACINAL.....	51
4 JORNALISMO DIGITAL: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E IMPACTOS NA ERA DAS REDES SOCIAIS.....	60
4.1 O SIGNIFICADO DE JORNALISMO DIGITAL.....	61
4.2 ORIGENS E OBJETIVOS DO JORNALISMO DIGITAL.....	64
4.3 O JORNALISMO NA INTERNET: DO ESTÁTICO AO DINÂMICO.....	65
4.4 DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS NO TELEGRAM E O JORNALISMO DIGITAL NO CONTEXTO DAS VACINAS.....	66
4.5 A POSTURA DO JORNALISMO DIGITAL SOBRE VACINAS.....	75
5 RESULTADOS.....	78
5.1 ANÁLISE DESCRITIVA.....	79

5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	86
5.2.1 Ano 2020.....	87
5.2.2 Ano 2021.....	93
5.2.2 Ano 2022.....	99
5.2.2 Ano 2023.....	106
5.2.2 Ano 2024.....	113
5.2.2 Ano 2025.....	119
5.2.3 Postagens mais compartilhadas do Telegram e do G1 de 2020 a 2025.....	126
5.2.3.1 Telegram 2020.....	126
5.2.3.2 Telegram 2021.....	127
5.2.3.3 Telegram 2022.....	128
5.2.3.4 Telegram 2023.....	129
5.2.3.5 Telegram 2024.....	130
5.2.3.6 Telegram 2025.....	131
5.2.3.7 G1 - 2020.....	132
5.2.3.8 G1 - 2021.....	133
5.2.3.9 G1 - 2022.....	134
5.2.3.10 G1 - 2023.....	135
5.2.3.11 G1 - 2024.....	136
5.2.3.13 Análise comparativa - Telegram X G1 - Os 10 conteúdos mais relevantes de cada ano entre 2020 a 2025.....	138
6. CONCLUSÕES.....	141
REFERÊNCIAS.....	150
ANEXO A - RECORTES AMOSTRAIS MAIS REPRESENTATIVOS DO TELEGRAM.....	166
ANEXO B - RECORTES AMOSTRAIS MAIS REPRESENTATIVOS DO G1.....	181

1 INTRODUÇÃO

O crescente fenômeno da desinformação, das *fake news* e de seu fluxo e circulação em larga escala, em especial nas redes sociais virtuais, é um notável problema na atualidade (D’Ancona, 2018; Kakutani, 2018), especialmente no âmbito da temática da vacinação. Nesse sentido, a desinformação em torno de processos vacinais comprovadamente eficazes pode gerar tomadas de decisão de maneira a prejudicar a saúde pública, onde bolsões de pessoas não vacinadas dificultam a erradicação de doenças que poderiam ser manejadas com a imunização vacinal, inclusive, podendo levar a óbito (Waldman *et al.*, 2011). É este relevante cenário que motiva o desenvolvimento desta pesquisa.

Nesse sentido, o tema da pesquisa aqui proposta gira em torno da circulação de desinformação acerca do tema vacinas no aplicativo de mensagens instantâneas Telegram, sendo o objeto de pesquisa um canal antivacinação ativo desde 28 de abril de 2020 na supracitada plataforma, cujos detalhes acerca de sua dinâmica, quantidade de conteúdos e possibilidades de interação serão explicitados na metodologia da presente pesquisa. Apresenta-se, portanto, uma breve problematização sobre o fenômeno da desinformação e das *fake news*, assim como a justificativa quanto à pertinência da proposta de pesquisa aqui desenvolvida.

Wardle (2017) classifica a desinformação em três conceitos distintos, com o objetivo de abranger melhor as possibilidades desse fenômeno e aumentar o didatismo para sua compreensão, sendo as *fake news* um de seus produtos. Nesse cenário, os termos são postos da seguinte maneira: *disinformation*, ou seja, desinformação, que é a informação intencionalmente falsa, gerada visando prejudicar pessoas, grupos ou organizações; *misinformation* (má informação), caracterizada por não ser autêntica, porém, criada sem a intenção deliberada de enganar; e, por fim, *mal-information* (informação distorcida), que se baseia em informações reais, porém, é utilizada de maneira distorcida e manipulada, com o intuito de prejudicar pessoas, grupos ou organizações.

Já o termo *fake news* é deflagrado e popularizado a partir de uma série de acontecimentos, especialmente no âmbito da política mundial, que se desdobraram mais pontualmente a partir das eleições do presidente Donald Trump, em 2016 (D’Ancona, 2018). As *fake news*, portanto, são uma modalidade de desinformação, estas sendo definidas como conteúdos virais, intencionalmente maliciosos e elaborados para enganar, possuindo um teor político e, muitas vezes, imitando a diagramação de uma fonte noticiosa legítima, o que confere a elas uma maior aceitação por parte do público, (Bakir; McStay, 2017, Tandoc; Lim; Ling, 2017) apresentando sua distribuição em cascatas (Recuero; Gruzd, 2019).

É notório observar, diante disso, uma grande quantidade de *fake news* transitando em um cenário altamente desinformativo em torno do tema da imunização por vacinas, que são adotadas como parte do programa de prevenção e manejo de doenças no Brasil. Esses conteúdos desinformativos costumam circular em grupos de ativistas antivacinação nas redes sociais virtuais, sendo o objeto desta pesquisa um desses canais no Telegram, o qual existe desde 2020, ambiente em que os administradores publicam e os usuários consomem conteúdos alarmistas acerca dos supostos malefícios que diversas vacinas, seguramente testadas, ofereceriam à população.

Uma complexidade de aspectos envolve a análise da circulação viral de conteúdos desinformativos. A própria estrutura falseada que apresentam, as crenças preexistentes das pessoas que os adotam como verdadeiros, a facilidade de sua viralização devido às facilidades de compartilhamento nas redes sociais virtuais, os sentimentos que eles despertam em determinados indivíduos, as relações entre os que partilham da mesma crença, enfim, todos esses pontos são perspectivas notadamente importantes a serem levadas em conta no estudo do fenômeno. Nesta pesquisa, no entanto, propõe-se adicionar outro prisma de análise, qual seja, um panorama dos aspectos materiais das plataformas que abrigam as redes sociais virtuais, os quais podem facilitar a disseminação de desinformação e *fake news*.

No amplo e atual fenômeno de circulação de desinformação e *fake news*, realizar uma análise que considere tão somente o aspecto da comunicação e da relação entre seres humanos contribuiria de maneira incompleta para o entendimento dos desafios comunicacionais e informacionais que se impõem, por não considerar nuances das materialidades das plataformas envolvidas (Lemos, 2020), as quais contribuem para formatar um comportamento informacional do usuário.

Portanto, é preciso considerar não apenas as experiências vividas entre os atores humanos, mas também incluir os não-humanos (plataformas e suas particularidades), pois uma visão que se baseia apenas numa perspectiva antropocêntrica e de relações intersubjetivas não abrange a complexidade dos acontecimentos comunicacionais e informacionais ligados à cultura digital (Lemos, 2020).

As plataformas digitais, nesse sentido, não são artefatos neutros, criados sem objetivos claros para permitirem uma circulação irrestrita e amplamente democrática de informações e serviços (D'Andréa, 2020). Um exemplo disso foi o escândalo de dados envolvendo o Facebook e a empresa de coleta de dados Cambridge Analytica, que recolheu dados de 87 milhões de usuários do Facebook em 2014 com objetivos eleitorais relacionados à campanha de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos¹. Esse emblemático caso acerca do Facebook ilustra notoriamente o fenômeno da não neutralidade das plataformas, mas na presente pesquisa a análise se desenvolverá, em partes, em torno do aplicativo de mensagens instantâneas Telegram.

Nesse contexto, o papel desempenhado por este aplicativo na disseminação de desinformação emergiu como uma possibilidade de investigação significativa. A disseminação de desinformação sobre vacinas no Telegram pode ter várias razões, incluindo a falta de moderação da plataforma, a facilidade de criação e

¹ “Cambridge Analytica se declara culpada em caso de uso de dados do Facebook”. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2024.

compartilhamento de conteúdo, bem como a possibilidade de apagar os conteúdos para todos os usuários como se a conversa não tivesse existido e a presença de grupos públicos e ocultos que promovem teorias da conspiração e falsidades.

Estudos demonstraram que as redes sociais, incluindo o Telegram, são locais propícios para a disseminação de desinformação sobre saúde, sendo o tema vacinas um dos mais abordados (Broniatowski *et al.*, 2018; Tomeny *et al.*, 2017). Além disso, a possibilidade de anonimato e de se comunicar por pseudônimos mostra-se outro fator encorajador de propagação de informações não verificadas ou enganosas (Brennen *et al.*, 2020).

Análises realizadas no que concerne à divulgação de desinformação no Telegram (Hatefi, 2022; Maia *et al.*, 2023), especificamente durante a pandemia de COVID-19, revelaram esta plataforma como um espaço virtual comumente utilizado para a propagação de teorias da conspiração, rumores duvidosos e *fake news*. Esses estudos indicam que grupos e canais do Telegram têm sido utilizados para compartilhar narrativas que questionam a eficácia das medidas de saúde pública, promovendo um estado de alarde e crescentes dúvidas quanto às evidências científicas mais robustas no que tange à segurança vacinal.

No entanto, não apenas o Telegram estará presente nesta pesquisa. Compreende-se importante inserir, igualmente, uma perspectiva do jornalismo digital que vem na contramão da disseminação de desinformações, pretendendo-se veículo de promoção de informação científica baseada em evidências.

Nesse sentido, o portal G1, escolhido para esta pesquisa, foi lançado em setembro de 2006 como uma iniciativa do Grupo Globo voltada exclusivamente ao jornalismo digital, substituindo a antiga plataforma GloboNews.com. Desde sua criação, o G1 consolidou-se como um dos principais veículos jornalísticos do país², articulando uma rede integrada de redações em diferentes estados e oferecendo

² História do G1. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/produtos-digitais/g1/noticia/g1.ghtml?utm_source=chatgpt.com
Acesso em 27 jul. 2025.

cobertura contínua em tempo real, com foco em múltiplas editorias, entre elas ciência e saúde.

A proposta editorial do portal sempre esteve alinhada ao princípio do jornalismo como serviço público, com ênfase na credibilidade da informação, na atualização constante e na mediação responsável de temas de interesse coletivo. Com a pandemia de covid-19, essa diretriz foi intensificada. A cobertura sobre saúde ganhou protagonismo, estruturada por meio de seções temáticas, gráficos interativos, transmissões ao vivo e materiais educativos sobre prevenção, vacinação e protocolos sanitários.

Nesse contexto, o G1 incorporou estratégias multimídia para traduzir o conhecimento técnico-científico em linguagem acessível à população, ampliando o alcance informativo das ações do Sistema Único de Saúde e das campanhas de vacinação. Observa-se, nos dados analisados nesta pesquisa, uma prevalência de termos como "campanha", "vacina", "dose", "mutirão", "imunização" e "saúde", o que revela uma construção discursiva ancorada na prestação de serviço e na defesa do bem-estar coletivo, em contraste com o repertório encontrado em grupos desinformativos.

A escolha do G1 justifica-se por sua trajetória, que evidencia um compromisso institucional com a difusão de informações sanitárias embasadas cientificamente, configurando-se como uma das principais fontes de referência jornalística nacional na abordagem de temas relacionados à saúde pública.

Diante desse cenário, faz-se necessário, e, portanto, justifica-se assim esta proposta de pesquisa, um olhar crítico em torno da circulação de desinformação no grupo @antivaxxx do Telegram, um significativo ator não-humano envolvido no fenômeno da desinformação atualmente, observando-se aspectos como seus caminhos, comandos e potencialidades, pois isso contribuirá na compreensão da viralização facilitada que se observa, nos dias que correm, de conteúdos fraudulentos no que dizem respeito às vacinas (Tandoc; Lim; Ling, 2017, Bakir; McStay, 2017, Bacarella *et al.*, 2018, Gerhart; Negahban, 2018, Bovet; Makse, 2019,

Torres; Santaella; Cypriano, 2018, Xu *et al.*, 2020), e o contraponto do jornalismo digital nesse contexto.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa serão detalhados em um capítulo específico (Capítulo 2), com o objetivo de oferecer transparência quanto às escolhas técnicas e analíticas que fundamentam o trabalho. No presente Capítulo, serão apresentados o tema, o objeto, o problema de pesquisa, as hipóteses, os objetivos e a perspectiva comunicacional escolhida, compondo o alicerce que orienta toda a investigação.

No Capítulo 3, dedica-se uma atenção especial ao movimento antivacina, abordando brevemente seu histórico e os fatores que contribuíram para seu fortalecimento no ambiente digital. Também são apresentados dados sobre a eficácia e a segurança das vacinas, com base em evidências científicas atualizadas, a fim de contextualizar o embate entre informação e desinformação. Ainda nesse Capítulo, analisa-se o fenômeno da hesitação vacinal, compreendido como uma zona cinzenta entre a aceitação e a recusa, influenciada por fatores culturais, políticos, religiosos e comunicacionais.

O Capítulo 4 é dedicado à compreensão do jornalismo digital, com ênfase em sua origem, desenvolvimento e impactos na era das redes sociais. Parte-se de uma análise sobre os objetivos centrais dessa prática jornalística, suas dinâmicas e responsabilidades no contexto informacional contemporâneo. Em seguida, traça-se um panorama das transformações ocorridas com a transição do jornalismo tradicional para o ambiente digital, destacando mudanças nas rotinas produtivas, na relação com as audiências e nos formatos narrativos. Por fim, são discutidos os desafios que o jornalismo enfrenta diante da lógica algorítmica das redes sociais, da desinformação em escala e da crise de credibilidade que afeta os meios institucionais de comunicação.

O Capítulo 5 apresenta os resultados empíricos da pesquisa, com foco na análise da circulação de informações sobre vacinas no canal @antivaxxx do Telegram e no portal G1 entre os anos de 2020 e 2025. Inicialmente, são expostos

os grafos de similitude que revelam padrões de recorrência, interconexão e temas predominantes nos discursos sobre vacinação em ambas as plataformas. Em seguida, o capítulo apresenta a análise das dez postagens mais relevantes do canal do Telegram e das dez manchetes de maior destaque publicadas pelo G1 em cada ano do recorte temporal. A comparação entre os dois ambientes midiáticos evidencia contrastes significativos quanto ao enquadramento das vacinas, à confiabilidade das fontes e às estratégias discursivas mobilizadas, oferecendo subsídios para refletir sobre os efeitos da desinformação e o tangenciamento (ou não) do jornalismo digital nessas bolhas desinformativas.

Finalmente, o Capítulo 6 retoma os principais resultados encontrados ao longo da pesquisa, oferecendo uma reflexão crítica sobre os fenômenos analisados. A partir da comparação entre o conteúdo circulante no canal do Telegram e nas manchetes do G1 entre 2020 e 2025, evidencia-se a assimetria na qualidade e na intencionalidade da informação sobre vacinas, bem como os riscos sociais associados à desinformação em aplicativos de mensagens. A análise dos grafos e das postagens mais relevantes permitiu compreender como discursos antivacina se organizam, ganham tração e desafiam o papel tradicional da imprensa no combate às *fake news*. O capítulo final também destaca a urgência de políticas públicas e estratégias comunicacionais que contemplem a regulação das redes sociais, sem comprometer a liberdade de expressão, e reforça o papel do jornalismo de qualidade na mediação da realidade e na proteção da saúde coletiva. Por fim, propõe-se que futuras pesquisas aprofundem o estudo das dinâmicas comunicacionais em ambientes digitais opacos, como o Telegram, e suas implicações para a democracia e o bem-estar social, bem como evidencia a necessidade de pesquisas futuras em torno do tema da regulação de redes sociais.

1.1 TEMA, OBJETO E PROBLEMA DE PESQUISA

O tema da presente pesquisa gira em torno da circulação, estruturação e resistência dos discursos antivacina em redes sociais digitais, especialmente no

canal @antivaxxx do Telegram, em contraponto ao discurso jornalístico veiculado pelo portal G1, entre os anos de 2020 e 2025, no contexto da pandemia de COVID-19 e campanhas de vacinação no Brasil.

De antemão, aponta-se uma lacuna de pesquisa, qual seja: não é possível avaliar o impacto dos conteúdos antivacina que circulam no Telegram nas crenças, nos comportamentos, na vida e, finalmente, na tomada de decisão por se vacinar ou não dos membros do canal @antivaxxx e dos grupos internos ligados a ele, menos ainda na vida de outras pessoas que possam ter relações com esses usuários, visto que, para tal intento, seria necessário entrevistar cada um desses usuários e tentar estabelecer uma relação de causa e consequência entre o consumo do conteúdo circulante ali e a construção, reafirmação ou contradição de suas crenças em relação à temática vacinação, e posterior investigação se de fato estes conteúdos influenciam de modo prático em suas vidas na tomada de decisão de se vacinar ou não. Por isso, a pesquisa avalia a dinâmica de circulação dos conteúdos antivacinação naquela ambiência digital em contraponto ao jornalismo digital, sem poder afirmar, categoricamente, que todos os membros que estão no canal e grupos adjacentes não se vacinam na vida offline.

O objeto de estudo proposto são os discursos antivacina e de desinformação presentes no canal @antivaxxx do Telegram, analisados por meio de grafos semânticos e temáticos, e as reportagens informativas sobre vacinação do portal G1, observados em seus respectivos contextos e estruturas discursivas, dos anos de 2020 a 2025.

Finalmente, a pesquisa visa responder à pergunta: em que medida há interpenetração, influência ou isolamento entre os discursos sobre vacinas veiculados no canal antivacina @antivaxxx no Telegram e as narrativas informativas do portal G1, no contexto da disputa entre desinformação e informação de qualidade nas redes digitais, entre 2020 e 2025?

1.2 HIPÓTESES DO TRABALHO

Foram elencadas as seguintes hipóteses, perante o cenário exposto:

- Uma das bolhas digitais antivacina no Telegram, representada nesta tese pela escolha do canal @antivaxxx, apresenta forte coesão discursiva interna e pouca ou nenhuma sobreposição temática com o discurso jornalístico do portal G1, configurando, assim, um ecossistema informacional isolado;
- O jornalismo digital do G1 mantém um discurso fundamentado em evidências científicas e orientações oficiais, mas com limitada capacidade de impacto direto sobre o canal antivacina analisado;
- A fragmentação discursiva entre os ambientes digitais escolhidos para esta pesquisa indica que estratégias comunicacionais tradicionais são insuficientes para dialogar com públicos resistentes, exigindo abordagens integradas que considerem a regulação das plataformas (com seus benefícios e problemáticas, a serem elencados em pesquisas futuras), o papel dos algoritmos, estruturação de letramento digital e educação em saúde e a participação social.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo geral: analisar comparativamente os discursos de desinformação sobre vacinas veiculados no canal @antivaxxx do Telegram e os discursos de informação qualificada publicados pelo portal G1 entre 2020 e 2025, a fim de compreender como se estruturam, circulam e se relacionam esses ecossistemas informacionais no contexto das disputas comunicacionais em saúde pública no Brasil.

1.3.1 Objetivos específicos

- Mapear e analisar a estrutura semântica e temática dos discursos antivacina no canal @antivaxxx do Telegram, com recorte temporal entre 2020 e 2025;
- Investigar o discurso jornalístico sobre vacinação publicado no portal G1 durante o mesmo período;
- Realizar análise comparativa entre os grafos de discursos para identificar níveis de proximidade, divergência e possível influência recíproca;
- Refletir sobre as potencialidades e limites do jornalismo digital na mediação e enfrentamento da desinformação em bolhas digitais;
- Contribuir na compreensão sobre estratégias de comunicação no combate à desinformação vacinal.

1.4 PERSPECTIVA COMUNICACIONAL DA PESQUISA

A Escola Canadense de Comunicação, reconhecida por sua abordagem inovadora e multidisciplinar, tem como filosofia a compreensão aprofundada das dinâmicas midiáticas e tecnológicas (McLuhan, 1998). Fundamentada na interconexão entre comunicação, cultura e sociedade, a escola prioriza uma análise crítica e contextualizada dos meios de comunicação. Seus fundamentos são baseados na integração entre teoria e prática, buscando uma visão holística das transformações midiáticas. A abordagem da Escola Canadense valoriza a importância do contexto sociocultural na produção e recepção da comunicação (McLuhan, 1998), destacando-se pela análise das relações de poder presentes nos discursos midiáticos.

Desse modo, as investigações no âmbito da comunicação conduzidas pela Escola Canadense, também denominada Escola de Toronto, concentram-se na análise dos meios de comunicação como impulsionadores de uma série de transformações nas dinâmicas sociais (McLuhan, 1998). Essa abordagem destaca o papel crucial dos meios de comunicação na modelagem das interações sociais e na

influência sobre os padrões culturais e comportamentais das sociedades contemporâneas.

O desenvolvimento de cada um dos meios de comunicação exerce um tipo de influência decisiva na ação social do indivíduo e na própria estruturação social, transformando o modo de o homem entender a si mesmo. O ambiente criado pelo homem, condicionado pela tecnologia que ele domina, é a sua segunda natureza (Temer; Nery, 2009, p. 114).

Entre os principais pesquisadores da escola, destacam-se na primeira geração, Harold Innis e Marshall McLuhan. Innis explorou as implicações econômicas da comunicação, enquanto McLuhan tornou-se célebre por sua teoria do "meio é a mensagem", analisando os impactos sociais das tecnologias de comunicação, ambos com teses de relevante valor epistemológico para pensar o campo comunicacional (Martino, 2008).

Marshall McLuhan, autor da referida escola de comunicação, que é mais explorado nesta pesquisa, foi um renomado teórico da comunicação nascido em 1911 no Canadá, é considerado uma figura central na Escola Canadense de Comunicação. Sua pesquisa inovadora, influente durante as décadas de 1950 e 1960, focou principalmente na análise do impacto social e cultural dos meios de comunicação de massa.

Na segunda fase dos estudos canadenses, notáveis são as investigações de Joshua Meyrowitz e Derrick de Kerckhove, que introduziram nos anos 1980 e 1990 novas abordagens para analisar os meios de comunicação a partir das pesquisas pioneiras dos estudiosos já citados (Martino, 2014). Em meio às possibilidades de pesquisa da escola canadense, as reflexões aqui apresentadas serão guiadas pelos princípios de McLuhan, devido à sua sólida contribuição teórica para os estudos dessa área, apesar do inegável auxílio de demais pesquisadores nas questões relacionadas ao tema.

Uma de suas contribuições mais conhecidas é a teoria do "meio é a mensagem". McLuhan (1998) argumentava que a natureza e as características dos meios de comunicação em si eram mais significativas do que o conteúdo específico

transmitido por esses meios. Ele categorizou os meios como "quentes" ou "frios", onde meios "quentes" são mais envolventes participativos, enquanto meios "frios" demandam maior participação do receptor. McLuhan (1964) também explorou a ideia de que os meios de comunicação moldam a percepção e a compreensão do mundo, influenciando as estruturas sociais e culturais. Além disso, o pesquisador antecipou a era da globalização da comunicação, destacando o conceito de "aldeia global", onde as tecnologias modernas encurtariam as distâncias e conectariam as pessoas de maneiras sem precedentes.

Assim, as contribuições de Marshall McLuhan para o campo da comunicação residem na sua abordagem pioneira, que transcendeu a mera análise de conteúdo, dando foco nas transformações sociais provocadas pelos meios de comunicação e tecnologias, moldando o modo como entendemos a influência da comunicação na sociedade contemporânea. A abordagem da centralidade dos meios de comunicação explora, como traço único de cada período, a maneira como ele interage com as mídias vigentes, independentemente dos conteúdos transmitidos (Martino, 2014). Assim, os meios, ou mídias, tornam-se uma lente de interpretação para a estrutura social (Martino, 2008), delineando as nuances da dinâmica sociocultural em cada contexto histórico.

A visão de McLuhan (1998) enfatiza que o meio é qualquer elemento que atua como uma extensão do corpo humano, conectando o indivíduo aos outros membros de sua era, e essa extensão não se limita apenas ao físico, mas alcança os domínios da percepção e da interação social. Nesse sentido, compreender o meio vai além de simples ferramentas ou tecnologias, abrangendo uma rede complexa de relações simbólicas e sociais que moldam a experiência humana e influenciam a construção de identidades individuais e coletivas. Esse prolongamento do próprio corpo, "seja da pele, da mão, ou do pé — afeta todo o complexo psíquico e social" (McLuhan, 1998, p. 18).

Neste contexto, emerge uma interconexão intrínseca entre o meio e sua interação com a mensagem, ambos indissociáveis, uma vez que o mesmo conteúdo

difundido em diferentes meios acarretará também efeitos sociais e psicológicos diversos (Temer; Nery, 2009). Daí deriva a expressão cunhada por McLuhan: o meio é a mensagem. Assim, não pode haver mensagem desvinculada do meio, pois “a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (McLuhan, 1998, p. 22). Portanto, compreender a dinâmica entre meio e mensagem é essencial para decifrar os processos de comunicação e seus impactos na sociedade contemporânea.

Dessa maneira, o tipo de influência que cada meio de comunicação exercerá nas camadas sociais é percebido como sendo temporal, uma vez que o canal pode ser classificado como quente ou frio dependendo de como os receptores interpretam suas mensagens e moldam seus comportamentos diante das oportunidades proporcionadas por tais meios. Portanto, é essencial considerar não apenas o meio em si, mas também as percepções e interações dos receptores, para compreender plenamente o impacto desses meios na sociedade em diferentes contextos e momentos históricos. Nesse cenário, corroboram as autoras, certificando que:

A exposição aos meios frios, esfria (torna mais racionais e menos emocionais) os indivíduos e grupos sociais, assim como a exposição aos meios quentes esquenta (torna mais emocionais) os indivíduos e sociedades. (Temer; Nery, 2009, p. 116)

Para McLuhan (1998), essas extensões corporais dos indivíduos estabelecem uma forma de interconexão coletiva, contudo, conforme o autor, a intensificação induzida pelos aparelhos eletroeletrônicos da era expôs traços tribais, manifestando a ressurgência da oralidade, da percepção fragmentada e não linear (Temer; Nery, 2009). Este é o conceito de aldeia global formulado por McLuhan (1998), um universo completamente entrelaçado pelos meios de comunicação. As metamorfoses que tais veículos instigam nas interações humanas constituem a própria substância da mensagem relevante, destacando a inseparabilidade intrínseca entre meio e mensagem.

A aceleração de hoje não é uma lenta explosão centrífuga do centro para as margens, mas uma implosão imediata e uma interfusão do espaço e das funções. Nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico. Este é o mundo novo da aldeia global (MCLUHAN, 1998, p. 112).

Na contemporaneidade, evidencia-se uma hiperconexão dos indivíduos com seus dispositivos móveis em diversos cenários sociais (Mainieri, 2014), corroborando a visão de McLuhan (1998) sobre a interdependência orgânica dos sujeitos com os meios de comunicação. Tal interdependência induz os usuários da Internet a buscar informações de maneira cada vez mais rápida, gerando uma significativa insegurança informativa (Ramonet, 2013), uma vez que se torna questionável a relevância de certos conteúdos quando são apresentados de maneira frenética e sem critérios de verificação, dado que tais informações:

[...] precisam ser consumidas imediatamente, porque no momento seguinte já não terão importância nenhuma. O tempo é comprimido ao máximo, tornando um eterno agora. Há uma urgência em saber o que está acontecendo, naquele momento, a todo momento, porque no instante seguinte outra informação já estará em seu lugar (Martino, 2014, p. 190).

Nesse cenário, observa-se, portanto, que as pesquisas dessa escola, abrangem temas diversos, desde a influência da mídia na formação de identidades até a análise das mudanças sociais provocadas por inovações tecnológicas. Contribuições notáveis incluem a compreensão da globalização mediada, a teoria dos meios quentes e frios de McLuhan e a análise crítica das indústrias culturais.

A Escola Canadense destaca-se por sua contribuição singular para a compreensão das mídias e tecnologias nos dias atuais, muito embora seus principais autores não tenham conhecido o advento dos dispositivos móveis conectados à internet, sendo notáveis, por isso mesmo, visto a atualidade e o caráter visionário de suas pesquisas, as quais promoveram um diálogo importante entre o passado e o presente. Seu legado ainda influencia pesquisadores e

profissionais, inspirando uma visão abrangente e reflexiva sobre o papel crucial da comunicação na sociedade contemporânea.

A escolha pela perspectiva canadense de comunicação como base epistemológica da tese de doutoramento que aqui se propõe, se deu justamente porque a Escola Canadense de Comunicação contribui para a compreensão do atual fenômeno da desinformação e das *fake news* ao focar em abordagens críticas e analíticas que consideram uma interação notável entre os seres humanos e seus meios de comunicação, a partir do que se pode fazer uma interface com a atual e peculiar relação entre os indivíduos, seus dispositivos móveis e o acesso às plataformas que abrigam as redes sociais virtuais, cenário onde as *fake news* são viralizadas abundantemente (Vieira, 2021).

Nesse âmbito, a Escola Canadense de Comunicação destaca a importância de examinar o papel da mídia, tecnologia e poder dos dispositivos na disseminação de conteúdos enganosos. As pesquisas dessa Escola podem explorar de que maneira as *fake news* se espalham e impactam a sociedade, proporcionando campo de análise profícuo para lidar com esse fenômeno complexo e de difícil solução.

Embora a análise parta de um autor clássico em suas análises comunicacionais como McLuhan (1998), não abriu-se mão de autores posteriores a ele e mais atuais, que trazem conceitos novos para enriquecer a discussão aqui proposta.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta tese pretende analisar e compreender a circulação de conteúdos associados aos movimentos antivacina no Telegram, especificamente no canal @antivaxxx, em diálogo com os contrapontos presentes nas publicações jornalísticas do portal G1, no intervalo de 2020 a 2025. Para alcançar esse objetivo, adota-se uma abordagem metodológica mista, qual seja, qualitativa e quantitativa, com apoio de ferramentas computacionais voltadas à coleta, ao tratamento e à análise dos dados, bem como à análise de conteúdo.

2.1 ABORDAGEM E CARÁTER DA PESQUISA

A presente tese configura-se como um estudo de caráter exploratório, com o objetivo de investigar e analisar um problema específico: a circulação de desinformação em canais do Telegram, em contraste com a entrega de conteúdos jornalísticos promovida pelo G1. Busca-se, assim, uma compreensão abrangente e aprofundada do fenômeno, por meio da elaboração e aplicação de critérios específicos (Malhotra, 2010). A escolha dessa abordagem investigativa visa não apenas identificar as nuances do problema, mas também fornecer subsídios para reflexões críticas, especialmente à luz das teorias da comunicação. Para isso, a pesquisa adota uma perspectiva metodológica que integra procedimentos quantitativos e qualitativos.

A pesquisa quantitativa, conforme apontado por Diehl e Tatim (2004), é marcada pelo emprego da quantificação em procedimentos que abarcam desde a coleta de dados à geração de informações. A pesquisa quantitativa tem foco em fatos concretos e dados numéricos (Ahmad *et al.*, 2019). O objetivo principal desta abordagem é identificar relações de causa e efeito entre variáveis por meio da aplicação de soluções matemáticas, estatísticas e computacionais. Uma das possibilidades alcançadas por meio da pesquisa quantitativa é a organização dos dados coletados em categorias, classificações ou unidades de medida, assim como

a construção de sumarização por meio de gráficos e tabelas. Tais mecanismos auxiliam na análise dos resultados.

Entre as vantagens da pesquisa quantitativa podem ser citadas a precisão e confiabilidade dos resultados, assim como a possibilidade de extrapolar as análises para conjuntos amostrais maiores e a comparação entre diferentes grupos e situações (Ahmad *et al.*, 2019). A utilização de estratégias metodológicas quantitativas possui aplicações em diversas áreas do conhecimento, como ciências sociais, saúde e educação, auxiliando a verificação de hipóteses e a identificação de padrões e tendências. Entretanto, é importante destacar que determinados tipos de investigações podem requerer o uso de análises quantitativas em conjunto com outras metodologias, como é o caso do presente estudo, o qual agrega a geração de indicadores quantitativos com uma visão analítica qualitativa dos conteúdos circulantes no canal do Telegram analisado e do conjunto amostral de notícias provenientes do G1.

A pesquisa qualitativa se distingue das abordagens quantitativas por apresentar um viés de maior aprofundamento e reflexão, buscando compreender os fenômenos investigados por meio da aplicação de estratégias de interpretação e análise de dados qualitativos. Conforme apontado por Flick (2009), a reflexividade do pesquisador é um aspecto fundamental nos processos de análise qualitativa, onde impressões, sentimentos e reflexões acabam por ser ancoradas em experiências e observações realizadas. Outro ponto de grande destaque é o fato desta abordagem investigativa possuir um maior potencial de identificação e interpretação de nuances e subjetividades eventualmente presentes nos fenômenos estudados.

De acordo com Haguette (2011), a pesquisa qualitativa alcança um maior aprofundamento e contextualização devido à sua ênfase na avaliação de particularidades e subjetividades, assim como no aporte ao entendimento de origens e motivações associadas à pesquisa. A pesquisa qualitativa se caracteriza por abordagens metodológicas diversas, como estudos de caso, teoria fundamentada, etnografia, pesquisa histórica e fenomenológica (Haghim *et al.*, 2019). Cada uma

dessas abordagens possui suas próprias características e aplicações, porém todas compartilham o objetivo de compreender, em profundidade, os fenômenos a partir de uma perspectiva versada no holístico, subjetivo e exploratório.

Neste estudo se propõe a utilização, de maneira complementar, das abordagens quantitativa e qualitativa, de forma a se prover uma análise mais abrangente e profunda dos conteúdos circulantes no canal do Telegram analisado, assim como no conjunto amostral de notícias considerado. Por meio desta convergência metodológica se busca uma compreensão holística focada tanto em aspectos mensuráveis quanto nos subjetivos. Em termos quantitativos se consideram aspectos estatísticos presentes no volume, frequência e tipo de conteúdo compartilhado. Seguindo um viés qualitativo, o foco está nas análises dos conteúdos textuais circulantes no canal.

2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O desenvolvimento da pesquisa é instrumentalizado por meio do *framework* DAFIM (*Data Analysis Framework for Information and Media*), proposto por Cordeiro, Lopezosa e Guallar (2025) e análise de conteúdo estabelecida com base na observação e análise dos achados obtidos a partir dos procedimentos computacionais realizados (Malik; Pfeffer, 2016).

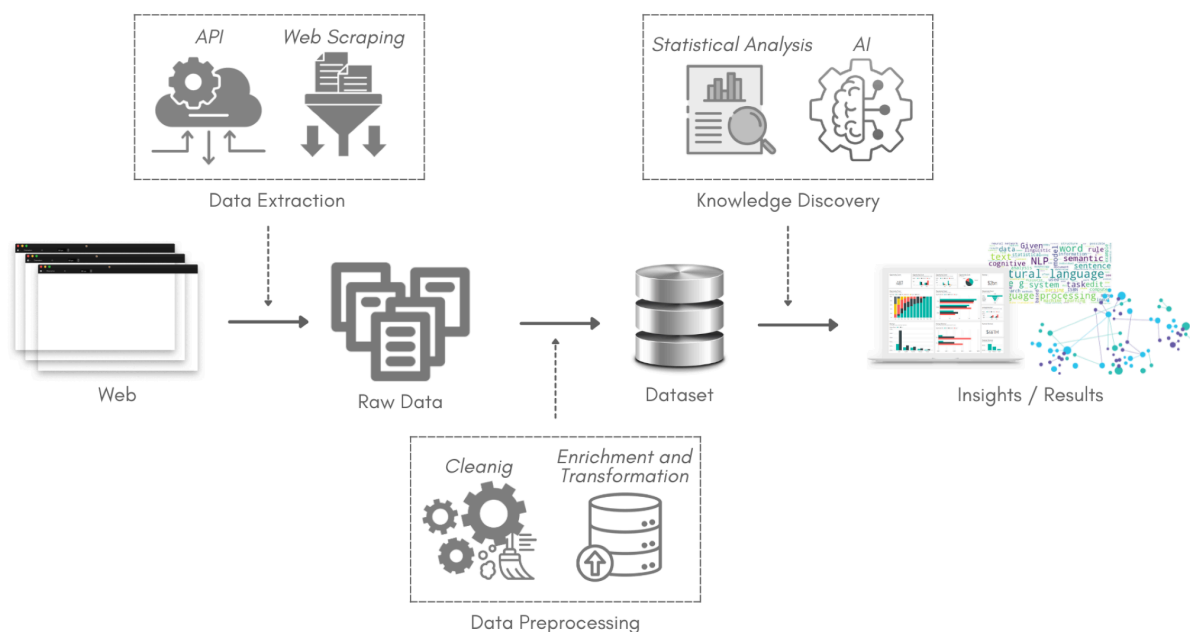
2.2.1 O DAFIM (*Data Analysis Framework for Information and Media*)

O DAFIM (*Data Analysis Framework for Information and Media*) é um instrumento metodológico integrado que combina técnicas de inteligência artificial (IA) e métodos estatísticos para a exploração e análise de dados provenientes de plataformas de mídia digital. Este framework abrange todas as etapas do ciclo analítico, incluindo a coleta de dados por meio de APIs e web scraping, o processamento e enriquecimento dos textos, utilizando soluções de IA como o reconhecimento de entidades nomeadas (NER) e a detecção de *clickbait*, além de técnicas de análise de sentimento e agrupamento de textos (*clustering*). Sua aplicação permite a identificação de padrões narrativos, tendências de conteúdo e estratégias de manipulação de conteúdos, contribuindo para estudos de

comunicação digital, monitoramento de informações e suporte à tomada de decisão baseada em dados. O uso do *framework* DAFIM se justifica por apresentar um percurso norteador para o tratamento de grandes volumes de dados textuais, auxiliando a geração de informação relevante em contextos variados de análise de mídia e informação digital.

A arquitetura do DAFIM é composta por três etapas principais que estruturam o processamento e a análise de dados textuais de plataformas digitais (Figura 1). A primeira etapa, de extração de dados, envolve a coleta de informações a partir de fontes múltiplas, o que pode ser realizado através de soluções baseadas em descarga direta, APIs (*Application Program Interface*) ou técnicas de *web scraping*, de maneira a potencializar a obtenção de dados representativos e atualizados. É importante ressaltar que as práticas de obtenção de dados devem estar alinhadas aos princípios éticos e legais pertinentes ao contexto das plataformas digitais consideradas. A segunda etapa, de enriquecimento de dados, compreende o processamento dos dados, incluindo tarefas de limpeza, normalização e a aplicação de técnicas de inteligência artificial. Por fim, a terceira etapa, de descoberta de conhecimento, emprega algoritmos de mineração de dados, inteligência artificial e técnicas estatísticas para realizar tarefas como classificação, agrupamento e análise de sentimento, possibilitando a identificação de padrões, tendências e estratégias discursivas nos conteúdos analisados.

Figura 1. Arquitetura DAFIM



Fonte: Cordeiro et al. (2025).

2.2.2 Objeto e Seleção de Dados

Considerando que o objetivo central desta pesquisa, a seleção dos dados contempla dois canais distintos: por um lado, um canal temático no Telegram caracterizado pela difusão de narrativas contrárias à vacinação: o canal @antivaxxx; por outro, o portal G1, representando a mídia jornalística digital tradicional. As coletas foram realizadas no dia 1º de julho de 2025, abrangendo o período de 19 de maio de 2020 a 30 de junho de 2025. A extração dos dados foi conduzida por meio de técnicas de *web scraping*, conforme as diretrizes metodológicas estabelecidas pelo framework DAFIM. Ao todo, foram obtidas 19.354 mensagens do grupo no Telegram e 2.776 notícias publicadas pelo G1 (resultante de uma filtragem pelo termo “vacinação”, compondo o corpus da análise.

O Telegram foi lançado em 2013 por Pavel e Nikolai Durov, contando aproximadamente com 700 milhões de usuários ativos mensais (Hou; Wang; Wang, 2023). Trata-se de um serviço de mensagens instantâneas, no qual os usuários podem enviar mensagens privadas entre si, mas também possui funcionalidades de rede social, como canais e grupos que os usuários podem integrar (Marechal, 2018).

Os canais no Telegram atuam como meio de transmissão de informações por meio de postagens visíveis a todos os usuários inscritos no canal. Os canais têm um ou mais administradores que controlam as configurações e têm permissão para fazer postagens com conteúdo (Telegram, s.d.). Dependendo das configurações determinadas pelos administradores, os inscritos podem comentar essas postagens e responder aos comentários de outros usuários.

Já os grupos no Telegram funcionam como bate-papos coletivos compostos por usuários que optam por participar do grupo. Os grupos podem ter um ou mais administradores ou moderadores com privilégios especiais. Os usuários podem encontrar canais para se inscrever pelo nome do canal ou por um URL (localizador uniforme de recursos). Para ingressar em grupos, os usuários podem receber convites ou URLs de outros usuários. As mensagens em canais e grupos são principalmente textuais, mas podem conter arquivos multimídia, como imagens e vídeos. Também é possível encaminhar mensagens de outros canais para uma conversa.

O Telegram se destaca de outras plataformas sociais por ser essencialmente uma plataforma de mensagens. A principal diferença em relação a outras redes sociais, como Facebook, Instagram e X, por exemplo, é que os usuários do Telegram não possuem amigos ou seguidores públicos, mas sim contatos, semelhante ao que é observado no aplicativo de mensagens Whatsapp (Herasimenka, 2022). Além disso, usuários também não possuem um "painel público" ou "página" onde postam mensagens e compartilham conteúdo com seguidores ou o público em geral. No entanto, os usuários têm a capacidade de criar um canal que serve a esse propósito.

Essa particularidade do Telegram como uma plataforma de mensagens central se reflete na dinâmica de interação, na ausência de uma estrutura de rede social convencional e na ênfase na privacidade das comunicações (Garcia, 2022). Esses elementos distintivos contribuem para uma experiência única de usuário e

destacam a diversidade de funções que o Telegram oferece em comparação com outras plataformas de mídia social.

Os usuários do Telegram contam com opções de privacidade bastante robustas. Seu nome de usuário, grupos e canais aos quais pertencem podem ser ocultados e mantidos em sigilo. Os usuários têm uma página de "Informações do Usuário" para exibir seu nome de usuário e compartilhar uma biografia opcional; no entanto, não são obrigados a compartilhar nenhuma informação aqui.

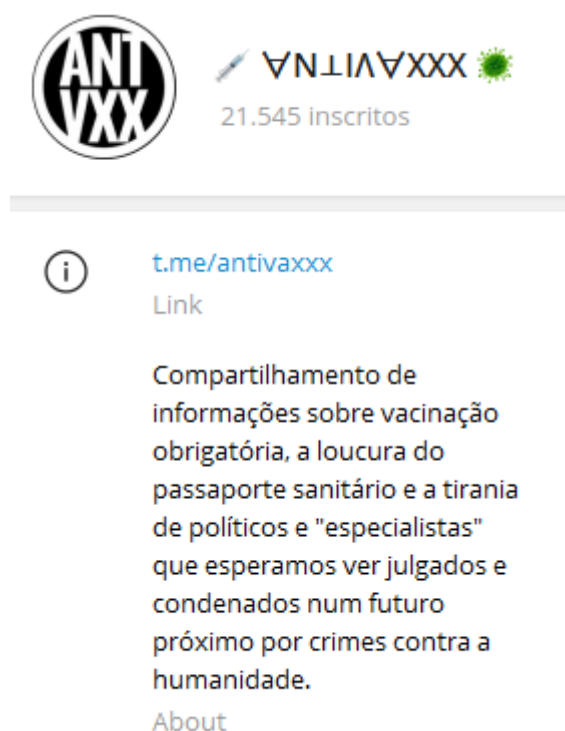
O principal atrativo do Telegram para os usuários reside na política de privacidade e na postura da plataforma em relação à liberdade de expressão (Wijermars; Lokot, 2022). O Telegram não utiliza os dados do usuário para exibir anúncios. Eles também permitem conversas secretas com criptografia de ponta a ponta, de modo que o Telegram não pode acessar o conteúdo dessas mensagens secretas. O Telegram geralmente não atende a pedidos de remoção de conteúdo de terceiros. No caso de conteúdo disponível publicamente que se originam de *bots* e canais, a plataforma processa as solicitações relacionadas a violações de propriedade intelectual, pornografia e atividade terrorista. No entanto, eles não atendem a pedidos de remoção de conteúdo decorrentes de restrições locais à liberdade de expressão, independentemente das leis locais.

De acordo com o Telegram, eles dividem as chaves criptográficas em partes e as armazenam, juntamente com os dados a que se referem, em locais diferentes (Telegram, s.d.b). A ideia é que todos os dados necessários para qualquer conteúdo estejam distribuídos por diferentes jurisdições para aumentar os requisitos que precisam ser cumpridos antes de serem obrigados a fornecer dados. Essa política resultou em nenhuma divulgação de dados a terceiros ou governos. Essas medidas visam garantir a máxima segurança e proteção da privacidade dos usuários no contexto da utilização da plataforma Telegram.

No âmbito desta pesquisa, analisa-se o canal do Telegram @antivaxxx, que está ativo desde a sua data de criação, 28 de abril de 2020, contando com 21.545 inscritos na data da extração dos dados, sendo assim justificada sua relevância e,

por isso, sua escolha para análise nesta tese. Seu nome remete à expressão em inglês *antivaxxer*, que, ao ser traduzida, significa antivacina, ou seja, indivíduos ou grupos que se opõem às vacinas e à sua obrigatoriedade dentro de um sistema de saúde pública. A Figura 2 apresenta uma visualização das informações descritivas do canal dentro da própria aplicação do Telegram.

Figura 2. Descrição do canal antivacina no Telegram.



Fonte: Telegram, 2025.

Na dinâmica de publicações do canal, apenas os administradores podem postar, sendo que as postagens saem com o nome do canal, e não com a identificação do indivíduo que a veiculou. Observa-se, portanto, que nesta plataforma existe uma proteção a mais quanto à privacidade dos usuários em relação a outras, o que pode ser um facilitador para a disseminação de desinformação e *fake news* sem receio de identificação. Cabe ressaltar que não é possível precisar, com exatidão, em que época, exatamente, os usuários entraram no canal.

Com relação à análise da circulação de conteúdo jornalístico sobre vacinação, a inclusão das notícias veiculadas pelo portal G1 como parte do corpus desta pesquisa justifica-se pela relevância e alcance desse veículo no ecossistema da informação digital no Brasil. Como um dos principais portais de notícias do país, pertencente ao Grupo Globo, o G1 apresenta ampla cobertura jornalística, alta frequência de atualizações e grande capilaridade junto ao público nacional, sendo uma fonte representativa do discurso informativo institucionalizado (Alves, 2023). A escolha por esse veículo visa oferecer um contraponto qualificado à circulação de desinformação, permitindo uma análise comparativa entre a narrativa jornalística profissional e os conteúdos disseminados em ambientes marcados por menor regulação editorial. Nesse sentido, os dados do G1 possibilitam observar como determinados temas são abordados sob a lógica do jornalismo tradicional, favorecendo a identificação de contrastes, disputas de sentido e possíveis convergências de conteúdo entre os dois contextos informacionais.

2.2.3 Pré-processamento de Dados

O pré-processamento de dados se destaca como uma etapa de fundamental importância na análise de dados textuais, principalmente daqueles provenientes de ambientes de interação social, como é o caso da plataforma de mensagens Telegram. Esta etapa busca garantir que os dados brutos obtidos apresentem a qualidade e confiança necessária para a aplicação das soluções analíticas exploradas (Amaral, 2016).

No contexto específico do Telegram, plataforma de mensagens instantâneas popularizada por sua natureza informal e dinâmica, o pré-processamento assume um papel importante no tratamento e padronização textual em decorrência da própria natureza dos conteúdos, eventualmente ruidosos ou inconsistentes em termos de escrita. Além disso, o pré-processamento também atua na identificação de elementos específicos como menções a usuários, uso de links ou emojis.

Neste estudo, os dados extraídos do Telegram foram submetidos a uma rotina computacional que explora soluções de expressões regulares (Nield, 2019) para

identificação de presença de *links* e padronização textual por meio da identificação de radicais de palavras. Para além das questões diretamente textuais, durante o pré-processamento também se identificou, nas publicações com compartilhamento de mídia, o tipo utilizado, se imagem ou vídeo. Para os dados provenientes do G1, considerando o rigor característico das construções textuais jornalísticas, foram realizadas apenas intervenções no sentido de padronização textual através da identificação de radicais de palavras, de forma semelhante ao realizado com os dados do Telegram. A partir disso, todo o conjunto de dados foi consolidado em uma estrutura tabular do tipo csv (*comma separated values*).

2.2.4 Descoberta de Conhecimento

A etapa de descoberta do conhecimento, alinhada ao disposto no *framework* DAFIM, se refere a um processo que busca identificar padrões, relações e tendências não evidentes. No contexto do presente estudo envolve a aplicação de técnicas de análise estatística, mineração de dados e visualização de dados.

2.2.4.1 Análise descritiva de dados

A análise descritiva pode ser descrita como uma técnica ancorada na estatística e na ciência de dados que se concentra na descrição e interpretação de conjuntos de dados através da sumarização quantitativa (Jones; Goldring, 2022). Por meio da realização da análise descritiva, é possível quantificar indicadores essenciais para compreender as dinâmicas do canal analisado. Esses indicadores incluem a série temporal sobre o volume de publicações, bem como o uso de imagens, vídeos e links. A análise desses elementos apoia a compreensão dos padrões de circulação de conteúdos no canal do Telegram, assim como nos dados de circulação de notícias pelo G1, permitindo uma avaliação sobre estratégias e conteúdos circulantes.

2.2.4.2 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo, como parte integrante da abordagem metodológica adotada neste estudo, fundamenta-se no emprego de estratégias que se sustentam

na aplicação de soluções de mineração de dados e visualização de informações. Neste estudo, tais estratégias concentram-se na utilização de algoritmos de identificação de elementos centrais do corpus textual e na criação de grafos de similitude.

Para a identificação dos principais elementos textuais presentes nos conjuntos de dados analisados foi empregado o algoritmo de sumarização extrativa *TextRank*. O *TextRank* é um algoritmo de sumarização textual automática baseado em grafos, proposto por Mihalcea e Tarau (2004), inspirado no algoritmo PageRank, utilizado originalmente pelo Google para ranqueamento de páginas na web. Sua lógica central parte do pressuposto de que elementos textuais (como palavras ou sentenças) que mantêm relações de coocorrência ou similaridade com outros elementos relevantes tendem a ser, elas mesmas, relevantes dentro do conjunto analisado. Desta maneira, o *TextRank* constrói um grafo em que os vértices representam unidades textuais (geralmente sentenças em tarefas de resumo), e as arestas entre os vértices são ponderadas de acordo com a similaridade lexical entre os pares de sentenças. A estratégia de uso de grafos não tem, necessariamente, relação com a visualização de dados.

A partir da construção do grafo, o algoritmo *TextRank* aplica uma iteração recursiva de ranqueamento, atribuindo a cada vértice um valor de importância que depende da importância dos vértices aos quais está conectado. Após a convergência do processo, as sentenças com os maiores valores de ranqueamento são selecionadas como as mais relevantes do texto. No contexto da sumarização extrativa, essas sentenças compõem o resumo final, permitindo condensar o conteúdo mantendo a coerência e a representatividade temática do texto original. O *TextRank* é amplamente adotado em tarefas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) por sua eficácia, simplicidade e independência de treinamento supervisionado (Gulati *et al.*, 2023). Sob o ponto de vista prático, o procedimento foi implementado por meio da biblioteca Python Sumy, consistindo na utilização do módulo *PlaintextParser* para a leitura e preparação dos textos, seguido pela tokenização, permitindo a geração dos resumos automáticos, ou seja, a identificação

das sentenças mais representativas segundo a importância estrutural dentro do corpo textual.

A aplicação do TextRank ocorreu separadamente em cada um dos dois corpora, permitindo extrair, de forma objetiva, os dez elementos textuais mais relevantes em cada contexto discursivo. No caso do canal do Telegram, o corpus foi composto pela concatenação das mensagens coletadas no período delimitado; no caso do G1, os dados consistiram dos títulos das matérias jornalísticas. Essa estratégia visa identificar os tópicos mais recorrentes e centrais em cada ambiente, de modo a subsidiar uma análise comparativa entre o conteúdo informacional disseminado pelo canal do Telegram e o promovido por um veículo jornalístico. Além disso, a sumarização utilizada como recurso exploratório apoia a identificação de padrões léxico-discursivos dominantes e, desta maneira, juntamente com a análise dos grafos de similitude, a análise qualitativa e interpretativa dos conteúdos circulantes.

A geração dos grafos de similitude é implementada por meio do software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Os grafos de similitude são representações visuais baseadas na coocorrência de palavras dentro de um corpus textual, construídas a partir da análise das frequências e associações entre termos em segmentos de texto. Nessa estrutura, os nós correspondem às palavras e as arestas indicam o grau de associação entre elas, conforme a proximidade com que ocorrem nos mesmos contextos. A aplicação dessa técnica permite identificar núcleos de sentido e redes léxicas que expressam os temas recorrentes e as relações semânticas mais relevantes no material analisado. De forma conjunta com a sumarização textual, os grafos de similitude apoiam a análise de conteúdo oferecendo suporte visual e estatístico, ao evidenciar padrões de conteúdos, articulações temáticas e possíveis polarizações presentes nos dados textuais.

3 MOVIMENTO ANTIVACINA E DISSEMINAÇÃO DE DESINFORMAÇÃO

Atualmente, é evidente a presença dos diversos dispositivos móveis conectados à Internet em vários contextos sociais, assim como uma extrema interconexão dos indivíduos com tais dispositivos, corroborando a perspectiva de McLuhan (1998), um dos principais estudiosos da Escola Canadense de Comunicação, sobre os meios de comunicação como extensões do próprio corpo humano. Essa interligação gera nos usuários da Internet uma crescente demanda por consumir informações de forma cada vez mais ágil, resultando no que se pode denominar insegurança informacional (Ramonet, 2013), devido à sobrecarga e rapidez na circulação de dados. Nesse contexto, a validade e autenticidade de certos conteúdos tornam-se suscetíveis quando são apresentados de maneira acelerada, pois frequentemente falta tempo e interesse ao usuário para verificar a procedência das informações recebidas e compartilhadas.

No contexto atual, a disseminação da desinformação e das notícias falsas tem crescido de maneira exponencial, alimentada pela rápida propagação de conteúdo nas redes sociais digitais. Essas plataformas conectam os usuários em seus grupos de interesses afins (Santaella; Cypriano, 2018), oferecendo-lhes notícias sob medida que reforçam suas convicções, unindo-os e isolando-os em suas bolhas ideológicas cada vez mais estreitas. Essa fragmentação do espaço informacional virtual pode acentuar ainda mais as divisões sociais e políticas, dificultando o diálogo e a construção de consensos em uma sociedade plural.

Assim, as notícias falsas, ao explorarem as preferências relacionadas às convicções individuais, promovendo ideias muitas vezes infundadas, colaboram para a configuração de um ambiente conhecido como pós-verdade (Kakutani, 2018; Ferrari, 2018), onde se percebe uma desvalorização da verdade. É perceptível, também, que a ascensão da Web 2.0 facilitou a produção e o compartilhamento de uma ampla gama de conteúdos pelo usuário com maior agilidade, o que contribuiu para a consolidação desse cenário de desinformação e fake news, embora tais fenômenos não sejam novidades da contemporaneidade.

A dinâmica mencionada contribui para a ampliação do cenário de incerteza informativa (Moretzsohn, 2017), que, quando fortalecido, reforça ainda mais a adesão a teorias conspiratórias e narrativas enganosas e, por conseguinte, intensificando um certo ceticismo por parte dos indivíduos em relação às instituições democráticas e aos processos de validação científica (D'ancona, 2018). Esse fenômeno pode ter um impacto significativo na confiança da população em medidas de saúde pública, como é o caso das vacinas, que passaram por rigorosos testes e foram aprovadas para uso em seres humanos. Essa desconfiança pode resultar em consequências graves para a saúde coletiva, especialmente em situações de pandemia.

Um conceito essencial associado à desinformação é o das "bolhas", também conhecidas como "câmaras de eco" (Santaella; Cypriano, 2018). Elas referem-se a ambientes circunscritos de informação em nível individual e coletivo, muitas vezes reforçando convicções pré-existentes dos usuários das redes. O termo "câmaras de eco" destaca a personalização da experiência online do usuário. Quando os indivíduos utilizam mecanismos de busca na Internet para encontrar conteúdos de seu interesse, os algoritmos tendem a fornecer cada vez mais materiais que parecem ser relevantes para o usuário, acompanhando suas preferências e dando origem a novos espaços digitais.

Nesses espaços chamados de "salas espelhadas" ou "câmaras de eco", o comportamento do usuário espelha sua identidade na relação com o outro semelhante a si (Mansera, 2019). Aqui, pessoas com interesses similares tendem a ser agrupadas em uma espécie de esfera, uma bolha, formada pela customização dos filtros oferecidos pelos algoritmos. Como observado por Santaella e Cypriano (2018), nesses ambientes, os usuários são expostos principalmente a visões tendenciosas dentro de um espectro político. Essa inclinação à unidimensionalidade contribui para a criação e consolidação de certas convicções, resultando em uma rigidez de pensamento e um distanciamento progressivo do usuário em relação a outros assuntos que orbitam fora de suas esferas (Vieira, 2021), potencialmente

alimentando preconceitos, teorias conspiratórias e a aceitação de notícias falsas como verdades.

Neste ambiente caótico, pautado pelo excesso de informações, a exposição a conteúdos fraudulentos, como as *fake news*, muitas vezes desencadeia respostas típicas do cenário pós-verdadeiro. Aqui, sentimentos como empolgação e temor, deflagrados pelo sensacionalismo típico das notícias falsas, frequentemente orientam indivíduos a adotarem uma visão simplificada de processos políticos e sociais profundamente mais complexos do que aparentam ser. Um estudo conduzido pela revista *Science*, em 2018, revelou que uma pessoa tem 70% mais chances de compartilhar uma notícia falsa em suas redes sociais do que uma notícia verdadeira. Esse fenômeno é atribuído ao apelo emocional dos conteúdos fraudulentos, que provocam reações como surpresa e medo, emoções primitivas do cérebro humano, em detrimento da natureza segura e, muitas vezes, previsível das notícias verdadeiras, que por vezes entram em conflito com as crenças de certos indivíduos e grupos (Vosoughi *et al.*, 2018). Dentro deste contexto, várias questões relacionadas à saúde pública podem ser examinadas, onde uma interpretação equivocada pode levar a comportamentos de risco, como a recusa de vacinação.

Segundo Martín-Barbero (2006), as interações dos indivíduos com as tecnologias nesse espaço virtualizado estimulam a configuração de grupos específicos que consomem, produzem e compartilham conteúdo. Dentro do contexto do movimento antivacinação, ao disseminarem informações enganosas, esses grupos introduzem distorções nas redes, potencialmente facilitando encontros presenciais ou virtuais e, conseqüentemente, ações guiadas por suas convicções. Esse engajamento pode fortalecer os laços comunitários entre os membros do canal, reforçando suas ideias e ampliando o alcance de suas mensagens, o que pode resultar em conseqüências significativas para a saúde pública.

Nas plataformas de mídia social, é possível identificar a criação de uma virtualização territorial (Martín-Barbero, 2006), onde distintos grupos compartilham informações fraudulentas sobre tais temas e outros, promovendo um clima de temor

típico da era pós-verdade. Esse fenômeno é particularmente evidente no contexto dos anti-vaxxers, comunidades que se opõem à vacinação apesar das vastas evidências científicas que sustentam sua eficácia e segurança. Essa persistência na disseminação de desinformação pode ter sérias repercussões na saúde pública, exacerbando problemas como surtos de doenças preveníveis por vacinação.

Apesar das medidas adotadas para mitigar os riscos à saúde em diferentes contextos sociais, nota-se uma resistência deliberada por parte de muitos pais em relação à vacinação de seus filhos. Essa oposição tem suas raízes no conflito entre as políticas públicas de imunização e os discursos que defendem as liberdades individuais, uma discussão que remonta à Inglaterra do século XIX (Vasconcellos-Silva; Castiel; Griep, 2015). Essa tensão entre o bem-estar coletivo e as liberdades individuais continua a alimentar debates contemporâneos sobre saúde pública e direitos individuais, destacando a complexidade das questões éticas e sociais envolvidas na tomada de decisões relacionadas à vacinação.

As iniciativas de conscientização sobre a importância da vacinação têm dificuldade em causar impacto positivo nessas bolhas, que surgem como reflexo de uma cultura de um pretenso risco das vacinas, nas quais há uma desconfiança em relação ao peso das evidências científicas, o que contribui para o surgimento de ameaças globais "em confluência ampliada pelos ciclos de enunciação autorreferenciadora da sociedade midiaticizada contemporânea" (Vasconcellos-Silva; Castiel; Griep, 2015, p. 609). Essa resistência às evidências científicas sólidas destaca a importância não apenas de campanhas de conscientização, mas também de abordagens mais abrangentes que considerem as dinâmicas sociais e culturais subjacentes à recusa da vacinação, englobando ações de curto, médio e longo prazo na educação da sociedade em relação aos benefícios da imunização por vacinas.

Os materiais intencionalmente enganosos disseminados sobre esse assunto resultam em um sério declínio da confiança de muitos pais, que invocam o argumento do respeito às convicções pessoais (Vasconcellos-Silva; Castiel; Griep,

2015) como justificativa para sua omissão em vacinar seus filhos, ignorando a importância crucial do calendário vacinal para o controle, prevenção e erradicação de surtos epidêmicos. Essa atitude negligente não só compromete a saúde individual das crianças, mas também coloca em risco a saúde coletiva, expondo comunidades inteiras ao perigo de doenças evitáveis por meio de vacinação.

Nota-se que essas convicções, frequentemente influenciadas pela valorização de experiências pessoais, levam os indivíduos que as abraçam a dar importância a uma forma de autoridade baseada na experiência vivida (Sacramento, 2018), nível de evidência baixíssimo na medicina baseada em evidências (relato de caso). Essa forma de autoridade possui uma forte ênfase na testemunha ocular, reforçando a ideia de que a verdade sobre determinado assunto pode ser alcançada através de experiências subjetivas e dogmas compartilhados em determinados grupos, sejam eles religiosos, políticos ou relacionados ao estilo de vida, em detrimento das evidências científicas de alto padrão que embasam as pesquisas sobre a segurança, eficácia e os benefícios da vacinação.

Sobre o contexto mencionado anteriormente, uma pesquisa conduzida por Oliveira *et al.* (2020) revelou aspectos significativos sobre a disseminação de três controvérsias de informação científica relacionadas à saúde em páginas e grupos brasileiros no Facebook, abordando o movimento antivacina, o uso da fosfoetanolamina e da Mineral Miracle Solution (MMS). Os pesquisadores destacaram uma expressão relevante atualmente, denominada *fake science*, que representa um cenário de conflito em torno da apropriação de discursos científicos para disseminar informações que contradizem as próprias pesquisas científicas. A *fake science* pode surgir a partir de fraudes científicas ou da politização enviesada da ciência, sendo empregada na divulgação de desinformação sobre ciência e saúde.

Nesse contexto, Oliveira *et al.* (2020) alcançaram conclusões significativas, destacando que a credibilidade científica é um elemento crucial mesmo ao tentar fundamentar certas informações falsas no âmbito da saúde, sendo frequentemente

utilizada como meio de persuasão junto ao público. Observou-se também que o campo de batalha formado por uma *fake science* abrange quatro aspectos essenciais: interesses comerciais em torno de soluções rápidas e alternativas para questões de saúde; recurso ao sistema judiciário para discutir o direito à informação e garantir o acesso a tratamentos alternativos; sistema de reputação que busca influenciar políticas públicas e alocar recursos para tratamentos controversos; e, por fim, uma desconfiança nas instituições de conhecimento, levando indivíduos a confiarem em narrativas pessoais baseadas em testemunhos individuais.

Há cerca de três décadas, têm circulado informações enganosas sobre uma possível ligação entre a vacina tríplice viral, que combate o sarampo, a caxumba e a rubéola, ao autismo. A vacina tríplice, neste contexto, é um dos principais alvos das distorções disseminadas pelo movimento antivacina, ideia que é consequência de um artigo repleto de vieses e conflitos de interesses publicados em 1998 em um periódico de renome na área da saúde (Vieira, 2021). É relevante destacar que as vacinas, assim como qualquer outro medicamento, não estão isentas de riscos (Waldman *et al.*, 2011). No entanto, a sua adoção como medida de imunização em massa é fundamentada na sua segurança, eficácia e acessibilidade, priorizando esses aspectos em vez dos riscos de eventos adversos pós-vacinação (EAPV), que são frequentemente exagerados pelos movimentos antivacina para sustentar as informações falsas que divulgam. Nos últimos anos, percebeu-se, infelizmente, o retorno do sarampo, já considerado erradicado, pela baixa cobertura vacinal em virtude da prevenção dos pais em relação à segurança desta vacina (Vieira, 2021).

Quando os movimentos antivacinação enfatizam amplamente os potenciais perigos e efeitos negativos das vacinas, eles causam temor em certos indivíduos, que passam a acreditar que evitar a imunização é uma forma de cuidado consigo mesmos. Além disso, promove-se uma defesa intransigente da autonomia na tomada de decisões, mesmo que algumas dessas escolhas sejam prejudiciais tanto em nível individual quanto coletivo. Essa promoção da autonomia desconsidera os riscos reais associados à não vacinação, que podem resultar em surtos de doenças evitáveis e danos à saúde pública.

O que os adeptos do movimento antivacinação consideram como um cuidado excessivo está relacionado, em primeiro lugar, com a intensa percepção de risco gerada por uma abordagem excessivamente preventiva (Sacramento, 2018), no entanto, não se limita a essa concepção. Há também a necessidade de reafirmar sua autonomia como parte essencial da sua existência, visto que, se o indivíduo tem liberdade para tomar suas próprias decisões e escolhas, inclusive em questões de saúde, ele pode optar, no contexto da vacinação, por decidir não se imunizar através destes fármacos. Essa linha de pensamento é promovida por grupos antivacinação presentes nas redes sociais online (Vieira, 2021). Esses grupos frequentemente enfatizam a ideia de liberdade de escolha e autonomia individual como fundamentais, mesmo que isso implique em decisões que possam ter impactos negativos em nível individual e coletivo.

3.1 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ANTIVACINA

Ao longo da história da humanidade, o surgimento das vacinas representou um marco crucial na luta contra doenças infecciosas. Desde as práticas rudimentares de variolação na China antiga até as descobertas visionárias de Louis Pasteur e Edward Jenner, as vacinas têm desempenhado um papel fundamental na erradicação e controle de doenças. Jenner, em 1796, desenvolveu a primeira vacina bem-sucedida contra a varíola bovina, que mais tarde foi adaptada para prevenir a varíola humana, inaugurando uma nova era na medicina preventiva (Jenner, 1798). Pasteur, por sua vez, criou a primeira vacina contra a raiva em 1885, demonstrando o poder da imunização na prevenção de doenças que poderiam ser letais (Levi, 2013).

Entretanto, com o avanço da ciência e a disseminação do conhecimento sobre essa categoria de imunobiológicos, surgiu também o movimento antivacinação. Este movimento, embora tenha ganhado maior visibilidade nos últimos anos, remonta ao próprio surgimento das vacinas. Uma das primeiras resistências documentadas ocorreu no século XIX, durante a vacinação obrigatória contra a varíola na Inglaterra, resultando em tumultos e até mesmo em leis

anti-vacinação (Wolfe, 2002). Desde então, o movimento antivacinação tem se manifestado de diversas formas, desde a oposição às políticas de vacinação obrigatória até a propagação de teorias conspiratórias sobre os efeitos adversos das vacinas, os quais podem ocorrer, como em relação a qualquer fármaco testado e aprovado para uso em massa, mas quando seguro, ocorre em proporções mínimas, sendo o risco muito menor do que o benefício.

Ao longo do tempo, o movimento antivacinação ganhou adeptos em várias partes do mundo, especialmente em países mais desenvolvidos, onde a informação é amplamente acessível (Vasconcellos-Silva; Castiel; Griep, 2015). Nos Estados Unidos, por exemplo, grupos antivacinação têm influenciado políticas públicas e causado declínios preocupantes nas taxas de vacinação em algumas comunidades. No Reino Unido, movimentos antivacinação têm sido associados a surtos de doenças preveníveis por vacinas, como o sarampo, prevenível através da tríplice viral, uma das vacinas mais controversas que existe em todo o mundo (Vieira, 2021; Vieira; Cordeiro, 2023), evidenciando os impactos negativos dessas ideologias na saúde individual e coletiva .

No Brasil, embora o movimento antivacinação não tenha alcançado a mesma proporção que em outros países, ainda existem grupos e indivíduos que questionam a segurança e eficácia das vacinas (Vasconcellos-Silva; Castiel; Griep, 2015). Esses movimentos se baseiam em informações falsas ou distorcidas, ou em relatos de eventos adversos pós-vacinação superestimados, o que pode minar a confiança da população nas campanhas de vacinação. A desinformação sobre vacinas tem sido disseminada através de diferentes canais, incluindo redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, desafiando os esforços das autoridades de saúde em promover a vacinação e controlar surtos de doenças infecciosas e facilmente preveníveis por esta categoria de imunobiológicos.

Atualmente, o movimento antivacinação agrava a saúde da sociedade impondo novos desafios, especialmente com a disseminação de desinformação nas redes sociais e em plataformas online. A pandemia de COVID-19, por exemplo, gerou um aumento significativo na propagação de teorias conspiratórias e ceticismo

em relação às vacinas, representando um obstáculo adicional na luta contra esta doença recente e potencialmente contagiosa (Bezerra; Magno; Maia, 2021). O fenômeno da desinformação tem levado muitas pessoas a recusarem a vacinação, colocando em risco não apenas suas próprias vidas, mas, também, a dos demais pares que convivem consigo em sociedade.

Em suma, o surgimento das primeiras vacinas marcou um avanço expressivo na saúde pública, salvando milhões de vidas ao longo dos últimos séculos e aumentando a longevidade dos indivíduos. No entanto, os grupos antivacinação continuam a desafiar os esforços de saúde global, destacando-se, neste cenário, a necessidade contínua de empenho em torno da educação, da comunicação eficaz e da ciência baseada em evidências na promoção da vacinação e na prevenção de doenças infecciosas.

3.2. EFICÁCIA E SEGURANÇA DAS VACINAS ADOTADAS PELO PROGRAMA NACIONAL DE IMUNIZAÇÕES DO BRASIL: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS ATUAIS

No cenário contemporâneo da saúde pública brasileira, as vacinas desempenham um papel fundamental na prevenção de doenças infecciosas e na promoção da saúde da população. No Brasil, assim como em países desenvolvidos, o Calendário Nacional de Vacinação abarca não apenas as crianças, mas também adolescentes, adultos, idosos, gestantes e povos indígenas. São disponibilizadas, ao todo, 19 vacinas, as quais iniciam a proteção desde os recém-nascidos e estendem-se ao longo de toda a vida (Ministério da Saúde, s.d).

O Programa Nacional de Imunizações do Brasil (PNI) destaca-se como um dos maiores e mais eficazes do mundo na oferta desse tipo de imunobiológicos para a população. Com vacinas direcionadas a todas as faixas etárias e a promoção de campanhas anuais para a atualização da caderneta de vacinação, o país propicia a proteção da saúde de seus cidadãos de forma abrangente e eficaz.

As vacinas, portanto, são um tipo de prevenção por proteção específica altamente seguras, que promovem a ativação do sistema imunológico, gerando

proteção contra doenças transmissíveis. Quando empregadas como estratégia de saúde pública, são reconhecidas como um dos investimentos mais eficazes em saúde, levando em conta o custo e os benefícios³.

Nesse sentido, um extenso corpo de pesquisas científicas continua a fornecer evidências robustas quanto à eficácia e à segurança desses imunizantes incluídos no PNI do Brasil. Estudos recentes têm enfatizado a importância dessas vacinas na redução da incidência de doenças, culminando, portanto, na promoção individual e coletiva de saúde.

Uma das vacinas mais amplamente administradas pelo PNI é a vacina contra a poliomielite. Pesquisas já demonstraram, de maneira consistente, a eficácia da vacina oral contra a poliomielite (VOP) e da vacina inativada contra a poliomielite (VIP) na prevenção da paralisia associada aos três sorotipos de poliovírus (Troy *et al.*, 2020; Estívariz *et al.*, 2019). Esses estudos reforçam a importância da manutenção das altas taxas de cobertura vacinal para a erradicação global da poliomielite, uma doença de fácil prevenção com a adesão à vacinação.

A vacinação contra o sarampo, caxumba e rubéola (tríplice viral) também é de suma importância e tem sido extensivamente adotada pelo PNI brasileiro. Nesse cenário, pesquisas recentes como as de Zipursky *et al.* (2021) e Clemmons *et al.* (2019) evidenciam a eficácia e segurança desta vacina na prevenção dessas doenças altamente contagiosas, embora seja possível observar alguns surtos de sarampo, atualmente, em virtude da não adesão de muitos à imunização pelas vacinas, culminando na queda da cobertura vacinal e consequente ressurgimento da doença já considerada erradicada no Brasil (Peres *et al.*, 2022).

A vacina contra a febre amarela é também fundamental para a saúde pública brasileira. Estudos como os de Monath *et al.* (2020) e Gotuzzo *et al.* (2018) destacam a eficácia e segurança desta vacina na prevenção da transmissão da

³ Programa Nacional de Imunizações - Vacinação. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/pni>. Acesso em: fev. 2024.

febre amarela, especialmente em áreas endêmicas e na proteção de viajantes para regiões de risco.

Além das vacinas mencionadas, o PNI brasileiro também inclui vacinas contra hepatite B, meningite, difteria, tétano, coqueluche, entre outras, que incluem as campanhas anuais, como a da influenza. Estudos conduzidos por Schillie *et al.* (2020) e Zurlo *et al.* (2018) apresentaram contribuições significativas para o campo da saúde pública no âmbito do fornecimento de evidências que reforçam a confiança na eficácia e segurança das vacinas. Ao destacar o papel fundamental dessas vacinas, tais estudos ressaltam a importância da prevenção de doenças graves e suas complicações, assim como a necessidade da promoção da imunização por meio de programas vacinais em larga escala.

Muito embora haja controvérsias sobre a segurança da vacina contra a COVID-19, pois os que são contrários a ela têm como principal argumento o fato de ela ter sido uma vacina desenvolvida em pouco tempo, ela se mostra como um imunizante primordial para a saúde pública a nível mundial. As vacinas, desenvolvidas por empresas farmacêuticas como Pfizer (FDA, 2021), Moderna (CDC, 2021) e AstraZeneca (European Medicines Agency, 2021), passaram por rigorosos ensaios clínicos de Fase 3 para avaliar sua segurança e eficácia. Os resultados desses ensaios demonstraram, de forma consistente, que as vacinas são seguras, com eventos adversos graves sendo raros e geralmente comparáveis aos de outras vacinas comuns, como a vacina contra a influenza.

Para contextualizar, ensaios clínicos são estudos realizados em seres humanos para avaliar a eficácia e a segurança de intervenções médicas, como uso de fármacos, procedimentos cirúrgicos, dispositivos médicos, terapias comportamentais, entre outros. Sendo uma parte fundamental do processo de desenvolvimento de novos tratamentos médicos, eles são projetados para responder a perguntas específicas sobre essas intervenções (Fase; Richardson, 2020; Gelijns; Gabriel, 2014).

Esse tipo de ensaio geralmente caminha em quatro fases, começando com pesquisas em pequena escala em seres humanos para avaliar a segurança do tratamento (Fase 1), seguidos por estudos maiores para determinar a eficácia (Fase 2 e Fase 3), e, finalmente, inclui a aplicação em uma maior parte da população, onde também é realizado o acompanhamento dos efeitos do tratamento a longo prazo e possíveis efeitos adversos (Fase 4).

Quando se trata de evidência científica, os ensaios clínicos randomizados e controlados são considerados o padrão ouro, visto que fornecem um alto nível de evidência quanto à segurança e eficácia, uma vez que os participantes são atribuídos aleatoriamente a diferentes grupos de tratamento, permitindo comparações justas entre o tratamento experimental e um grupo de controle. Isso ajuda a minimizar vieses e interesses particulares, tornando os resultados mais confiáveis.

Em relação às vacinas contra a COVID-19, os ensaios clínicos, proporcionaram um robusto conjunto de dados para avaliar sua segurança e eficácia. Além disso, os ensaios continuam a ser monitorados de perto para identificar qualquer efeito adverso incomum que possa surgir à medida que mais pessoas são vacinadas. No Brasil, a incorporação das vacinas contra a COVID-19 no PNI foi baseada em uma cuidadosa avaliação dos dados de segurança disponíveis.

Autoridades de saúde brasileiras, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o Ministério da Saúde, revisaram minuciosamente os resultados dos ensaios clínicos e as recomendações de organizações internacionais de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC). Nesse sentido, a decisão de incorporar as vacinas ao PNI foi fundamentada na urgência de conter a propagação do vírus e reduzir o impacto da COVID-19 na população brasileira.

Finalmente, conclui-se que a extensa base de evidências científicas atuais ratifica a eficácia e a segurança das vacinas adotadas pelo PNI brasileiro. A manutenção de altas taxas de cobertura vacinal e o compromisso contínuo com a promoção e incentivo à vacinação são fundamentais para proteger a saúde da população e prevenir surtos de doenças infecciosas evitáveis por imunização.

3.3 HESITAÇÃO VACINAL

A hesitação em relação às vacinas pode ser descrita como o atraso ou a recusa da vacinação, em contraste com a disponibilidade dos serviços de vacinação (MacDonald, 2015). É um fenômeno complexo que possui uma alta associação com o contexto ao qual está inserido, variando ao longo do tempo, local e tipos de vacinas (MacDonald, 2015). A hesitação ainda pode ser compreendida a partir de um viés comportamental, sendo mensurada com base na expectativa de atingir uma meta específica de cobertura vacinal, dadas as opções de imunização disponíveis (MacDonald, 2015).

A hesitação em relação às vacinas é um fenômeno duradouro que remonta ao surgimento das próprias vacinas, sendo um comportamento individual influenciado por diversos fatores, como conhecimento ou experiências passadas (Dubé *et al.*, 2013). A hesitação em relação às vacinas também pode ser destacada como resultado de influências mais amplas, as quais podem estar relacionadas com questões históricas, políticas e socioculturais em que a vacinação ocorre (Dubé *et al.*, 2013). Historicamente, foram diversos episódios em que ocorreram questionamentos sobre a eficácia e a segurança da imunização, incluindo a disseminação de informações incorretas sobre a utilidade da vacina. Estudos apontam que figuras públicas como Jenny McCarthy (Gottlieb, 2016; Largent, 2012) e as políticas de equilíbrio da mídia noticiosa têm contribuído para amplificar movimentos e posicionamentos contrários à vacinação (Clarke, 2008; Dixon; Clarke, 2013). Essa disseminação de desinformação tem sido identificada como um fator crucial na alimentação da hesitação em relação às vacinas (Enders *et al.*, 2022; Lee *et al.*, 2022).

A literatura científica correlata apresenta investigações com foco na adesão às vacinas a partir de abordagens comportamentais relacionadas à promoção da saúde. É interessante pontuar que alguns estudos indicam que aqueles que optam por recusar a vacinação possuem um conhecimento mais aprofundado em comparação com aqueles que aceitam a vacina (Burton-Jeangros; Golay; Sudre, 2005). Neste contexto, a decisão de receber uma vacina pode, em certos casos, refletir conformidade mais do que um conhecimento específico (Tickner; Leman; Woodcock, 2006). Por outro lado, a aversão individual ao risco também foi identificada como um fator que influencia a adesão às vacinas (Healy; Pickering, 2011). Opel *et al.* (2011) apontam que os aspectos que potencializam a hesitação vacinal estão relacionados a questões como crenças sobre a segurança e eficácia das vacinas e reações sobre ordens de vacinação.

Seguindo esta linha, para além das influências advindas de personalidades públicas no contexto da hesitação vacinal já citadas, é necessário também se reconhecer o papel desempenhado pela cobertura midiática na amplificação deste fenômeno (Kamboh; Ittefaq; Sahi, 2022; Ghazali *et al.*, 2022). As práticas jornalísticas que buscam apresentar uma visão "equilibrada" frequentemente resultam na promoção de pontos de vista anti-vacina ao lado de consensos científicos estabelecidos. Embora essa abordagem seja muitas vezes bem-intencionada, ela pode inadvertidamente fortalecer a hesitação ao oferecer uma plataforma igual para perspectivas cientificamente infundadas (Clarke, 2008; Dixon & Clarke, 2013). Esta prática, ao invés de esclarecer e educar o público, pode confundir e reforçar as dúvidas, contribuindo para um ambiente onde a desinformação pode prosperar e a confiança na ciência é minada.

Neste contexto, Endres *et al.* (2022) apontam que a desinformação disseminada através de canais midiáticos pode ser notavelmente prejudicial, uma vez que exerce influência direta sobre a percepção pública com relação à segurança e eficácia das vacinas. Além disso, é ainda necessário se observar que advento das redes sociais possibilitou um cenário onde a propagação e alcance das informações

ultrapassou limites geográficos e de tempo. Neste sentido, plataformas digitais se tornaram um ambiente suscetível para a propagação de teorias da conspiração e *fake news*, atingindo, quase que instantaneamente, um público global. Também cabe ressaltar que é comum que os ambientes das redes digitais sejam providos de verificações rigorosas e precisas sobre os conteúdos compartilhados, o que também contribui para a disseminação da hesitação vacinal.

Os programas de vacinação têm contribuído para a redução da mortalidade e morbidade associadas a diversas doenças infecciosas, sendo creditados com a erradicação da poliomielite nas Américas, bem como a erradicação global da varíola (Dubé *et al.*, 2013). Esses programas possuem uma grande dependência da adesão para que possam alcançar sucesso na redução da prevalência e incidência de doenças que sejam preveníveis através da vacinação (Dubé *et al.*, 2013). Além de oferecer proteção direta aos indivíduos vacinados, altas taxas de cobertura vacinal proporcionam proteção indireta para toda a comunidade, conhecida como imunidade coletiva, ou imunidade de rebanho (Siqueira *et al.*, 2022), ao retardar a propagação de doenças preveníveis por vacinas, reduzindo assim o risco de infecção entre aqueles que permanecem vulneráveis na comunidade (Dubé *et al.*, 2013).

Considerando a amplitude populacional, a obtenção de uma panorama da hesitação vacinal é uma tarefa consideravelmente complexa, pois a hesitação não está diretamente relacionada à adesão à vacina. Dubé *et al.* (2013) destacam que é comum que indivíduos hesitantes em relação às vacinas possam aceitar todas as vacinas recomendadas de maneira oportuna, mas ainda ter dúvidas significativas ao fazê-lo. Neste sentido, a relutância também pode variar dependendo da vacina ou da indústria farmacêutica responsável por sua fabricação. Indivíduos hesitantes em relação às vacinas podem ser descritos como um grupo heterogêneo no meio de um organismo social amplo que varia de aceitadores totais a recusadores completos (Larson *et al.*, 2014). Uma tendência observada é que vacinas mais recentes possuem mais hesitação (Dubé *et al.*, 2021). Um exemplo recente disso é a própria vacinação contra a COVID-19, introduzida e amplamente distribuída em 2021.

Leituras apressadas da opinião pública invocam o egoísmo e a falta de empatia para estabelecer uma relação entre a negação da vacinação, como tendência historicamente situada, e a recusa e o descrédito às medidas de isolamento e distanciamento físico durante a pandemia. Problematicamos essa relação estabelecendo que a questão é menos o egoísmo (interesse particular) e a falta de empatia (capacidade de se identificar com o outro) e mais, e fundamentalmente, a negação do bem comum como lógica societária, por um lado, e as possibilidades concretas de poder fazer escolhas, por outro. Em outras palavras, em cada um dos polos da relação indivíduo-sociedade, entrecruzamentos de ethos (de individualismo e de solidariedade) e condicionamentos sociais, informados por pertencimentos sociais, estão postos. (Couto; Barbieri; Matos, 2021, p. 6).

Conforme já descrito, a hesitação em relação às vacinas pode ser influenciada por uma série de fatores. O ambiente de comunicação e mídia desempenha um papel crucial, pois molda a percepção pública e a compreensão sobre a vacinação. Além disso, líderes influentes, *gatekeepers* de programas de imunização e grupos pró ou contra vacinação têm o poder de influenciar atitudes e comportamentos em relação às vacinas. As influências históricas também são relevantes, uma vez que eventos passados podem influenciar a confiança no processo de imunização. Aspectos religiosos, culturais, de gênero e socioeconômicos também exercem influência, pois moldam as percepções individuais e coletivas sobre saúde e prevenção. A dimensão política, incluindo políticas governamentais relacionadas à saúde, também desempenha um papel significativo na formação de opiniões sobre a vacinação. Esses são alguns exemplos de fatores que podem afetar a aceitação e adesão às vacinas, destacando a complexidade e a multifatorialidade desse fenômeno.

Modelos explicativos mais detalhados revelam uma tensão subjacente entre a escolha individual e os fatores sociais que moldam a aceitação da vacinação. Streefland, Chowdhury e Ramos-Jimenez (1999) destacam a importância de compreender o contexto sociocultural mais amplo na determinação dos padrões de aceitação da vacinação. Os autores introduzem o conceito de "culturas locais de vacinação" para explicar como as crenças compartilhadas sobre a causa das

doenças, incluindo opiniões relacionadas à eficácia da medicina moderna e a necessidade de medidas preventivas, em associação com experiências de serviços de saúde locais e contextos de vacinação, podem influenciar as decisões individuais. Sturm, Mays e Zimet (2005) apontam que reconhecer a vacinação como uma norma social pode ser uma poderosa ferramenta na promoção da aceitação vacinal. Esta abordagem ressalta a interconexão entre as percepções individuais e os contextos sociais mais amplos, destacando a importância de abordagens holísticas na promoção da vacinação e na compreensão das dinâmicas de saúde pública.

Diversas regiões conseguiram eliminar ou erradicar diversas doenças preveníveis por vacinas e, conseqüentemente, muitas pessoas, incluindo profissionais de saúde, não testemunharam os efeitos devastadores dessas doenças em seus respectivos países (Machingaidze; Wiysonge, 2021). Isso pode levar à complacência, cálculos de risco alterados e responsabilidade coletiva limitada em relação à tomada de decisões sobre vacinação (Machingaidze; Wiysonge, 2021). O ressurgimento contínuo de doenças preveníveis por vacinas levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a nomear a hesitação vacinal como uma das dez principais ameaças à saúde global em 2019 (Puri *et al.*, 2020). Em contraste com as recomendações das organizações de saúde e de autoridades sanitárias governamentais, estima-se que 13% dos pais optem por adiar ou recusar vacinas para seus filhos (Glanz *et al.*, 2013).

A análise dos riscos e benefícios da vacinação geralmente resulta na superestimação dos riscos, que podem parecer mais imediatos e tangíveis em comparação com os benefícios potenciais mais abstratos da prevenção de doenças (Puri *et al.*, 2020). Aqueles que recusam ou hesitam em relação à vacinação muitas vezes compartilham uma perspectiva específica sobre saúde (Dubé *et al.*, 2013). Isso pode envolver uma preferência pela imunidade natural, a convicção de que a exposição a doenças preveníveis por vacinas fortalece o sistema imunológico, a crença de que a exposição à doença pode ser controlada ou a ideia de que uma boa

higiene e hábitos pessoais podem tornar a vacinação desnecessária (Dubé *et al.*, 2013).

Nesse sentido, a decisão de não vacinar é reversível, mas o oposto não é verdadeiro (Dubé *et al.*, 2013). Diferentes estudos revelaram que as pessoas têm mais medo dos riscos associados à ação, ou seja, receber uma vacina supostamente insegura, do que enfrentar os riscos envolvidos na passividade em não se vacinar (Dubé *et al.*, 2013). Entre os contribuintes para a hesitação vacinal está a desinformação sobre os benefícios, composição medicinal e efeitos adversos da vacinação, o que limita a compreensão do paciente e o comprometimento geral (Puri *et al.*, 2020).

Algumas pessoas que têm dúvidas e preocupações sobre a segurança das vacinas empregam um paradigma de tomada de decisão completamente diferente ou têm um conjunto distinto de crenças sobre saúde e doença (Dubé *et al.*, 2013). A maioria dos argumentos dos ativistas contra a vacinação faz parte de um fenômeno maior conhecido como negacionismo (Dubé *et al.*, 2013). Valenti e Silva (2021) apontam o negacionismo como uma escolha de se negar algo cientificamente comprovado. O negacionismo é descrito como o uso de argumentos retóricos para criar a ilusão de um debate válido onde nenhum existe, com o propósito final de rejeitar uma afirmação sobre a qual existe consenso científico (Dubé *et al.*, 2013).

De acordo com Diethelm e McKee (2009), são identificadas semelhanças nas estratégias empregadas por negacionistas em diferentes áreas, como a evolução, as mudanças climáticas e a alegação infundada de que vacinas causam autismo. Eles observaram o uso de "teorias da conspiração", a presença de especialistas não científicos, a seleção seletiva de evidências favoráveis e a desconsideração das demais, bem como a criação de expectativas irrealistas em relação aos resultados da pesquisa e o recurso a falácias lógicas. Tais aspectos acabam por abarcar questões sensíveis e complexas relacionadas ao ressurgimento de doenças controladas ou erradicadas por meio da vacinação.

A partir disso, é uma preocupação real e latente o ressurgimento de doenças como o sarampo e a coqueluche. Esse fenômeno pode ser atribuído a uma variedade de fatores interligados. Um dos principais é a queda na cobertura vacinal, causada por diferentes motivos, como falta de acesso a serviços de saúde, hesitação em relação à vacinação e disseminação de informações falsas sobre os benefícios e segurança das vacinas (Oliveira *et al.*, 2018).

Além disso, as mudanças nos padrões de migração e viagens internacionais também desempenham um papel significativo na propagação dessas doenças. Populações não imunizadas que entram em contato com o vírus em áreas onde ele ainda está circulando podem trazer a doença de volta para regiões onde havia sido controlada (Clemmons *et al.*, 2016). A globalização e o aumento das viagens facilitam a disseminação rápida de doenças infecciosas. Outro fator importante é a diminuição da imunidade de rebanho, que ocorre quando uma proporção significativa da população não está vacinada, permitindo que o vírus se espalhe mais facilmente (Koopmans *et al.*, 2018). Isso pode acontecer em comunidades onde a cobertura vacinal é baixa, criando bolsões de suscetibilidade à doença.

Para combater esse aumento preocupante no ressurgimento de doenças evitáveis por vacinação, é essencial implementar estratégias abrangentes que visem melhorar a cobertura vacinal, promover a conscientização sobre a importância da vacinação e combater a desinformação. A colaboração entre governos, organizações de saúde e comunidades é fundamental para enfrentar esse desafio e proteger a saúde pública (Wolff *et al.*, 2020).

Em suma, o ressurgimento de doenças como o sarampo e a coqueluche está ligado a uma combinação de queda na cobertura vacinal, padrões de migração global e diminuição da imunidade de rebanho. Para combater esse problema, é necessário um esforço coordenado para aumentar a conscientização sobre a importância da vacinação e garantir o acesso equitativo às vacinas.

O movimento antivacinação e a disseminação de desinformação representam uma séria ameaça à saúde pública, especialmente diante do ressurgimento de doenças já erradicadas. A propagação de mitos e informações falsas sobre vacinas contribui para a diminuição da confiança na imunização e para a recusa de muitos pais em vacinar seus filhos, o que, por sua vez, leva à queda na cobertura vacinal (Dubé *et al.*, 2015). Essa diminuição na proteção vacinal cria brechas na imunidade de rebanho, aumentando o risco de surtos de doenças preveníveis.

A disseminação de desinformação sobre vacinas é alimentada por diversos fatores, incluindo a fácil propagação de teorias conspiratórias e notícias falsas através das redes sociais e da internet em geral (Wilson *et al.*, 2020). Muitas vezes, essas informações são apresentadas de forma convincente e emotiva, tornando-as especialmente persuasivas para aqueles que estão indecisos quanto à vacinação.

Os malefícios do movimento antivacinação vão além das consequências individuais, afetando toda a comunidade. A falta de imunização em uma parte significativa da população aumenta o risco de surtos de doenças infecciosas, colocando em perigo especialmente os grupos mais vulneráveis, como bebês muito jovens, idosos e pessoas com sistemas imunológicos comprometidos (Wilson *et al.*, 2020).

Além disso, os surtos de doenças preveníveis por vacinação têm impactos econômicos significativos, incluindo custos relacionados ao tratamento de pacientes infectados, perda de produtividade devido a ausências no trabalho e gastos adicionais com medidas de controle de surtos (Ozawa *et al.*, 2016). Esses custos podem sobrecarregar os sistemas de saúde e ter impactos de longo prazo na economia.

Em última análise, combater a desinformação sobre vacinas e promover a conscientização sobre a importância da imunização são passos cruciais para proteger a saúde pública e prevenir o ressurgimento de doenças já erradicadas. É necessário um esforço conjunto de governos, profissionais de saúde, educadores e

comunidades para enfrentar esse desafio e, além disso, garantir que todos tenham acesso a informações precisas e baseadas em evidências sobre vacinas.

4 JORNALISMO DIGITAL: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E IMPACTOS NA ERA DAS REDES SOCIAIS

O jornalismo, bem como inúmeras outras áreas do conhecimento, foi transformado e afetado pelo advento e popularização da internet (RUSSELL, 2011; SHIRKY, 2010). A revolução digital trouxe consigo novas formas de produção, distribuição e consumo de notícias, inaugurando uma nova forma de fazer e consumir jornalismo, o chamado jornalismo digital. Não transitando apenas entre diferentes plataformas digitais, esta modalidade do fazer jornalístico também incorpora elementos de interatividade e multimodalidade que revolucionaram a prática antes tradicional (PAVLIK, 2001). Diante disso, o presente capítulo busca explorar os principais aspectos do jornalismo digital, abordando suas origens, objetivos, as transformações que acompanham as mudanças e novas dinâmicas da internet e seu papel na era das redes sociais.

É importante ressaltar que o jornalismo digital não representa apenas uma transposição do conteúdo jornalístico para o ambiente online, mas uma verdadeira reinvenção dos processos de produção, circulação e recepção da notícia. Essa modalidade se caracteriza pela convergência de mídias, pelo uso intensivo de ferramentas digitais e pela possibilidade de interação em tempo real com o público, o que configura um novo ecossistema comunicacional. Além disso, o jornalismo digital busca atender a demandas específicas de um público conectado, ávido por atualização constante e por formatos que dialoguem com múltiplas linguagens, como texto, imagem, áudio e vídeo (PALACIOS, 2003). Essa transformação reconfigura a função social do jornalismo, ampliando seu potencial para informar, formar opinião e fomentar o debate público, mas também impondo desafios éticos e profissionais inéditos.

Na era das redes sociais, o jornalismo digital enfrenta um cenário marcado pela rápida circulação de informações e pela amplificação de conteúdos por algoritmos que priorizam engajamento e emoções, muitas vezes em detrimento da veracidade. Tal contexto exige que os veículos jornalísticos adaptem suas

estratégias para manter a credibilidade e a relevância diante da crescente competição com fontes alternativas, incluindo as bolhas de desinformação. Portanto, compreender as mudanças estruturais e as tensões que permeiam o jornalismo digital é fundamental para refletir sobre seu papel atual e futuro, sobretudo no que tange à promoção de uma comunicação pública eficaz e ética em um ambiente cada vez mais fragmentado e complexo.

4.1 O SIGNIFICADO DE JORNALISMO DIGITAL

O conceito de jornalismo digital evoluiu com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, sendo analisado por diversos autores ao longo dos anos. De acordo com Pavlik (2001), o jornalismo digital é caracterizado pela convergência entre plataformas multimídia, possibilitando a integração de texto, imagem e som. Ele destaca que a interatividade, a velocidade e a capacidade de armazenamento de grandes volumes de informação são características centrais que diferenciam o jornalismo digital do impresso. Essas transformações resultam em novas formas de produção, distribuição e consumo de notícias.

Segundo Palacios (2003), jornalismo digital pode ser definido como o jornalismo que se realiza por meio de plataformas digitais, essencialmente a internet, e é caracterizado pela sua capacidade de interatividade, multimodalidade e integração de novas linguagens e formatos. Diferente do jornalismo impresso ou televisivo, o jornalismo digital se distingue pela instantaneidade e pela possibilidade de constante atualização da notícia, permitindo que o leitor se envolva mais diretamente no processo de construção da narrativa.

Palacios (2003) vai além em sua definição, quando argumenta que o jornalismo digital deve ser entendido como um fenômeno em constante desenvolvimento, que altera a lógica tradicional das redações e cria novas práticas e perfis profissionais. Para ele, a cultura participativa dos usuários nas redes digitais também redefine o papel do jornalista, que precisa adaptar-se ao novo ambiente de produção colaborativa. Essa visão destaca a relevância da participação do público

no processo de construção das narrativas jornalísticas, um dos aspectos que mais diferencia o digital do jornalismo convencional.

Para Canavilhas (2010), o jornalismo digital não é apenas uma adaptação do jornalismo tradicional para o meio online. Ele constitui uma nova linguagem jornalística, com seus próprios códigos e convenções. A chamada convergência midiática, que integra texto, vídeo, áudio e interatividade, coloca o jornalismo digital em uma posição única dentro do ecossistema da comunicação, capaz de atingir um público mais amplo e diversificado, característico de um cenário de amplo acesso à internet, como acontece atualmente.

Mais recentemente, autores como Salaverría (2020) têm destacado o impacto das novas tecnologias na redefinição das práticas jornalísticas. Para Salaverría, o jornalismo digital não apenas transformou o formato e a velocidade da informação, mas também os modelos de negócios e as dinâmicas de poder dentro do campo informacional. Ele salienta que as tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, estão criando novos desafios éticos e metodológicos para o jornalismo, que precisa lidar com a abundância de desinformação e fake news. Nesse sentido, o jornalista contemporâneo precisa desenvolver novas competências tecnológicas e manter um compromisso com a verificação dos fatos em um ambiente de informação acelerada.

Outros autores que trazem uma perspectiva atual são Eldridge et. al (2021). Suas contribuições à conceituação do jornalismo digital se concentram na necessidade de uma delimitação mais rigorosa e crítica do campo, especialmente frente à proliferação de práticas híbridas que desafiam os contornos tradicionais da atividade jornalística. Os autores argumentam que o digital não se limita à inserção tecnológica nos processos informativos, mas inaugura um novo paradigma epistemológico, que transforma o ethos jornalístico, seus agentes e suas mediações. Nesse sentido, a obra chama atenção para o “boundary work”, ou seja, os esforços contínuos de distinção simbólica entre o jornalismo profissional e outras formas de produção de conteúdo digital, como o ativismo, o bloguismo e o jornalismo cidadão

— categorias que tensionam os critérios clássicos de legitimidade e autoridade no campo.

Além disso, os autores indicam que o jornalismo digital constitui um espaço de disputas identitárias e institucionais, em que se redefinem papéis, normas e expectativas sociais sobre a prática jornalística. Eldridge et al. (2021) evidenciam que novas figuras — como os chamados “interlopers” — ganham espaço e relevância ao atuar em ambientes digitais, reconfigurando a dinâmica de produção, circulação e consumo das notícias. Com isso, propõem uma abordagem que reconhece a pluralidade de agentes e práticas, mas que também insiste na importância de balizas analíticas claras para o campo de estudos. A obra contribui, portanto, para a consolidação de uma epistemologia do jornalismo digital que é sensível às transformações tecnológicas, mas sem abdicar do rigor conceitual e teórico necessário à pesquisa acadêmica.

Em termos de interface entre a temática do jornalismo digital e das *fake News*, Eldridge et. al (2021) enfatizam a necessidade de compreender o jornalismo digital no contexto das redes sociais e de suas dinâmicas, que incluem a circulação de desinformação. Ele argumenta que o consumo de notícias está cada vez mais mediado por algoritmos, o que desafia o jornalismo a encontrar formas de garantir a qualidade e a relevância da informação. Além disso, Eldridge et. al (2021) destacam o papel das plataformas digitais na disseminação de *fake news* e o impacto disso na confiança do público. Assim, o jornalismo digital enfrenta o desafio de reverter a crise de confiança no contexto de uma era marcada pela fragmentação e polarização informacional.

Nesse sentido, Eldridge et al. (2021) apontam que o jornalismo digital enfrenta desafios significativos diante da proliferação de *fake news*, especialmente por operar em um ecossistema informacional marcado pela descentralização, velocidade e fragmentação. Os autores ressaltam que, nesse cenário, o tradicional monopólio do jornalismo sobre a produção de conteúdo verificado é corroído, o que exige uma reconfiguração de suas práticas, rotinas e critérios de legitimidade. A desinformação,

amplificada por algoritmos e lógicas de engajamento das plataformas digitais, desafia não apenas a credibilidade das instituições jornalísticas, mas também o seu papel social como mediadoras da realidade. Assim, Eldridge et al. (2021) defendem a necessidade de uma renovação crítica das normas profissionais e de mecanismos de autenticação informativa que dialoguem com a cultura participativa e com os públicos digitais, sem abrir mão dos princípios éticos e epistêmicos que estruturam o jornalismo enquanto campo.

4.2 ORIGENS E OBJETIVOS DO JORNALISMO DIGITAL

As origens do jornalismo digital remontam ao início da popularização da internet no final dos anos 1990. Segundo Castells (2003), a internet trouxe consigo a promessa de uma nova esfera pública, em que as barreiras para o acesso à informação seriam derrubadas e novos atores emergiriam no cenário midiático. As primeiras iniciativas de jornalismo digital eram, em sua maioria, extensões das redações de jornais impressos, que buscavam ampliar sua presença no ambiente virtual, mas sem grandes inovações em termos de formato ou conteúdo (PALACIOS, 2003).

No entanto, ao longo da primeira década do século XXI, o jornalismo digital passou a se distanciar do modelo tradicional, impulsionado pela emergência de novas tecnologias e plataformas. Para Pavlik (2001), a interatividade e a personalização do conteúdo são algumas das marcas distintivas dessa nova forma de fazer jornalismo. Além disso, a produção colaborativa e o jornalismo cidadão, em que o público também participa do processo de produção de conteúdo, tornaram-se características proeminentes.

É necessário observar que o jornalismo digital tem como objetivo primordial a disseminação rápida e acessível da informação, permitindo que o público tenha acesso às notícias em tempo real. Diferente das mídias tradicionais, que possuem horários específicos para a transmissão de notícias (como no caso dos jornais

impressos ou telejornais), o jornalismo digital está sempre disponível, sendo atualizado constantemente.

Além disso, o jornalismo digital busca promover uma maior interatividade com o público. Segundo Canavilhas (2010), o advento da Web 2.0 permitiu que os leitores não fossem mais apenas consumidores passivos de informações, mas pudessem também atuar como coautores do processo jornalístico. Comentários em notícias, participação em enquetes e o compartilhamento de notícias em redes sociais são exemplos de como o público se engaja com o conteúdo noticioso, influenciando a agenda pública de maneira direta e ativa.

4.3 O JORNALISMO NA INTERNET: DO ESTÁTICO AO DINÂMICO

No início da internet, os primeiros jornais online funcionavam de maneira semelhante aos seus correspondentes impressos, replicando o conteúdo das versões físicas e mantendo uma relação vertical com os leitores (PALACIOS, 2003). No entanto, à medida que a internet se desenvolveu, os jornalistas e editores começaram a explorar as capacidades interativas da web, resultando em uma experiência mais dinâmica para o leitor.

Uma das maiores mudanças proporcionadas pelo jornalismo digital foi a instantaneidade da notícia. Se no jornalismo impresso as edições diárias eram fixas e inalteráveis, o jornalismo digital permitiu que os jornalistas atualizassem as notícias conforme os eventos fossem se desdobrando. Essa flexibilidade, conforme argumenta Pavlik (2001), tornou o jornalismo digital mais responsivo e adaptável aos acontecimentos, o que também gerou novos desafios, como a pressão por rapidez, muitas vezes em detrimento da apuração rigorosa.

Nesse contexto, a era das redes sociais inaugurou um novo capítulo para o jornalismo digital. Plataformas como Facebook, Twitter e Instagram transformaram a maneira como as pessoas consomem e compartilham notícias. Como observa Hermida (2010), o jornalismo passou a se integrar diretamente nas redes sociais, criando novas formas de distribuição e engajamento. As redes sociais atuam tanto

como fonte quanto como meio de difusão de notícias, permitindo que os jornalistas acessem informações de diversas partes do mundo e compartilhem suas reportagens instantaneamente com um público global.

Contudo, essa integração também trouxe desafios significativos. De acordo com Newman (2011), a crescente dependência das redes sociais para a distribuição de conteúdo noticioso gerou uma "crise de autoridade", onde a veracidade das informações é constantemente questionada. As fake news, amplificadas pela velocidade de compartilhamento nas redes, tornaram-se uma ameaça séria ao jornalismo digital, exigindo que as redações se adaptem e invistam em novas formas de verificação de informações.

Além disso, as redes sociais deram voz a novos atores no cenário jornalístico, como influenciadores digitais e jornalistas independentes. Isso descentralizou o poder das grandes corporações midiáticas e abriu espaço para uma pluralidade de narrativas e perspectivas. Entretanto, conforme apontado por Castells (2003), essa democratização do espaço midiático também trouxe à tona o desafio da sobrecarga informacional, onde o público se vê imerso em uma avalanche de informações nem sempre verificadas ou confiáveis.

4.4 DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS NO TELEGRAM E O JORNALISMO DIGITAL NO CONTEXTO DAS VACINAS

A propagação de desinformação acerca das vacinas nas ambiências virtuais, sobretudo no Telegram, é resultado de uma interseção complexa de diversos fatores. Interessa pontuar que alguns estudiosos defendem que a ausência de uma moderação efetiva na plataforma propicia a disseminação de conteúdos sem a devida verificação, viabilizando a transmissão de dados não comprovados ou mesmo intencionalmente enganosos. Não é, entretanto, o escopo desta pesquisa, discutir sobre a necessidade ou não de regulação da plataforma, visto que entrará em outras searas, como a jurídica, a política, etc., e daria ensejo a uma pesquisa bem mais ampla, cujos desdobramentos não cabem nos objetivos deste estudo.

Outro fator importante, qual seja, a estrutura da supracitada rede social, que possibilita a formação de grupos restritos e o uso de pseudônimos, estimula a formação de comunidades que compartilham ideologias afins (Tikhomirova; Makarov, 2021), reforçando as bolhas onde a desinformação pode prosperar sem ser contestada. Esse cenário favorece a disseminação de teorias conspiratórias sobre vacinas, abalando a confiança da população na ciência e na eficácia das vacinas em questão.

Nesse sentido, outro aspecto relevante é a rapidez e a facilidade com que o conteúdo pode ser criado e compartilhado no Telegram (Herasimenka *et al.*, 2023). Com apenas alguns cliques, informações imprecisas ou distorcidas são difundidas para um grande número de pessoas, alcançando audiências que podem não ter acesso a fontes confiáveis de informação sobre vacinas, ou mesmo que não se interessam por processos de checagem, sequer admitindo ou compreendendo a importância deles. Isso é exacerbado pela capacidade de mensagens serem encaminhadas em massa, amplificando ainda mais o alcance da desinformação (Knuutila *et al.*, 2020). Como resultado, mesmo conteúdos cientificamente precisos podem ser diluídos ou ofuscados pela enxurrada de desinformação presente na plataforma.

Nem sempre esses conteúdos são divulgados por atores humanos, no entanto. A disseminação de desinformação e *fake news* por meio de *bots* (robôs, no português) no Telegram tem se tornado uma preocupação cada vez mais evidente nas pesquisas recentes sobre o tema (García, 2021; Jones, Wang, 2023; Ribeiro *et al.*, 2020; Smith, 2022). Esses *bots* são programas de computador projetados para automatizar tarefas, incluindo a disseminação de informações falsas e distorcidas, o que tem um impacto significativo na propagação de narrativas enganosas e na manipulação da opinião pública.

A ação coordenada de *bots*, no Telegram, pode gerar impactos significativos na percepção da realidade e na formação de opinião (Ribeiro *et al.*, 2020). Ao disseminar informações falsas em larga escala, esses bots minam a confiança nas

fontes de informação tradicionais e contribuem para a polarização do debate público. Além disso, a disseminação de desinformação por meio de bots pode ter consequências diretas, como influenciar eleições e instigar conflitos sociais (Smith, 2022).

Nesse cenário, os canais e grupos que propagam esse tipo de conteúdo podem ter agendas políticas, ideológicas ou financeiras que os levam a disseminar informações enganosas para alcançar seus objetivos, sem considerar os danos à saúde pública ou à confiança na ciência. A falta de regulamentação e responsabilização adequada dos disseminadores de desinformação também permite que esses grupos operem livremente, exacerbando ainda mais o problema e tornando-o difícil de combater efetivamente. Serão apresentados alguns estudos atuais que trazem análises acerca do cenário delineado no início desta sessão.

O estudo intitulado "*Public Health and Online Misinformation: Challenges and Recommendations*" (Saúde Pública e Desinformação Online: Desafios e Recomendações), de autoria de Swire-Thompson e Lazer (2020), apresenta uma contribuição substancial para a compreensão da relação entre desinformação e saúde, oferecendo uma análise abrangente e atualizada dos desafios enfrentados na era digital. Ao examinar as interações das pessoas com informações de saúde nos ambientes virtuais, o estudo proporciona descobertas acerca dos padrões de busca e consumo de informações em saúde, permitindo uma compreensão mais profunda dos mecanismos subjacentes à propagação da desinformação.

Swire-Thompson e Lazer (2020) trazem à tona diversos obstáculos contemporâneos no contexto da desinformação e saúde. Dentre estes desafios, sobressai-se a resposta tardia das autoridades de saúde pública em relação à desinformação. A investigação indica que essa reação insuficiente e tardia tem contribuído para a propagação de *fake news* na área. A demora em fornecer informações corretas e esclarecedoras pode facilitar a rápida disseminação de informações falsas, comprometendo a saúde coletiva.

Adicionalmente, o estudo salienta a problemática das informações corretivas (checagens e sua disponibilização para o público) de baixa qualidade. A presença de tais informações, repletas de terminologia científica e conteúdo de pouca substância, dificulta a compreensão pelo público em geral, muitos insuficientemente alfabetizados, inclusive. Este cenário pode resultar em uma desconfiança nas fontes de informação seguras e ampliar a tendência das pessoas em acreditarem em informações imprecisas.

Outro desafio ressaltado pela pesquisa é a escassez de pensamento crítico, tanto por parte da mídia quanto das pessoas que consomem as informações e desinformações veiculadas. A ausência de uma abordagem embasada em evidências científicas pode acarretar um distanciamento da medicina fundamentada em provas e favorecer a propagação de informações baseadas em opiniões de celebridades e propagadas na mídia sem embasamento científico.

O artigo também discute a mudança de padrão na confiança que havia em relação às instituições de saúde ao longo do tempo, o que pode afetar a disseminação de informações precisas e seguras. A diminuição da confiança em fontes tradicionais de informação em saúde pode abrir espaço para a propagação de informações falsas e prejudiciais.

Além disso, o estudo resalta o impacto do acesso pessoal à informação nas decisões individuais sobre saúde, enfatizando a necessidade de garantir a precisão e confiabilidade do que é propagado online. Ao abordar a evolução da confiança nas instituições de saúde ao longo do tempo, o estudo lança luz sobre as mudanças nas percepções do público e nas fontes de autoridade em saúde, fundamentais para fortalecer a comunicação eficaz e promover escolhas baseadas em evidências.

Estes desafios sublinham a complexidade do panorama atual no que tange à desinformação em saúde, enfatizando a necessidade de abordagens pró-ativas e colaborativas no combate à propagação de desinformação e na promoção da saúde coletiva baseada em evidências seguramente testadas e aprovadas.

Diante desse cenário, Swire-Thompson e Lazer (2020) apresentam recomendações práticas e estratégias construtivas para lidar com a desinformação online, como as intervenções baseadas em evidências, demonstrando a importância de se realizarem ensaios clínicos randomizados em plataformas online, como o Google, para testagem de diferentes abordagens na apresentação de informações de saúde e na sinalização de expertise e confiança. Essas intervenções podem ajudar a desenvolver sistemas mais eficazes para ajudar o público a distinguir fontes confiáveis de desacreditadas.

Os autores também propõem medidas de melhoria na comunicação de temas em saúde, com propostas de criação de ferramentas e plataformas que possam fornecer orientações em saúde baseadas em evidências científicas, como o exemplo de autoridades de saúde dinamarquesas que criaram uma página no Facebook para responder às perguntas dos pais sobre a vacina contra o HPV. Essas tecnologias podem ser especialmente úteis para comunidades rurais e ajudar a combater a desinformação de forma mais ágil.

Imprescindível também empreender, planejando colher frutos a curto, médio e longo prazo, educação e conscientização social. O artigo ressalta a importância de educar o público sobre como avaliar criticamente as informações em saúde encontradas online. Promover a alfabetização em saúde e a capacidade de discernir entre fontes confiáveis e não confiáveis pode ajudar a reduzir a propagação de desinformação e melhorar a tomada de decisões.

Finalmente, os autores elencam como medida eficaz a colaboração entre instituições de saúde e plataformas online. Sugere-se, assim, uma maior parceria entre instituições de saúde, pesquisadores, profissionais de saúde e plataformas online para promover a disseminação de informações precisas e baseadas em evidências. Essa parceria pode ajudar a fortalecer a confiança do público nas fontes de informação em saúde fidedignas e a combater a desinformação de forma mais eficaz.

Ao abordar essas questões de maneira ampla e propositiva, a pesquisa de Swire-Thompson e Lazer (2020) não apenas contribui para avançar o conhecimento acadêmico sobre desinformação em saúde, mas, também, possui implicações práticas significativas para profissionais de saúde, formuladores de políticas públicas e para a sociedade em geral. Ao promover a conscientização sobre os desafios da desinformação online e fornecer diretrizes claras para enfrentá-los, o estudo se destaca como uma ferramenta essencial para a tomada de decisões bem informada em um ambiente digital cada vez mais complexo.

Em outro estudo, intitulado “Hate Speech in a Telegram Conspiracy Channel During the First Year of the COVID-19 Pandemic” (Discurso de ódio em um canal de conspiração no Telegram durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19), Vergani *et al.* (2022) exploram o fenômeno do discurso de ódio em um canal de conspiração no Telegram durante o primeiro ano da pandemia, qual seja, 2020. O foco recai sobre como esse discurso influencia as respostas específicas de cada país à pandemia, com destaque para as discussões ocorridas no canal italiano La Cruna dell'Ago.

Os desafios enfrentados são multifacetados. Em primeiro lugar, busca-se compreender o impacto do discurso de ódio em comunidades de conspiração online nas respostas de cada país à pandemia. Além disso, Vergani *et al.* (2022) analisam as diferentes fases da pandemia e sua associação com o discurso de ódio direcionado a adversários identificados por narrativas conspiratórias. A evolução do foco do discurso ao longo do tempo, passando de alvos como a China para jornalistas e profissionais de saúde, também é objeto de investigação.

Explora-se, ainda, a interação entre as desinformações, as teorias conspiratórias sobre a COVID-19 e o discurso de ódio online, especialmente em um contexto de crise global de saúde. Por fim, busca-se compreender como as respostas políticas e sociais dos países à pandemia podem influenciar a disseminação do discurso de ódio e das teorias da conspiração e *fake news* online.

Diante desses desafios, Vergani *et al.* (2022) propõem soluções concretas. Em primeiro lugar, recomendam o monitoramento contínuo do discurso de ódio em comunidades de conspiração online, visando identificar padrões prejudiciais e antecipar mudanças no foco do discurso. Além disso, propõem promover a educação e conscientização sobre os impactos do discurso de ódio e das teorias conspiratórias e desinformativas durante crises de saúde pública, fortalecendo assim a resiliência da sociedade contra informações falsas.

A implementação de estratégias de intervenção e regulação, especialmente em plataformas com políticas de moderação limitadas como o Telegram, é outra sugestão dos autores, visto que este é um dos fatores que torna o Telegram uma plataforma fácil, terra fértil para a circulação desse tipo de conteúdo desinformativo. A promoção do diálogo construtivo e da diversidade de opiniões também é incentivada como forma de contrabalançar o discurso de ódio e as teorias conspiratórias, criando um ambiente online mais inclusivo e respeitoso.

Por fim, Vergani *et al.* (2022) destacam a importância da pesquisa contínua e da colaboração multidisciplinar para compreender e abordar os desafios relacionados ao discurso de ódio e à crescente desinformação durante crises como a pandemia de COVID-19, cenário em que se pode contrapor isso, explorando a divulgação de informações sobre saúde com bastante evidência científica, visando esclarecer e combater a enxurrada de *fake news* que circula, diariamente, nestas ambiências virtuais.

Herasimenka *et al.* (2023) apresentam um estudo relevante para a compreensão da dinâmica da desinformação em plataformas não moderadas, com especial enfoque no Telegram. Contrariando a suposição generalizada de que esses ambientes são intrinsecamente tóxicos, os autores descobriram que, surpreendentemente, no Telegram, os telespectadores de fontes de notícias especializadas focadas nos EUA têm maior probabilidade de serem expostos à desinformação (Herasimenka *et al.*, 2023).

Este estudo investiga como a desinformação e as notícias profissionais se espalham em plataformas virtualmente não moderadas, com foco especial no aplicativo Telegram. Os pesquisadores examinaram um vasto conjunto de dados abertos contendo 317 milhões de mensagens enviadas para 28.000 canais públicos do Telegram entre os anos de 2015 e 2019. Descobriu-se que os links para fontes reconhecidas de desinformação eram mais compartilhados do que os links para conteúdo de notícias profissionais, porém, a desinformação estava concentrada em um número relativamente pequeno de canais.

Contrariando a ideia popular, a pesquisa revelou que o público da desinformação não é generalizado, mas sim formado por uma comunidade pequena, porém ativa, de usuários. Durante o período de um ano analisado, de outubro de 2018 a setembro de 2019, foram identificadas 6,8 milhões de mensagens contendo hiperlinks para sites. Os pesquisadores observaram que, embora a desinformação possa ter sucesso em termos de compartilhamento de conteúdo, as fontes de notícias profissionais ainda conseguem competir por uma audiência mais ampla e superar essa competição, mesmo em uma plataforma amplamente não moderada como o Telegram.

É neste cenário que a pesquisa abordará alguns dos desafios concernentes à propagação de desinformação nas redes sociais, com um olhar específico sobre o aplicativo Telegram, quais sejam, a identificação de fontes de desinformação, que se mostra um dos principais obstáculos apontados nesse cenário, evidenciando uma complexidade em identificar e monitorar as fontes de desinformação em plataformas como o Telegram, onde a estrutura dos canais e grupos não é centralizada. Essa dinâmica de funcionamento da plataforma dificulta o rastreamento e a contenção efetiva da disseminação de informações falsas, especialmente quando são veiculadas por comunidades ativas e engajadas.

Herasimenka *et al.* (2023) levantam também a dificuldade e a necessidade de compreender o alcance e o impacto da desinformação em plataformas amplamente não moderadas. Mesmo sem o auxílio de algoritmos de recomendação, a

desinformação pode se propagar viralmente por meio de links para fontes enganosas, o que enfatiza a necessidade de estratégias eficazes para conter sua disseminação e minimizar seu impacto negativo na sociedade.

O artigo levanta a questão do equilíbrio entre a liberdade de expressão e o controle de conteúdo nas redes sociais, especialmente em plataformas como o Telegram, conhecidas por sua abordagem menos moderada. Encontrar formas de combater a desinformação sem comprometer a liberdade de expressão dos usuários representa um desafio significativo na luta contra a propagação de informações falsas.

Herasimenka *et al.* (2023) se empenham para apontar não apenas os desafios, mas possíveis soluções para os problemas levantados em sua pesquisa. Esses resultados podem ser fundamentais no enfrentamento dos desafios associados à desinformação nas redes sociais, particularmente no Telegram.

A identificação de padrões de pulverização de desinformação é uma dessas possibilidades. A análise dos dados revelou padrões distintos na disseminação de desinformação e notícias profissionais no Telegram. Isso possibilita uma compreensão mais profunda de como esses conteúdos são compartilhados e por quem, permitindo a detecção precoce de fontes de desinformação e a implementação de estratégias mais eficazes para combatê-las.

Os resultados destacaram a importância de focar na atividade das comunidades, leia-se, canais e grupos do Telegram ativos na propagação da desinformação. Isso sugere que direcionar esforços para monitorar e intervir nas atividades dessas comunidades pode ser uma abordagem eficaz para mitigar a disseminação de informações falsas e promover conteúdo confiável.

A constatação de que notícias profissionais podem competir com fontes de desinformação e alcançar uma audiência mais ampla ressalta a importância de valorizar e promover a qualidade e a credibilidade das fontes de informação baseadas em evidências. Investir em educação digital, promover a verificação de

fatos e apoiar o jornalismo de qualidade são medidas que podem ser fortalecidas com base nos resultados desta pesquisa para combater a desinformação nas redes sociais.

Finalmente, os resultados deste estudo apontam para a importância de entender a dinâmica da disseminação de desinformação e notícias profissionais em ambientes online. A pesquisa contribui para reforçar o consenso empírico sobre a propagação da desinformação e amplia a compreensão sobre o caso específico do Telegram. Além disso, o estudo sugere que, mesmo em plataformas sem moderação eficaz, fontes de notícias confiáveis podem prevalecer sobre fontes de desinformação, desafiando a noção de que a desinformação sempre atrai uma audiência maior devido à sua natureza sensacionalista.

4.5 A POSTURA DO JORNALISMO DIGITAL SOBRE VACINAS

O artigo de Posetti e Matthews (2018), intitulado *A Short Guide to the History of Fake News and Disinformation*, corrobora a ideia de que o jornalismo digital, quando pautado pelo compromisso com o rigor científico, tem desenvolvido estratégias eficazes de enfrentamento à desinformação, especialmente no campo da saúde pública. As autoras destacam que, apesar da internet ter intensificado a propagação de fake news — sobretudo em plataformas criptografadas e de difícil regulação, como o Telegram —, o ecossistema digital também permitiu a criação de respostas mais ágeis e especializadas por parte do jornalismo.

Nesse sentido, Posetti e Matthews (2018) apontam o crescimento de iniciativas de checagem de fatos (*fact-checking*), o investimento de grandes redações em núcleos dedicados à verificação científica e a formação de parcerias com instituições de pesquisa como medidas fundamentais para neutralizar conteúdos enganosos sobre vacinas e saúde. O jornalismo, portanto, não apenas reage à desinformação, mas se reposiciona como agente ativo na defesa da informação qualificada. Um estudo de Nielsen e Graves (2017) sobre o impacto do jornalismo digital nas percepções públicas de saúde revela que portais como BBC, The New York Times e Folha de S. Paulo adotam abordagens colaborativas com

cientistas e organizações de saúde pública para fornecer informações precisas sobre vacinas. Esses esforços incluem o uso de gráficos, vídeos explicativos e parcerias com redes sociais para aumentar o alcance da informação correta.

O artigo de Lacerda e Di Raimo (2022) contribui de forma relevante para a compreensão dos impactos das fake news no exercício do jornalismo digital, ao demonstrar como a desinformação compromete não apenas a credibilidade dos meios tradicionais, mas também o processo democrático e o direito à informação qualificada. Os autores ressaltam que o ambiente digital amplia a velocidade de circulação das notícias falsas, dificultando o trabalho de checagem e exigindo dos profissionais uma adaptação constante às novas dinâmicas tecnológicas. Além disso, o texto evidencia a urgência de um jornalismo mais propositivo, que atue não só na contenção da desinformação, mas também na reeducação midiática da sociedade. A análise se ancora em uma perspectiva crítica, ao propor a valorização da ética jornalística e do rigor informativo como formas de resistência diante da lógica algorítmica das plataformas digitais, que favorecem o sensacionalismo e o engajamento superficial.

Entretanto, apesar dessas iniciativas, existem as limitações do jornalismo digital, como a dificuldade em alcançar o público já convencido pelas fake news e as bolhas informacionais, como foi visto nos resultados desta tese. Nesse cenário, embora os veículos de comunicação digital tenham desempenhado um papel essencial no combate à desinformação, o alcance de suas ações muitas vezes é limitado àqueles que já confiam na grande mídia. Para enfrentar o Telegram e outras plataformas de difícil controle, os jornalistas precisariam adotar novas estratégias de comunicação, especialmente voltadas para os grupos mais vulneráveis à desinformação.

5 RESULTADOS

Diversos estudos apontam que a hesitação ou recusa em relação às vacinas muitas vezes está associada a crenças e ideologias políticas, além de fatores sociais e culturais (Fernandez; Matta; Paiva, 2022; Hwang *et al.*, 2022; Weinzierl; Harabagiu; 2022). Diante disso, em certos casos, movimentos antivacinação são impulsionados a partir da geração de desconfiança em relação ao governo, às instituições de saúde pública ou mesmo à indústria farmacêutica. Tais aspectos podem ser um indicador de relação com questões sociais e políticas ainda mais amplas, como o papel do Estado na saúde pública e a regulação da indústria farmacêutica.

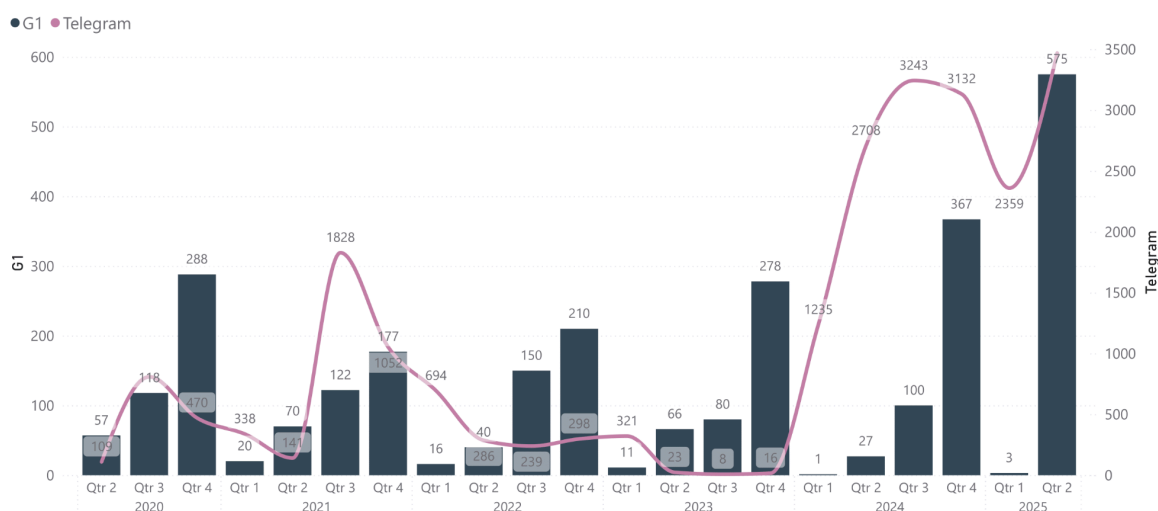
Além dos aspectos supracitados, debates sobre políticas de saúde, liberdade individual, e até mesmo teorias da conspiração, podem se entrelaçar com as discussões sobre vacinação e se difundirem através de plataformas digitais de comunicação, como o Telegram. Outro ponto de grande importância se refere à polarização política, que, de certa maneira, pode acabar influenciando a percepção sobre as vacinas, principalmente quando questões relacionadas à saúde pública acabam sendo politizadas e se tornando divisivas dentro da sociedade (Ebeling *et al.*, 2022).

Neste ambiente, muitos grupos e comunidades se estabelecem através de plataformas digitais, promovendo discussões e disseminando conteúdos que, muitas vezes, vão de encontro a uma busca por potencialização da anti-vacinação, como é o caso do canal do Telegram analisado nesta tese. Neste capítulo são apresentados os resultados da investigação, com foco em uma descrição prévia e análise de padrões e grupos de conteúdos circulantes identificados no objeto de estudo.

5.1 ANÁLISE DESCRITIVA

O canal analisado foi criado juntamente com o início de uma das maiores crises sanitárias da Idade Contemporânea, a pandemia da COVID-19. Ao longo do ano de 2020, conforme pode ser observado na Figura 3, que apresenta o quantitativo numérico de mensagens compartilhadas por trimestre, o volume de publicações alcançou seu maior valor no terceiro trimestre, o qual apresentou um notável aumento no número de casos. Entretanto, vislumbrando a série temporal completa, o terceiro trimestre de 2021 foi o de maior quantitativo, chegando praticamente ao dobro do valor máximo anteriormente observado.

Figura 3. Evolução quantitativa comparativa de compartilhamento de mensagens no Telegram e notícias publicadas no G1



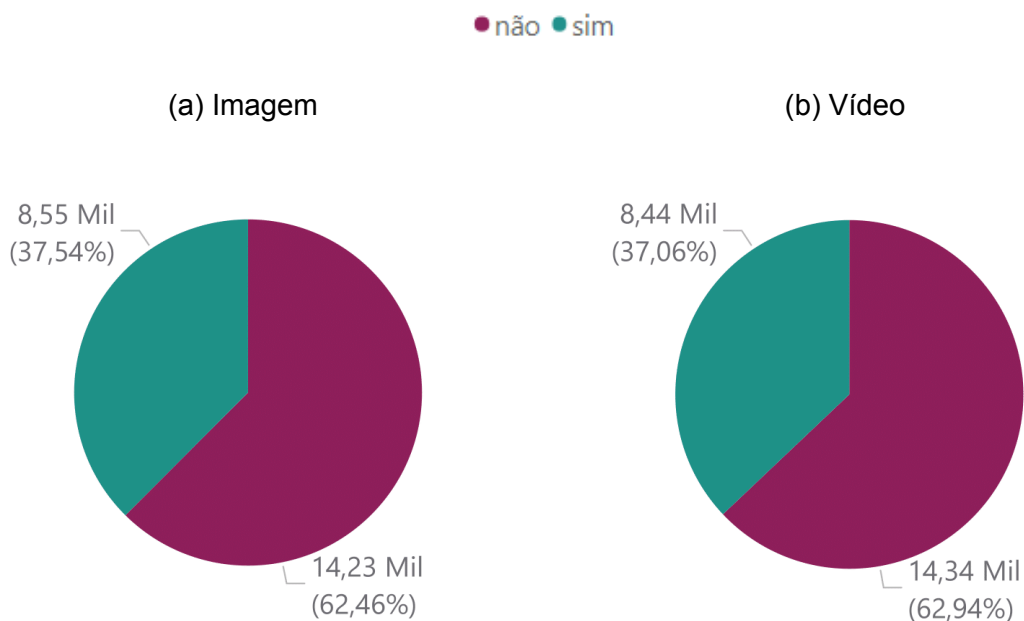
Fonte: dados de pesquisa.

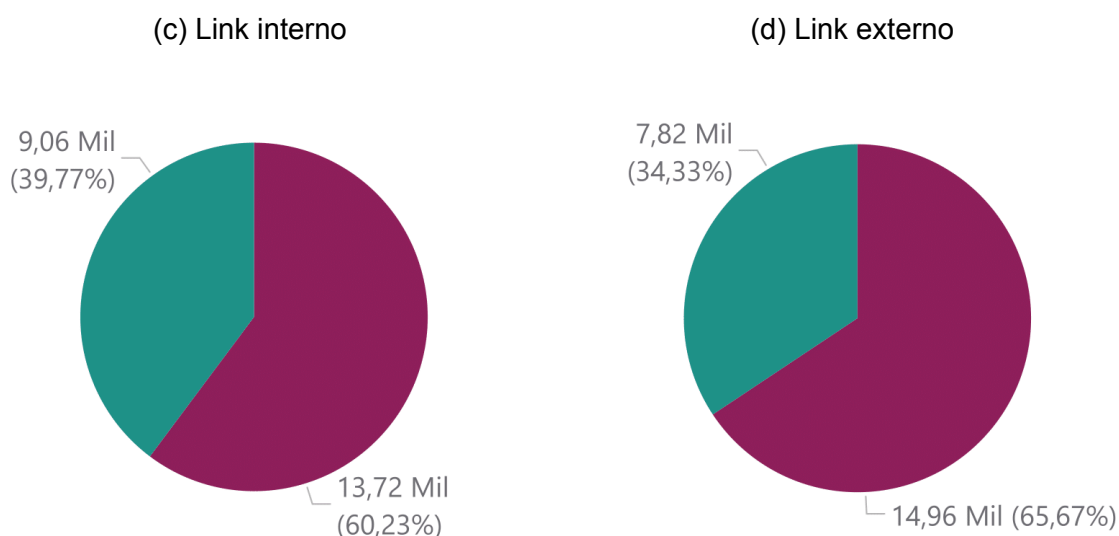
Cabe pontuar que em 17 de Janeiro de 2021 a Anvisa aprovou o uso emergencial das primeiras vacinas no Brasil (Resende, 2021). Entretanto, seguindo o calendário vacinal da COVID-19, apenas no terceiro trimestre a grande parte da população passou a ter acesso à vacina, o que, eventualmente, repercutiu de maneira mais intensa entre a população, inclusive de maneira associada a discursos de autoridades sobre a pandemia da COVID-19 e a campanha vacinal e reações populares nomeadamente desinformativas, como o mito de “virar jacaré” (Bezerra;

Magno; Maia, 2021). Neste ponto, é possível que exista uma relação entre os fatos citados e o maior volume numérico de compartilhamentos de mensagens, o que deverá ser investigado na continuidade desta tese.

A Figura 4 apresenta indicadores gerais relacionados aos tipos de mídia compartilhadas e uso de menções e links. As menções são denominadas como links internos, uma vez que se referem ao direcionamento para ambientes dentro do próprio Telegram, como outros canais ou grupos. Observa-se, nesse contexto, que aproximadamente 37% das mensagens foram compartilhadas com imagens associadas, enquanto 23% apresentam mídia do tipo vídeo. Essa estratégia atua como uma ferramenta de engajamento, que acaba por potencializar o envolvimento do usuário com o conteúdo compartilhado.

Figura 4. Indicadores gerais





Fonte: dados de pesquisa.

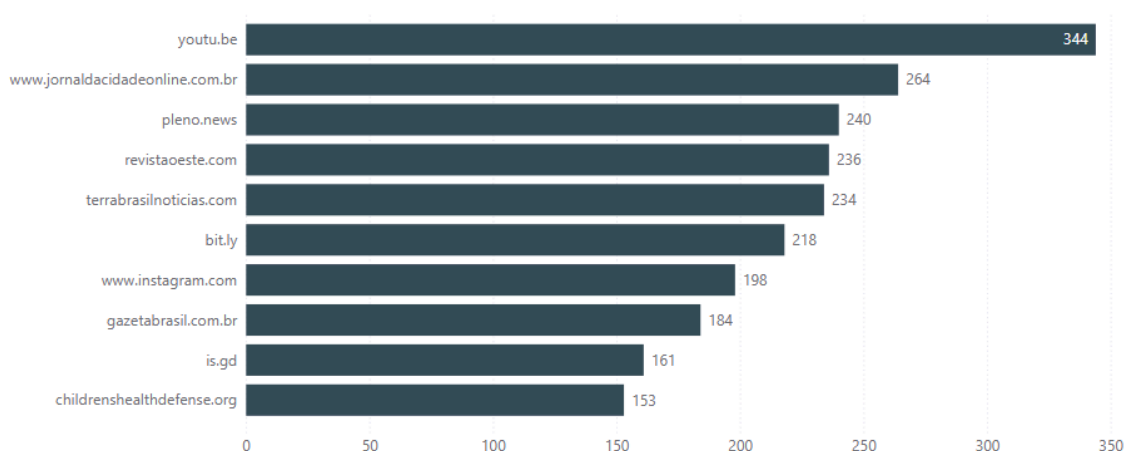
A inserção de conteúdos visuais, como imagens e vídeos, na disseminação de mensagens pode ser atribuída a uma variedade de fatores. Entre eles estão o viés de confirmação, que leva as pessoas a compartilharem informações que confirmam suas crenças preexistentes; o apelo à novidade e às emoções, que tornam os conteúdos mais atraentes e suscetíveis à viralização; os algoritmos das redes sociais, projetados para amplificar conteúdos potencialmente virais; o desejo de pertencimento a uma determinada bolha social, reforçando a identidade e os valores do canal; a falta de habilidades de alfabetização digital e letramento informacional, que dificultam a avaliação crítica da veracidade das informações; e a escassez de recursos, tempo ou interesse para realizar a verificação de fatos (Pennycook *et al.*, 2020; Guess *et al.*, 2019).

Ainda com relação à Figura 4, é possível notar que 38,8% das mensagens apresentaram links internos, conduzindo os usuários para grupos ou canais do próprio Telegram. É comum que no Telegram os canais sejam utilizados para promover o acesso a grupos de discussão, onde existe mais interação e que, eventualmente, não estão acessíveis de forma direta ou não são encontrados por meio de buscas simples dentro da plataforma. Tais grupos usam estratégias de nomeação como o uso de caracteres especiais, como letras de diferentes alfabetos

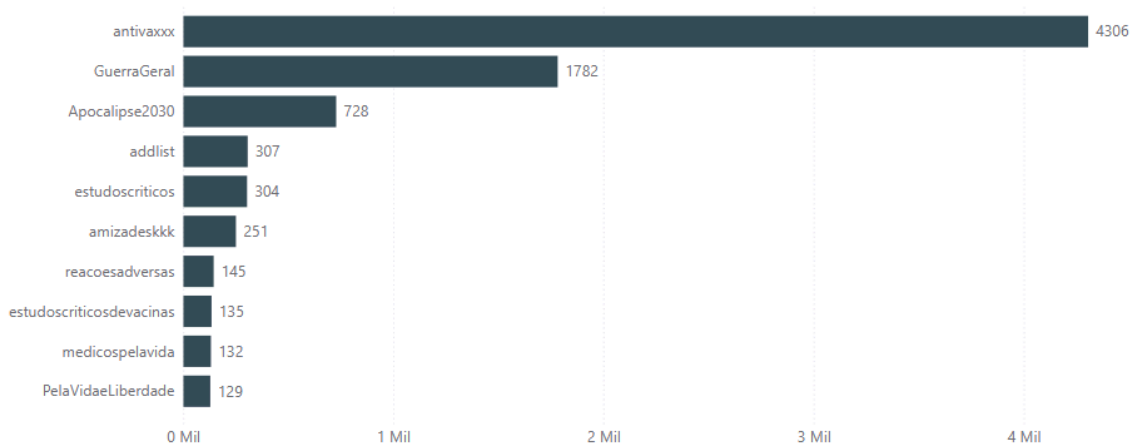
ou escrita invertida, onde as letras ficam rotacionadas horizontalmente. Para os links externos, se identificou um percentual 23,7%, com identificação principalmente de links de páginas de notícias e de outras redes sociais. Os links seguem essencialmente o viés temático ao qual o canal propõe, conforme pode ser observado na Figura 5.

Figura 5. Principais referências (*links*)

(a) Links externos



(a) Links internos



A Figura 6 apresenta um exemplo de conteúdo compartilhado no canal contendo um link externo e uma imagem. Em muitas situações, os usuários acabam

usando uma amostra representativa de uma informação, como uma imagem, para fazer uma avaliação preliminar de sua credibilidade, ao invés de examinar cuidadosamente o conteúdo completo apresentado no link. No caso observado na Figura 6 se tem uma imagem associada a um veículo jornalístico tradicional e ao mesmo tempo um link que se difere do conteúdo imagético apresentado. Tal situação pode levar a uma interpretação parcial ou distorcida da informação e aumentar o risco de disseminação de desinformação.

Figura 6. Print de conteúdo compartilhado no canal



Fonte: Telegram, 2023.

Diante desse cenário, é importante refletir sobre as possíveis razões pelas quais as pessoas compartilham informações falsas e sensacionalistas nas redes sociais é o viés de confirmação, um fenômeno psicológico comum no qual os indivíduos tendem a buscar e aceitar informações que confirmam suas crenças preexistentes. Nesse sentido, quando se deparam com notícias falsas que se alinham com suas opiniões, muitas vezes compartilham em busca de validação emocional, mesmo que não sejam verdadeiras.

Muito ligado a esse fator, vídeos e imagens sensacionalistas têm o poder de despertar emoções intensas, como choque, raiva ou medo, uma característica do cenário da pós-verdade. Essas emoções podem influenciar o comportamento online dos usuários, levando-os a consumir e disseminar conteúdos sem verificar sua veracidade, especialmente quando estes conteúdos estão emocionalmente entrelaçados com outras questões particulares dos indivíduos que os consomem.

As plataformas de redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação da desinformação, amplificando sua propagação devido aos algoritmos que priorizam conteúdos altamente envolventes. Esse mecanismo favorece a rápida difusão de notícias falsas, ampliando seu alcance para um público maior. Esse ciclo vicioso expõe mais indivíduos a informações incorretas, aumentando assim a probabilidade de compartilhamento.

Além disso, o ato de compartilhar certas (des)informações muitas vezes funciona como uma expressão de identidade social e afiliação a grupos ou comunidades online. Quando o conteúdo ressoa com convicções e valores dos seus consumidores, eles sentem uma forte inclinação em compartilhá-lo, fortalecendo assim os vínculos com esses grupos virtuais.

A carência de alfabetização digital emerge como um fator de peso nesse cenário. Muitos indivíduos não possuem as habilidades críticas necessárias para discernir a credibilidade das informações encontradas online. Isso os torna suscetíveis a compartilhar conteúdo falso sem identificar os sinais de desinformação, o que intensifica a propagação de informações incorretas.

Para além do exposto, a escassez de tempo, recursos e interesse no processo de verificação também desempenha um papel relevante. Averiguar a veracidade das notícias requer um investimento significativo de tempo e esforço, recursos que nem todos dispõem. Consequentemente, muitos optam por compartilhar informações de maneira precipitada, sem questionar sua precisão, o que alimenta a disseminação da desinformação nas redes sociais.

O problema da desinformação está intrinsecamente ligado à natureza humana, refletindo tendências cognitivas e comportamentais. Os seres humanos demonstram uma propensão para acreditar em informações que confirmam suas crenças preexistentes e para se envolver em comportamentos de grupo que reforçam suas identidades sociais. Essa predisposição é exacerbada no ambiente digital, como o canal @antivaxxx do Telegram, onde a rápida disseminação de informações característica da própria plataforma, assim como a fragmentação das fontes de notícias, podem amplificar a propagação da desinformação.

As soluções apresentadas até o momento para combater a desinformação enfrentam desafios significativos de eficácia e implementação. Embora medidas como a verificação de fatos, a educação midiática e a regulação das plataformas online tenham sido propostas como possíveis soluções, elas muitas vezes encontram limitações práticas e políticas. Por exemplo, a verificação de fatos pode ser difícil de escalar para lidar com a quantidade massiva de desinformação online, enquanto a educação midiática pode levar tempo para produzir resultados tangíveis e requer cooperação entre diferentes atores da sociedade. Além disso, a regulação das plataformas online pode ser controversa e enfrentar resistência devido a preocupações com a liberdade de expressão e a influência das grandes corporações de tecnologia, como tem sido observado no atual contexto político e social do Brasil.

Outro ponto de fundamental importância se refere à análise do papel dos robôs na disseminação de notícias falsas, o que é primordial para se compreender a dinâmica das bolhas informacionais criadas nas plataformas digitais. Os robôs, ou *bots*, são programas de computador projetados para automatizar interações em redes sociais, incluindo a divulgação de conteúdo. Quando programados para espalhar notícias falsas, esses *bots* podem amplificar a propagação de desinformação, aumentando a visibilidade e o alcance de narrativas enganosas. Além disso, o uso de bots para disseminar *fake news* pode minar a confiança nas instituições, na mídia e na própria informação, criando um ambiente propício para a disseminação de teorias da conspiração e a erosão da democracia.

Outro desafio igualmente relevante diz respeito à dificuldade de tangenciamento entre o jornalismo tradicional e as bolhas desinformativas, especialmente no que se refere a temas de interesse público, como as campanhas de vacinação. Ainda que veículos jornalísticos sigam empenhados em noticiar, esclarecer e conscientizar, seus conteúdos parecem não ultrapassar os limites das comunidades informacionais que consomem apenas aquilo que reforça suas crenças prévias. Na sessão seguinte, essa problemática será aprofundada por meio da análise comparativa de grafos construídos a partir de conteúdos veiculados no canal @antivaxxx do Telegram e no portal jornalístico G1, permitindo visualizar, na prática, como os fluxos de informação se estruturam, se afastam ou se aproximam nos ambientes digitais.

5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

O presente capítulo dedica-se à análise dos dados extraídos dos grafos construídos a partir de dois universos informacionais distintos: conteúdos sobre vacinas veiculados no canal @antivaxxx do Telegram e reportagens publicadas pelo portal G1 entre os anos de 2020 e 2025. A partir da visualização e interpretação dos grafos gerados com base em palavras-chave recorrentes, busca-se compreender os padrões discursivos, os campos semânticos predominantes e os sentidos atribuídos à vacinação em cada ambiente digital.

Mais do que observar os conteúdos de forma isolada, este capítulo propõe uma comparação direta entre os dois grupos analisados, a fim de verificar possíveis pontos de intersecção, divergência e, sobretudo, identificar se há algum nível de influência ou permeabilidade entre o discurso jornalístico de orientação científica e a retórica desinformativa presente em bolhas digitais de caráter conspiracionista. Trata-se, portanto, de uma etapa central para responder ao problema de pesquisa e aprofundar a reflexão sobre os limites da atuação jornalística em ecossistemas de desinformação.

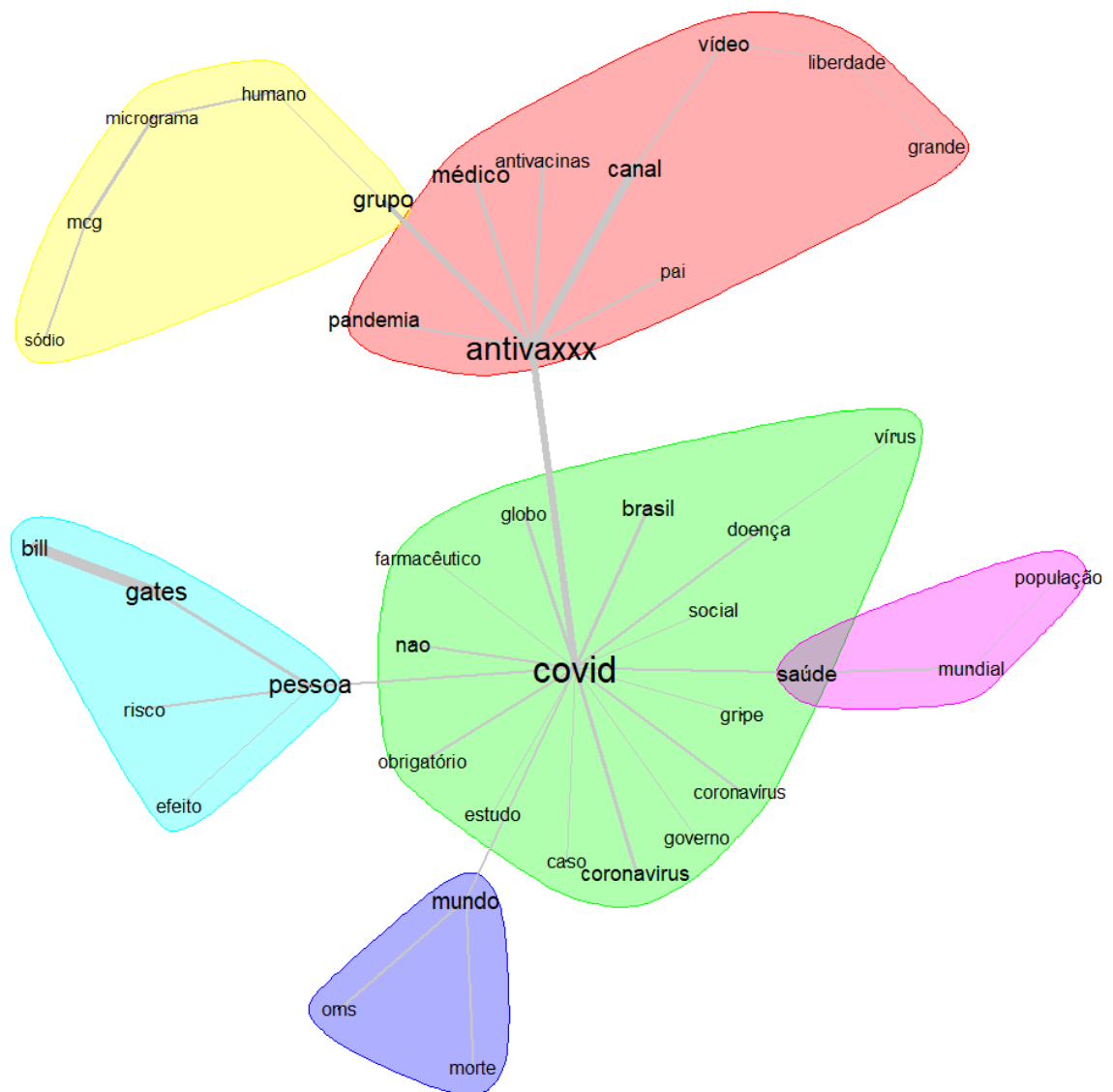
5.2.1 Ano 2020

O grafo de similitude referente ao canal antivacina no Telegram, no ano de 2020 (Figura 7), revela a estrutura semântica inicial de um discurso negacionista em plena eclosão da pandemia de COVID-19. A centralidade do termo “covid”, posicionado como a principal âncora lexical do conjunto, evidencia a pandemia como eixo organizador do discurso antivacinal. Este termo articula-se diretamente a um léxico de contestação e desconfiança, cujas palavras associadas, como “globo”, “farmacêutico”, “obrigatório”, “estudo”, “caso”, “coronavírus”, “governo”, “gripe”, “doença” e “vírus”, revelam uma narrativa que mescla crítica à mídia tradicional (representada pelo termo “globo”), oposição à obrigatoriedade vacinal e suspeição em relação às autoridades sanitárias e científicas.

A ligação entre “covid” e “gripe” indica uma estratégia retórica comum nos primeiros meses da pandemia: a minimização da gravidade do coronavírus ao equipará-lo à gripe comum, relativizando seus riscos. Já o agrupamento de termos como “farmacêutico”, “obrigatório” e “estudo” sugere uma crítica à indústria farmacêutica e ao processo científico, vistos aqui como instrumentos de controle e não de saúde pública.

Conectado a esse núcleo maior, emerge o segundo grupo mais proeminente, centrado na palavra “antivaxx”, um termo deliberadamente grafado com três “x”, usualmente uma estratégia para burlar mecanismos de moderação nas plataformas. Neste agrupamento, aparecem termos como “pandemia”, “médico”, “antivacinas”, “canal”, “vídeo” e “liberdade”, o que denota a existência de uma metanarrativa que articula identidade de canal (a autodeclaração como “antivaxx”) e resistência ao que é percebido como imposição sanitária. A palavra “liberdade” atua aqui como um operador ideológico de forte apelo emocional, frequentemente mobilizado para legitimar a recusa à vacinação como expressão de autonomia individual.

Figura 7. Grafo de similitude - Telegram, ano 2020



Fonte: dados de pesquisa.

Outros grupos menores complementam o cenário semântico de 2020. Um deles se organiza em torno do termo “grupo”, com palavras adjacentes como “humano”, “micrograma”, “mcg” e “sódio”, sugerindo a circulação de conteúdos pseudocientíficos que detalham supostos componentes tóxicos das vacinas, numa tentativa de conferir verniz técnico à desinformação. Já o núcleo centrado em

“pessoa”, que se conecta a “gates”, “bil”, “risco” e “efeito”, remete à teoria conspiratória que associa Bill Gates à disseminação do vírus ou à implantação de tecnologias de controle por meio da vacinação. A presença do termo “risco” nesse contexto reforça a construção discursiva da vacina como ameaça e não como proteção.

Outros dois núcleos menores também merecem destaque. O primeiro é centrado em “saúde”, com adjacências como “mundial” e “população”, o que sugere críticas à atuação da Organização Mundial da Saúde e à condução da vacinação em nível global. O segundo, ancorado em “mundo”, liga-se a “OMS” e “morte”, apontando para a retórica apocalíptica que associa a pandemia a uma agenda global maliciosa, recorrente em conteúdos conspiratórios dessa natureza.

Esse panorama de 2020 evidencia que, já naquele momento, o discurso antivacinal no Telegram não apenas articulava críticas ao imunizante em si, mas operava dentro de uma lógica mais ampla de deslegitimação das instituições, produção de medo e reforço de uma identidade grupal resistente ao consenso científico.

O grafo referente ao G1 em 2020 (Figura 8), apresenta uma configuração estrutural claramente orientada por termos ligados à política de imunização pública. O grupo principal tem como termo central “campanha”, rodeado por adjacências que incluem “antirrábica”, “meta”, “etapa”, “prefeitura”, “poliomielite”, “raiva”, “posto”, “pólio”, “Belém”, “fase”, “criança”, “Sergipe”, “Goiás”, “Cascavel”, “baixo”, “Paraná” e “coronavírus”. Esse agrupamento sugere a centralidade das campanhas tradicionais de vacinação, como as “antirrábica” e “poliomielite”, articuladas com iniciativas locais e regionais em estados como “Goiás”, “Sergipe” e “Pará” (“Belém”), e eventos específicos de “etapas” ou “fases” operacionais. Nesse sentido, a presença do termo “coronavírus” já nesse núcleo indica uma articulação entre a campanha anual de vacinas convencionais e o contexto emergente da pandemia, com a expectativa do desenvolvimento da vacina contra a COVID-19.

aparece em consonância com estratégias emergenciais para intensificar a cobertura, seja em contextos regionais como "Manaus" ou no estado de "São Paulo", possivelmente entre eventos de "dezembro".

O terceiro núcleo, centrado em "gripe", traz "influenza" e "H1N1" como adjacentes, remetendo às vacinas sazonais distribuídas anualmente. Isso destaca a preocupação concomitante com a proteção contra doenças respiratórias tradicionais, em um contexto epidemiológico mais amplo.

O quarto agrupamento, bastante próximo ao núcleo principal, organiza-se em torno de "sarampo", com "prazo" como termo secundário. Isso sugere notícias sobre alertas e limites temporais das campanhas de vacinação contra o "sarampo", frequentemente transmitidos por autoridades de saúde para evitar a perda de janela imunológica.

O quinto núcleo menor apresenta "aftosa" como palavra principal, com "febre" como secundária. A inclusão desse par parece indicar a presença de referências a campanhas veterinárias (vacinação contra a "febre aftosa"), que, embora menos centrais para o público geral, aparecem no universo editorial do G1 ao noticiar imunização em outras esferas (animal).

Esses núcleos revelam que a cobertura do G1 em 2020 articulou diferentes frentes vacinais: desde campanhas de rotina contra "poliomielite", "raiva", "gripe" e "sarampo" até pautas emergenciais relacionadas à "covid". A combinação de termos como "plano", "nacional", "governo" e "obrigatório" indica uma ênfase no papel estatal na coordenação e obrigatoriedade dos programas. Já a presença de localizações regionais ("Belém", "Cascavel", "Manaus", "Goiás", "Sergipe", "São Paulo") reforça o caráter descentralizado da atuação institucional no território brasileiro.

Essa estrutura temática se distancia consideravelmente da lógica dos grafos do canal antivacina do Telegram em 2020, que priorizam narrativa conspiratória, desconfiança e retórica de liberdade individual. No G1, o discurso está organizado

em torno da operacionalização real das campanhas de saúde pública, com clareza institucional e foco em "metas", "fases" e estratégias regionais. Nesse sentido, evidenciam-se dois universos discursivos nitidamente distintos, tanto em seus eixos semânticos quanto em seus enquadramentos ideológicos.

No grafo do Telegram, observa-se a prevalência de uma lógica discursiva sustentada pela desconfiança, pelo embate com instituições e pela formulação de narrativas conspiratórias. A centralidade da palavra "covid", conectada a termos como "globo", "governo", "obrigatório", "farmacêutico" e "estudo", revela uma construção discursiva marcada pela oposição: oposição à mídia, à ciência institucionalizada, à obrigatoriedade vacinal, às autoridades sanitárias e, finalmente, à lógica das vacinas aprovadas por processos baseados em evidências.

O discurso se ancora em estratégias de deslegitimação das fontes tradicionais de informação e saber. Além disso, os agrupamentos associados a termos como "antivaxxx", "liberdade", "vídeo", "médico", "grupo", "mcg", "sódio", "bil", "gates" e "risco" apontam para uma arquitetura discursiva que combina a autopromoção identitária do movimento antivacinal com a circulação de teorias conspiratórias e pseudociência. O resultado é um campo semântico altamente polarizado, que não apenas recusa o conteúdo técnico-científico das campanhas de imunização, mas também propõe uma leitura alternativa da realidade, pautada em suspeições morais, apelos à liberdade individual e medos generalizados em torno de controle populacional.

Por outro lado, o grafo do G1 em 2020 apresenta uma configuração semanticamente ancorada na institucionalidade e na gestão pública da saúde. A centralidade do termo "campanha", junto a expressões como "meta", "etapa", "prefeitura", "posto", "criança", "fase", "Sergipe", "Belém", "Paraná" e "coronavírus", revela um discurso orientado por informações operacionais sobre a execução das campanhas de vacinação no território nacional. Os núcleos que se organizam em torno de "poliomielite", "gripe", "sarampo" e "aftosa" reforçam o compromisso do discurso jornalístico com a diversidade e continuidade das políticas públicas de

imunização, mesmo diante da emergência sanitária provocada pela covid-19. A vinculação dos termos "covid", "plano", "nacional", "governo", "mutirão", "Manaus", "SP" e "dezembro", no segundo agrupamento, destaca uma perspectiva de ação coordenada, baseada em dados e estratégias coletivas. É notável, nesse grafo, a ausência de marcadores emocionais ou retóricos de confronto, em contraste com o material do Telegram.

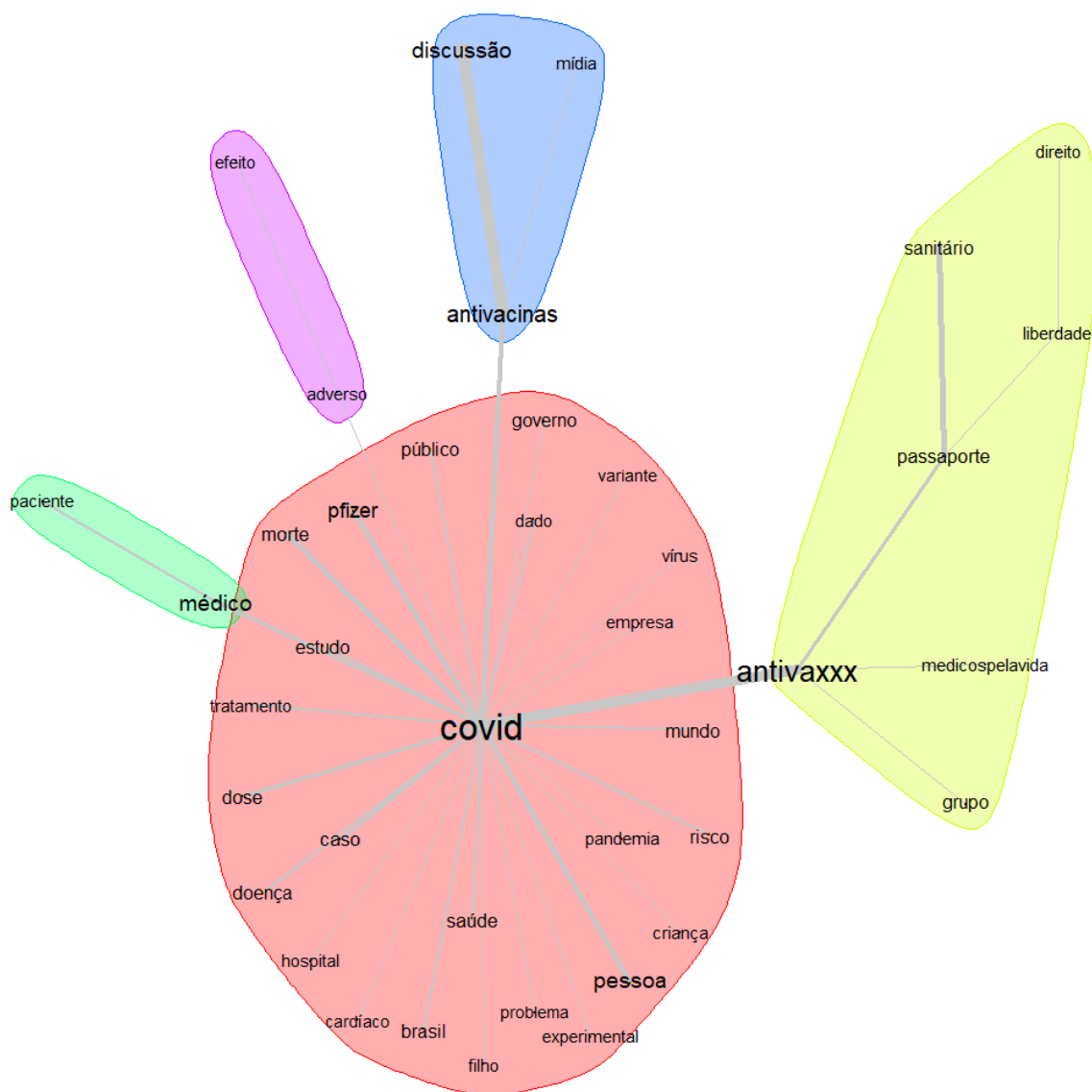
Enquanto o grafo do G1 opera dentro de um campo discursivo técnico e informacional, voltado à prestação de serviço e à mediação entre o poder público e a população, o grafo do Telegram reflete uma radicalização do discurso de oposição às vacinas, por meio de uma linguagem marcada por termos de suspeição, teorias conspiratórias e descrédito generalizado das instituições, muito semelhante à lógica da pós-verdade. O primeiro produz informação com base em estruturas de autoridades reconhecidas, enquanto o segundo aposta na desestabilização desses referenciais.

Portanto, em 2020, a diferença entre os grafos não se dá apenas pela seleção léxica ou pelos temas abordados, mas pela própria lógica de funcionamento de cada discurso: de um lado, o discurso jornalístico institucionalizado que atua na manutenção do consenso vacinal; de outro, a insurgência de um contra-discurso que opera pela negação, pela dissidência e pela propagação de desinformação travestida de liberdade de expressão.

5.2.2 Ano 2021

O grafo de similitude do canal antivacina no Telegram, referente ao ano de 2021 (Figura 9), revela o aprofundamento de um campo discursivo estruturado por estratégias de medo, deslegitimação e mobilização política. A centralidade do termo "covid" como principal ponto de articulação semântica indica a permanência da pandemia como eixo organizador da narrativa antivacinal, mas agora com uma expansão léxica e ideológica mais complexa.

Figura 9. Grafo de similitude - Telegram, ano 2021



Fonte: dados de pesquisa.

O grupo principal, orbitando em torno de "covid", apresenta como termos adjacentes palavras como "pfizer", "morte", "estudo", "tratamento", "dose", "caso", "doença", "hospital", "cardíaco", "brasil", "saúde", "filho", "problema", "experimental", "pessoa", "criança", "pandemia", "risco", "mundo", "empresa", "vírus", "variante", "dado", "governo" e "público". A presença de "pfizer" nesse núcleo, associada a

palavras como "morte", "experimental", "risco", "problema" e "cardíaco", aponta para uma narrativa que visa questionar a segurança da vacina, com foco específico em efeitos adversos e danos potenciais, sobretudo associados à vacinação de "criança" e "filho". A articulação entre termos como "empresa", "governo", "público" e "dado" indica uma retórica de suspeição em relação à transparência institucional e ao papel de corporações farmacêuticas, em particular a Pfizer, no enfrentamento da pandemia. Ao mesmo tempo, termos como "pandemia", "vírus", "variante" e "caso" sugerem uma reapropriação do vocabulário técnico-científico em chave crítica, com o intuito de desconstruir as narrativas hegemônicas de controle e imunização.

O segundo agrupamento, que se encosta semanticamente ao grupo central, está ancorado na palavra "antivaxxx", novamente grafada com três "x" em possível alusão a estratégias de evasão de moderação algorítmica. A ele se ligam os termos "passaporte", "sanitário", "liberdade", "direito", "medicospelavida" e "grupo". Trata-se de um conjunto semântico que incorpora uma dimensão explicitamente política e jurídica ao discurso antivacinal, sobretudo pela oposição direta ao "passaporte sanitário", entendido aqui como uma violação de "liberdade" e "direito". O termo "medicospelavida", possivelmente uma hashtag, insere o conteúdo do canal no ecossistema mais amplo de discursos negacionistas médicos, que ganharam visibilidade no Brasil durante a pandemia, especialmente entre defensores de tratamentos ineficazes ou não comprovados cientificamente. A menção a "grupo" reforça a identidade coletiva e militante desses agentes discursivos.

O terceiro grupo, estruturado em torno de "antivacinas", com adjacências como "discussão" e "mídia", evidencia a existência de um metadiscorso — isto é, uma autorreflexão crítica sobre a forma como os conteúdos antivacinais são debatidos ou representados na imprensa e no espaço público. Este pequeno agrupamento funciona como um espelho da tensão entre visibilidade e censura percebida, onde a "mídia" aparece como agente de repressão simbólica à "discussão" legítima.

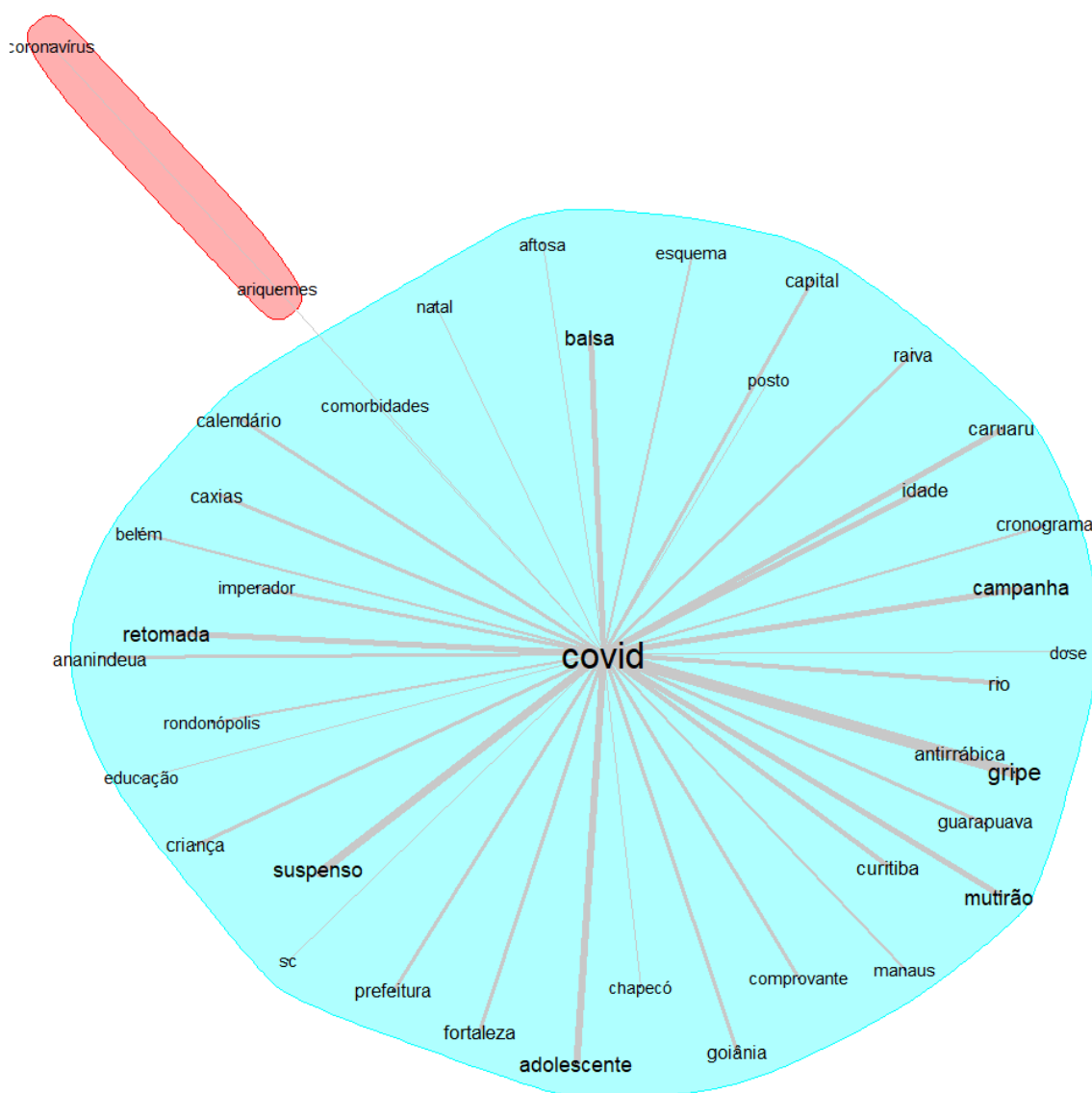
O quarto grupo, com os termos "adverso" e "efeito", condensa de forma sucinta um dos principais eixos argumentativos do movimento antivacinal: a associação direta entre vacinas e reações negativas, muitas vezes superdimensionadas ou não comprovadas, mas emocionalmente eficazes na produção de medo e hesitação vacinal.

Por fim, o quinto grupo, cuja palavra central é "médico", conectada a "paciente", aproxima-se semanticamente do núcleo principal, sugerindo a tentativa de legitimar o discurso antivacinal por meio de figuras de autoridade médica. Essa estratégia já recorrente no campo negacionista procura ressignificar a relação médico-paciente, deslocando-a para um contexto de suposta resistência ética à medicina institucionalizada.

De maneira geral, o grafo de 2021 sinaliza um amadurecimento discursivo do movimento antivacinal no Telegram: mais articulado, mais politizado e cada vez mais calcado na linguagem biomédica. As vacinas, sobretudo a da Pfizer, tornam-se o principal alvo simbólico, associadas a termos de risco, morte e experimentação. Em paralelo, emerge uma identidade política resistente, estruturada em torno de palavras como "direito", "liberdade" e "passaporte", que reposicionam o discurso antivacinal no campo mais amplo das disputas sobre democracia, coerção estatal e liberdade individual em tempos de pandemia.

O grafo de similitude referente ao corpus do G1 no ano de 2021 (Figura 10) revela uma centralidade semântica evidente em torno da palavra "covid", que atua como núcleo de significados e irradia relações para um conjunto expressivo de termos distribuídos de forma ampla, embora relativamente homogênea. A partir dessa centralidade, percebe-se uma ênfase na cobertura jornalística voltada à operacionalização das campanhas de vacinação nos municípios brasileiros. Termos como "retomada", "educação", "prefeitura", "campanha", "cronograma", "calendário" e "comprovante" apontam para um discurso institucional centrado na administração pública, na organização das estratégias vacinais e na tentativa de reintegração de atividades sociais suspensas.

Figura 10. Grafo de similitude - G1, ano 2021



Fonte: dados de pesquisa.

Além disso, a menção a nomes de cidades como "ananindeua", "rondonópolis", "chapecó", "goiânia", "caruaru", "caxias" e "natal" demonstra uma cobertura geograficamente diversificada, voltada à concretude das ações locais. Isso também sugere uma narrativa jornalística que privilegia a descentralização

informativa, conferindo legitimidade às práticas vacinais a partir de exemplos reais em diferentes contextos urbanos.

Outro aspecto importante é a incorporação de palavras como "gripe", "antirrábica", "aftosa" e "raiva", que indicam menções a outras campanhas vacinais realizadas em paralelo à da covid-19. Isso sugere uma tentativa do G1 de apresentar a vacinação como uma prática institucionalizada e histórica, inserindo a imunização contra o coronavírus em uma linha de continuidade com outras políticas públicas de saúde. Essa abordagem reforça a ideia de normalidade, integração e segurança.

O grupo secundário, composto apenas pelas palavras "ariquezes" e "coronavírus", mantém-se conectado, mas marginal, possivelmente aludindo a um contexto específico ou a uma situação pontual que não teve repercussão significativa no conjunto do discurso. O baixo número de grupos em comparação com grafos de outros anos ou de outras fontes já revela um dado importante: o discurso do G1 neste ano tende à centralização e à homogeneização temática, com poucos desvios ou tensões discursivas.

Nesse cenário, o contraste entre os grafos de 2021 do Telegram e do G1 revela, mais uma vez, a existência de universos semânticos radicalmente distintos em torno da temática vacinal, reforçando a hipótese de um campo comunicacional marcado por disputas de sentidos.

No grafo do Telegram, a palavra "covid" também ocupa a posição de centralidade, mas a rede que dela emana é densamente povoada por termos que constroem um campo discursivo de desconfiança, denúncia e polarização. Palavras como "morte", "hospital", "experimental", "cardíaco", "risco", "problema", "governo", "público" e "empresa" indicam uma construção narrativa voltada a questionar a legitimidade da vacinação, lançando mão de argumentos de médicos contra a vacina, assim como políticos e sociais. A presença de "filho", "criança" e "pandemia" reforça o apelo emocional, recorrente em discursos antivacina. Além disso, a existência de grupos bem definidos em torno de termos como "antivaxxx",

"antivacinas", "efeito" e "mídia" aponta para um ecossistema discursivo articulado e que reforça suas próprias crenças internamente.

Por outro lado, o grafo do G1 se mostra extremamente concentrado em uma estratégia narrativa funcional e informativa. A palavra "covid" aparece como eixo estruturante, mas é cercada por vocábulos que remetem à logística, ao calendário e à atuação dos municípios na execução da vacinação. Não há, nesse conjunto, qualquer espaço para contestação da vacina ou para a problematização dos efeitos adversos. Ao contrário, o discurso se ancora na continuidade institucional, incluindo outras campanhas, como as de "gripe", "antirrábica" e "aftosa", compondo uma tessitura discursiva de normalização da vacinação como prática consolidada no Brasil.

A comparação entre os dois grafos, portanto, não apenas explicita diferentes enquadramentos discursivos, mas evidencia que, enquanto o G1 trabalha a vacinação como um componente legítimo e rotineiro da saúde pública, o canal do Telegram, de viés antivacinal, busca tensionar esse consenso, articulando-se em torno de sentidos que promovem resistência, dúvida e enfrentamento à institucionalidade.

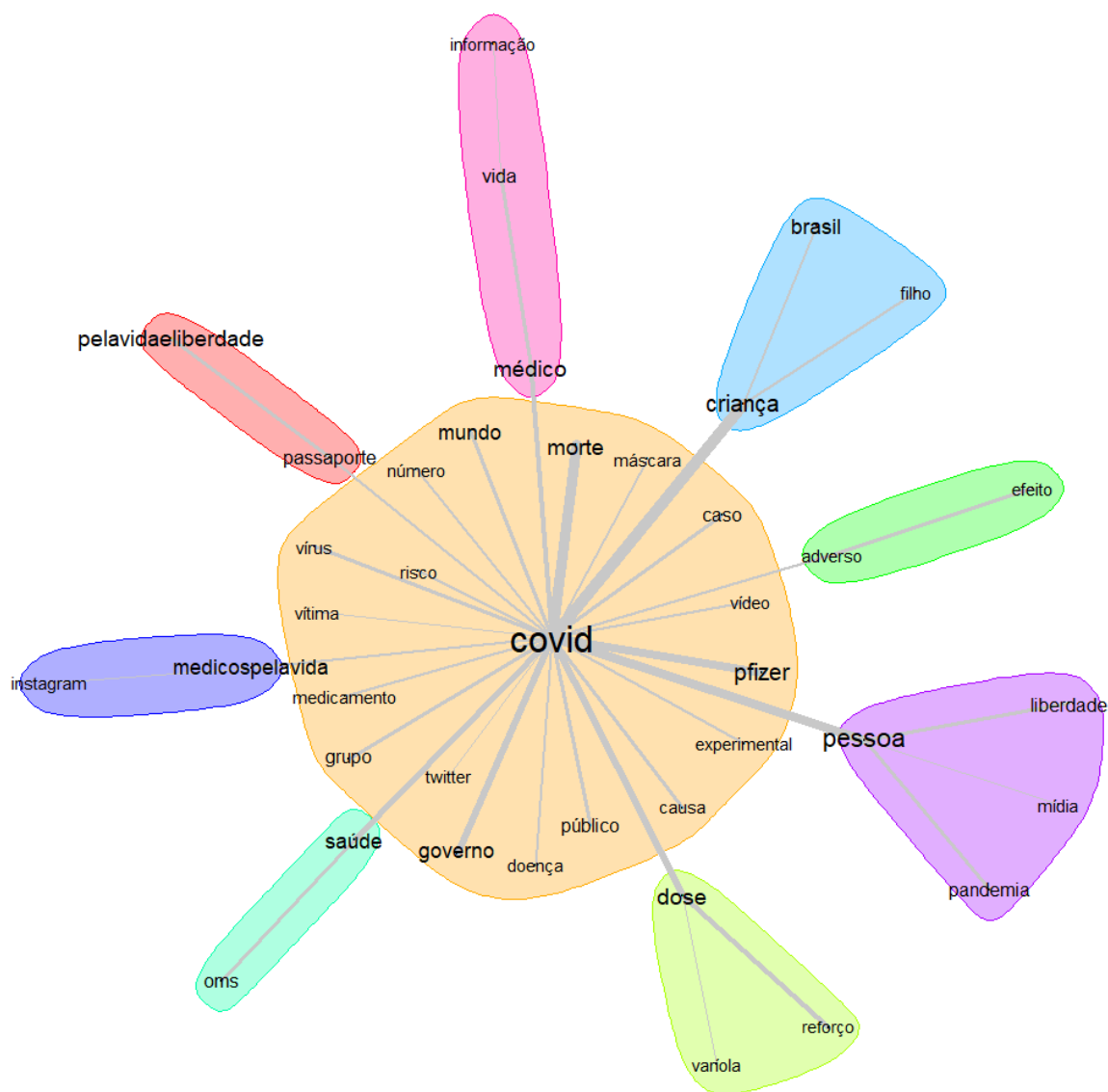
Se, por um lado, o G1 aposta na homogeneização discursiva como forma de reforçar o pacto sanitário, o Telegram opera com múltiplos núcleos semânticos que reforçam a fragmentação e a contestação desse mesmo pacto. Os grafos de 2021 são, assim, expressões visuais da crise de confiança e da disputa epistemológica travada em torno da ciência e da saúde pública no Brasil contemporâneo.

5.2.2 Ano 2022

No ano de 2022, o grafo do Telegram (Figura 11) evidencia a permanência do discurso antivacinal, porém já deslocado da intensidade de 2021. O termo central permanece sendo "covid", mas, diferentemente dos anos anteriores, ele passa a

dialogar com um número maior de agrupamentos laterais, sugerindo uma fragmentação maior das pautas e uma ampliação das estratégias discursivas.

Figura 11. Grafo de similitude - Telegram, ano 2022



Fonte: dados de pesquisa.

O grupo central orbitando “covid” concentra os principais marcadores da desinformação já conhecidos: “morte”, “máscara”, “pfizer”, “experimental”, “doença”,

“vídeo”, “governo”, “grupo”, “medicamento”, “mundo”, entre outros. A centralidade de “covid” mantém esse tema como eixo condutor da argumentação desinformativa, embora agora fortemente apoiada em termos que denunciam intenção de causar medo e deslegitimação: a presença de “vídeo”, “público” e “twitter” aponta para estratégias de amplificação em plataformas diversas, enquanto termos como “vítima”, “número” e “causa” indicam o uso de testemunhos e dados soltos como elementos de persuasão.

O termo “medicospelavida”, presente desde 2021, adquire aqui uma posição ambígua, surgindo metade no grupo central e metade em um agrupamento próprio, o que pode indicar sua duplicidade enquanto símbolo de autoridade médica paralela e instrumento retórico específico. Em seu próprio grupo, “medicospelavida” conecta-se a “instagram”, revelando a diversificação das redes utilizadas para capilarizar os conteúdos, com o Telegram funcionando como repositório e ponte para outras plataformas.

Outros grupos secundários ajudam a revelar a multiplicidade dos focos desinformativos. O grupo em torno de “pessoa”, com as palavras “pandemia”, “mídia” e “liberdade”, sugere um discurso que aproxima a vacinação de uma violação de direitos individuais, reforçando uma retórica libertária. Esse mesmo argumento reaparece no grupo centrado em “passaporte”, vinculado à hashtag “pelavidaeliberdade”, mostrando uma continuidade da oposição ao passaporte sanitário e sua reconfiguração semântica como cerceamento da liberdade.

Há também o grupo formado por “dose” e “reforço”, com a presença da “varíola”, demonstrando uma tentativa de transferir a desconfiança já cultivada em relação à vacina da covid para outras campanhas vacinais — algo que começa a ser percebido como estratégia de longo prazo pelos grupos desinformativos.

Os grupos menores com termos como “saúde” e “oms”, “médico” e “vida”, ou “adverso” e “efeito”, funcionam como satélites argumentativos que reforçam e dão corpo às narrativas principais: questionamento da autoridade científica (“oms”),

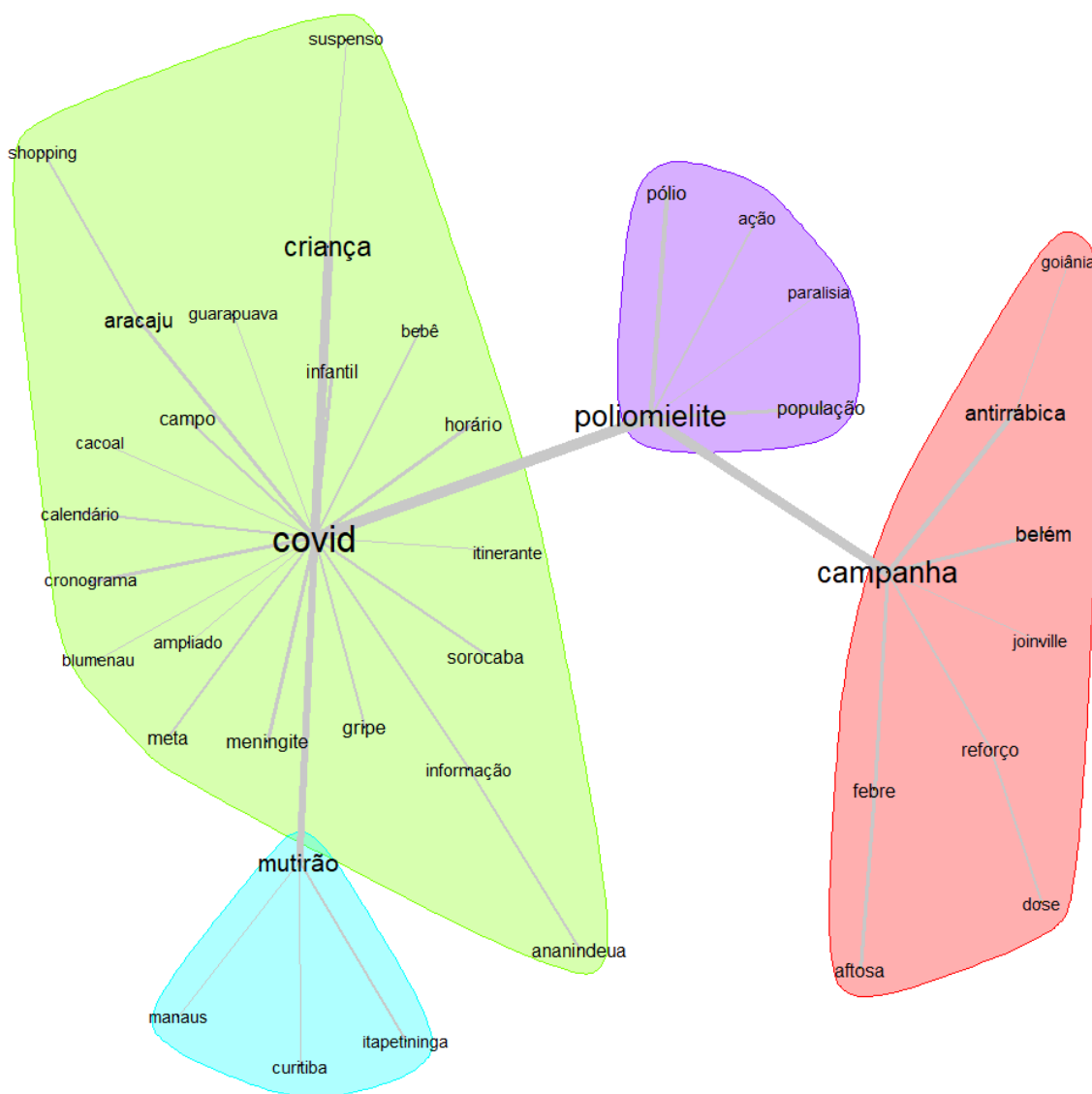
construção de um saber paralelo (“médico” e “informação”) e reafirmação dos riscos das vacinas (“efeito adverso”).

O destaque para “criança”, “filho” e “brasil” revela ainda a instrumentalização da infância como elemento emocional. O uso da criança como símbolo do risco amplifica o potencial de pânico moral, estratégia típica dos movimentos antivacina.

Em suma, o grafo do Telegram em 2022 mantém a “covid” como eixo, mas apresenta uma estrutura menos concentrada do que em 2021, com múltiplos grupos irradiando estratégias narrativas distintas, porém interligadas. Há, aqui, uma desinformação que se torna mais dispersa, porém sofisticada: menos centralizada em negacionismos grosseiros e mais orientada à criação de uma ecologia paralela da saúde, com discursos de autoridade, hashtags ideológicas e plataformas complementares sendo utilizadas como instrumentos de propagação.

O grafo referente ao conteúdo sobre vacinas no portal G1 no ano de 2022 (Figura 12) apresenta como núcleo a palavra “covid”, novamente em posição central, ainda que inserida num contexto discursivo substancialmente distinto dos anos anteriores. Ao redor de covid, não se veem, como antes, termos associados a debates científicos globais ou a instituições internacionais, mas, sim, um campo semântico altamente territorializado e pragmático, marcado por substantivos concretos como “criança”, “infantil”, “bebê”, “horário”, “itinerante”, “sorocaba”, “informação”, “ananindeua”, “gripe”, “meningite”, “meta”, “ampliado”, “blumenau”, “cronograma”, “calendário”, “cacoal”, “campo”, “aracaju”, “shopping” e “guarapuava”. Tal léxico aponta para uma agenda noticiosa voltada para a operacionalização da vacinação em territórios específicos, com foco em públicos infantis e ações logísticas localizadas, evidenciando uma abordagem funcional da imunização em nível municipal.

Figura 12. Grafo de similitude - G1, ano 2022



Fonte: dados de pesquisa.

Destaca-se no grafo a presença de uma segunda palavra-chave de grande relevância: “poliomielite”. Esta palavra, embora organizada em um grupo à parte, está fortemente conectada à palavra “covid” por meio de uma haste espessa, sinalizando coocorrência intensa nos textos analisados. Ao redor de poliomielite,

destacam-se os termos população, paralisia, ação e pólio, sugerindo que o discurso do G1 naquele ano passou a enfatizar, além da covid-19, outras campanhas vacinais relevantes para a saúde pública, notadamente aquelas associadas à prevenção de doenças erradicadas ou em risco de retorno. A presença da palavra “paralisia” evoca memórias históricas de surtos de pólio e reforça o papel da imprensa como veículo de alerta e conscientização coletiva.

A esse conjunto se articula o grupo centrado na palavra “campanha”, fortemente ligada à “poliomielite”. A presença de termos como “antirrábica”, “goiânia”, “belém”, “joinville”, “reforço”, “dose”, “febre” e “aftosa” indica que o G1, ao longo de 2022, ampliou sua cobertura sobre imunizações para além da covid-19, abordando múltiplas campanhas paralelas, inclusive de caráter veterinário (aftosa), o que demonstra uma cobertura mais abrangente das estratégias de vacinação nacional.

Por fim, o grupo vinculado à palavra “mutirão”, fortemente colado ao grupo principal, composto por “itapetininga”, “curitiba” e “manaus”, reforça a ideia de um discurso voltado à execução e facilitação das campanhas de vacinação, com destaque para iniciativas concentradas em grandes centros urbanos ou ações coletivas de imunização. A semântica de “mutirão” carrega consigo uma conotação de esforço conjunto, convocação social e mobilização comunitária, reforçando o discurso público de engajamento cívico na vacinação.

O grafo do G1 de 2022, portanto, revela uma mudança qualitativa na cobertura da imprensa digital: do debate científico e institucional global que marcou os anos anteriores para uma abordagem prática, regionalizada e centrada na população infantil. A covid-19, embora ainda central, torna-se, no léxico jornalístico, um dos diversos focos de atenção no campo vacinal, agora abordado sob a ótica da rotina, da logística e da integração com outras campanhas sanitárias do país.

Ao comparar os grafos extraídos do G1 e do canal antivacina do Telegram no ano de 2022, revela-se o alargamento da distância semântica entre os dois ambientes. Enquanto o G1 reforça uma cobertura pragmática, local e voltada à

vacinação de rotina, especialmente do público infantil, o canal do Telegram opera por meio de um discurso fortemente ideológico e conspiratório, ancorado na desconfiança institucional e na negação da ciência.

No grafo do G1, a centralidade da palavra “covid” permanece evidente, mas os termos adjacentes apontam para um vocabulário de operacionalização da política pública de imunização: palavras como “criança”, “bebê”, “calendário”, “cronograma”, “itinerante”, “mutirão”, “shopping”, “campo”, “aracaju”, “cacoal”, entre outras, constroem uma rede lexical que territorializa a cobertura jornalística, conectando-a às ações práticas de vacinação em diferentes cidades brasileiras. O discurso, assim, é funcional, orientado à prestação de serviço e à difusão de informações úteis ao público.

Já no grafo do Telegram, a palavra “covid” segue central, e suas conexões indicam um campo discursivo altamente polarizado. Os termos que lá estão revelam uma narrativa de enfrentamento, marcada por teorias conspiratórias que colocam a vacinação como parte de um projeto deliberado de dominação ou extermínio populacional.

Enquanto o G1 introduz, em 2022, a palavra “poliomielite” como novo eixo semântico fortemente conectado a “covid”, indicando preocupação com outras doenças preveníveis e risco de retorno de enfermidades erradicadas, o Telegram ignora tal agenda. A palavra “poliomielite” não aparece, e campanhas como a antirrábica ou contra febre amarela tampouco recebem menção significativa. O silêncio do canal antivacina em relação a esses temas mostra que a pauta da desinformação segue restrita a vacinas associadas à pandemia e a uma agenda geopolítica, negligenciando o universo mais amplo da imunização pública.

Além disso, a palavra “campanha”, que no G1 ocupa lugar importante e está fortemente associada a locais, tipos de vacina e ao termo reforço, sequer aparece no grafo do Telegram. A noção de campanha, entendida como esforço coletivo de

imunização, é substituída por uma visão bélica de resistência que vem se fortalecendo ao longo dos grafos do Telegram.

Observa-se ainda que o G1, ao longo de 2022, parece abandonar progressivamente a linguagem de emergência global que marcara os anos anteriores. Não há menções significativas à Organização Mundial da Saúde, a farmacêuticas internacionais ou a debates sobre eficácia e segurança das vacinas. Esse esvaziamento não se dá no canal do Telegram, onde a OMS, a Big Pharma e os cientistas vendidos continuam sendo alvos frequentes de desconfiança, mesmo que a pandemia já tenha começado a perder a centralidade no debate midiático.

A comparação entre os grafos mostra que, em 2022, a imprensa digital tradicional e os grupos desinformativos do Telegram passam a operar em universos semânticos praticamente estanques. O G1 cumpre a função de informar sobre campanhas locais e rotinas de vacinação, enquanto o Telegram cristaliza um discurso conspiratório já consolidado, que não se renova e que passa a ser reciclado e reforçado pelos próprios membros da comunidade digital. O efeito desse descolamento é a consolidação de dois regimes discursivos que já não dialogam entre si, mas coexistem de forma paralela: um orientado pela política pública de saúde, outro pela lógica de pânico moral e descrença generalizada.

5.2.2 Ano 2023

O grafo de 2023 do Telegram (Figura 13) apresenta a palavra “covid” como o centro temático principal, em torno da qual gravitam termos que evidenciam uma abordagem crítica e, por vezes, conspiratória sobre a pandemia e as medidas sanitárias. Palavras como “artigo”, “mídia”, “pesquisa” e “ensaio” sugerem um discurso que tenta se ancorar em uma suposta base científica, enquanto termos como “dano”, “adverso”, “problema”, “injeção” e “tributacional” reforçam a desconfiança em relação à vacinação e às instituições envolvidas em sua aprovação e distribuição.

A presença de “fda”⁴ e “cdc”⁵ — siglas de órgãos reguladores dos Estados Unidos — junto a “canal”, “dado”, “máscara” e “saúde” indica uma circulação de conteúdos que mesclam informações técnicas e críticas diretas às práticas adotadas por autoridades sanitárias.

Nos grupos secundários, outros temas se destacam. O grupo 2 tem como palavra central “pessoa”, associada a “mundo”, “farmacêutico”, “científico”, “brasil”, “morte”, “excesso” e “cardíaco”, compondo um campo semântico que sugere debates sobre mortalidade e supostos efeitos colaterais dos imunizantes, com críticas à ciência institucional e à indústria farmacêutica. No grupo 3, “mrna” é o núcleo, com os termos “infecção”, “bill” e “gates” reforçando a persistência de narrativas conspiratórias que associam o bilionário à criação ou ao financiamento das vacinas.

O grupo 4 apresenta “pfizer” como palavra principal e “moderna” como associada, evidenciando o foco em fabricantes específicas dos imunizantes de RNA mensageiro. No grupo 5, “pandemia” aparece como centro, acompanhada da palavra “mundial”, indicando a abrangência da temática e sua inserção em discursos de escala global. Já o grupo 6, com “governo” no centro e “mortal” como termo secundário, sugere uma retórica crítica e acusatória em relação à atuação estatal durante a crise sanitária.

Nos demais agrupamentos, os discursos apontam para uma valorização de abordagens alternativas: o grupo 7 associa “médico” a “pai”, numa possível tentativa de legitimar figuras individuais em detrimento de instituições; o grupo 8 articula “imunidade” a “natural”, resgatando argumentos contrários à vacinação com base na defesa da imunização por exposição; o grupo 9 reúne “risco” e “grupo”, remetendo

⁴ FDA: sigla para *Food and Drug Administration*, é a agência federal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos responsável por regulamentar alimentos, medicamentos, vacinas, cosméticos, dispositivos médicos e outros produtos. Disponível em: <https://www.fda.gov/about-fda> Acesso em: 11 jul. 2025.

⁵ CDC: sigla para *Centers for Disease Control and Prevention*, é o órgão de saúde pública dos Estados Unidos responsável por promover a saúde, prevenir e controlar doenças, ferimentos e deficiências, atuando fortemente na vigilância e resposta a surtos e pandemias. Disponível em: <https://www.cdc.gov/about/index.html> Acesso em: 11 jul. 2025.

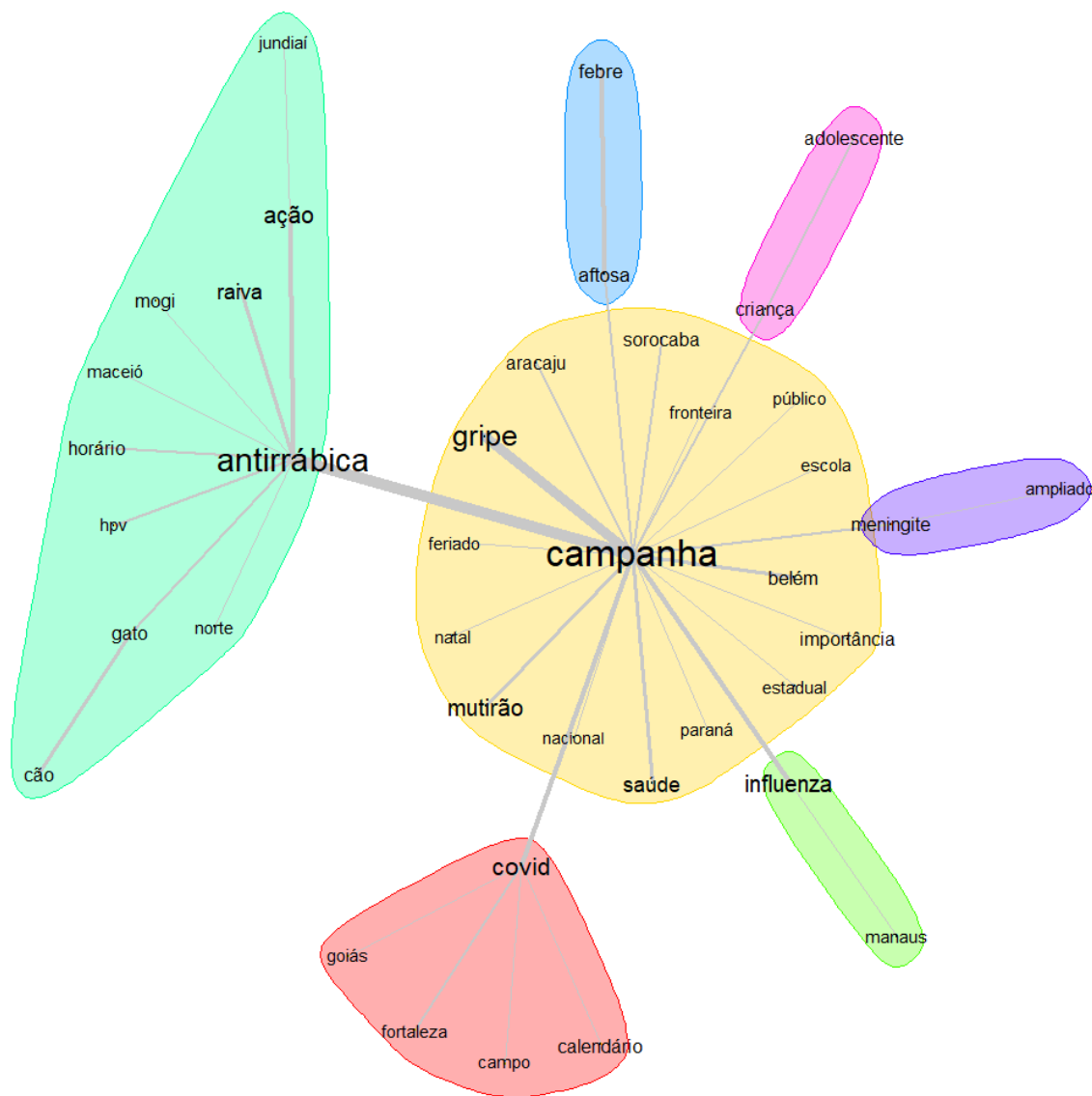
às discussões sobre efeitos adversos e populações vulneráveis; o grupo 10 liga “estudo” a “livre”, evocando um discurso pró-liberdade de escolha em relação aos tratamentos; e o grupo 11 apresenta “efeito” associado a “medicamento”, mantendo o foco nas consequências do uso de fármacos durante a pandemia.

O conjunto revela um campo discursivo que busca aparentar legitimidade científica e informacional, mas que frequentemente opera com desconfiança sistemática em relação à ciência tradicional, às autoridades sanitárias e às mídias jornalísticas. O tom técnico, permeado por termos médicos e regulatórios, serve como recurso de persuasão, mesmo quando empregado para sustentar teses infundadas ou distorcidas.

No grafo referente ao conteúdo do G1 em 2023 (Figura 14), observa-se novamente a prevalência de uma abordagem institucional e sanitária sobre as campanhas de vacinação no Brasil. O termo central que articula os demais grupos semânticos é “campanha”, vocábulo ao qual se conectam diretamente palavras como “gripe”, “feriado”, “natal”, “mutirão”, “nacional”, “saúde”, “paraná”, “estadual”, “importância”, “belém”, “escola”, “público”, “fronteira”, “sorocaba” e “aracaju”. A presença desses termos evidencia uma forte ênfase nas ações coletivas de imunização e em seus desdobramentos geográficos e logísticos.

O uso de palavras como “feriado”, “natal”, “escola”, “público” e “fronteira” indica que as campanhas são constantemente articuladas em torno de datas estratégicas e locais de grande circulação de pessoas, reafirmando o caráter programático e abrangente da vacinação como política pública. Os nomes de cidades sugerem o esforço de cobertura nacional e a tentativa de engajamento das populações locais, com os mutirões e campanhas sendo noticiados como eventos cívico-sanitários de relevância.

Figura 14. Grafo de similitude - G1, ano 2023



Fonte: dados de pesquisa.

Um segundo grupo lexical é articulado a partir da palavra "antirrábica", à qual se conectam "raiva", "ação", "jundiaí", "mogi", "maceió", "horário", "hpv", "gato" e "cão". Esse núcleo linguístico destaca a vacinação de caráter veterinário e sua intersecção com a saúde pública, como se nota na inclusão de termos que remetem a agentes transmissores (como "gato" e "cão") e à mobilização social em torno da "ação" de vacinação. A presença do termo "hpv" nesse contexto sugere, ainda, uma justaposição entre campanhas voltadas a diferentes públicos e finalidades — o que reafirma o caráter multifocal das agendas de vacinação.

O terceiro grupo apresenta a palavra "covid" como núcleo, com palavras adjacentes como "goiás", "fortaleza", "campo" e "calendário". Trata-se de uma menção relativamente discreta, se comparada ao destaque que a covid-19 recebeu em anos anteriores. Isso sinaliza um reposicionamento temático, com a covid figurando em meio a outros calendários de vacinação, mas não mais ocupando o centro das preocupações editoriais. A vinculação da covid a localidades específicas e à ideia de "calendário" indica uma integração dessa vacina ao rol rotineiro da imunização no país.

O quarto grupo gira em torno do termo "influenza", que aparece ligado à palavra "manaus", reforçando o traço geográfico da cobertura jornalística. A ênfase regional é um recurso recorrente nos textos jornalísticos do G1, que se propõem a noticiar campanhas em diferentes estados e municípios, muitas vezes com foco na eficácia da cobertura territorial da vacinação.

O quinto grupo contém a palavra "meningite", que aparece muito próxima ao núcleo central da "campanha", com o termo "ampliado" como adjacente. Esse agrupamento sugere a divulgação de ações de ampliação de faixas etárias ou de grupos prioritários, reforçando o caráter dinâmico e responsivo das estratégias vacinais frente ao surgimento de surtos ou ao aumento da demanda.

Dois outros núcleos merecem destaque: o primeiro é formado pelas palavras "criança" e "adolescente", que aparecem associadas sem outras conexões explícitas, mas que apontam para os públicos-alvo mais frequentemente priorizados

nas campanhas noticiadas; o segundo é composto pelos termos "aftosa" e "febre", também sem conexões abundantes, mas que reiteram a multiplicidade de campanhas cobertas pelo portal.

O conjunto do grafo revela que, em 2023, a narrativa do G1 sobre vacinas esteve centrada em campanhas organizadas, com forte ênfase territorial e populacional, sugerindo uma cobertura que reforça o papel do Estado e da mídia na condução e legitimação de ações de saúde pública. A covid-19, embora ainda presente, cede espaço a uma visão mais abrangente da vacinação, na qual múltiplas doenças e múltiplas populações são contempladas em um esforço constante de imunização nacional.

A comparação entre os grafos de 2023 provenientes do Telegram e do G1 evidencia não apenas diferentes seleções léxicas e temáticas, mas sobretudo contrastes significativos na orientação discursiva e nos efeitos de sentido produzidos.

No grafo do Telegram, a palavra central é "covid", a partir da qual se irradiam termos que configuram um campo semântico de contestação, emocionalidade e desconfiança. Trata-se de um arranjo lexical que reforça uma narrativa experiencial e testemunhal. A presença de termos como "criança", "grave" e "morte" acentua o apelo emocional, despertando medo e senso de urgência, o que favorece a circulação de conteúdos alarmistas. O uso de palavras como "efeito", "risco" e "dano" colabora para instaurar um ambiente discursivo de suspeição contínua.

Já no grafo do G1, o termo central é "campanha", revelando um foco institucional, organizacional e territorializado. Os termos adjacentes como "gripe", "natal", "mutirão", "paraná", "belém", "saúde", "importância" e "público" apontam para a mobilização estatal em torno da vacinação como prática coletiva. Há subdivisões temáticas que se concentram em doenças específicas, como o grupo centrado em "antirrabica", com termos como "raiva", "gato", "cão" e cidades como "jundiaí" e "maceió"; ou o grupo em torno de "covid", vinculado a "goiás", "fortaleza" e

“calendário”. Esses agrupamentos revelam uma cobertura segmentada e funcional, orientada por critérios de serviço público e comunicação massiva.

Enquanto o G1 estrutura seu discurso de forma institucional, impessoal e abrangente, o Telegram articula uma retórica personalista, fragmentada e centrada na experiência individual. A personalização do conteúdo no Telegram gera um tipo de confiança subjetiva que independe de comprovação científica. Em oposição, o G1 mobiliza termos que evocam autoridade pública, como “campanha”, “saúde”, “estadual” e “nacional”.

É especialmente relevante observar a diferença na forma de tratar o próprio termo “covid”. Nos grafos do Telegram, quando aparece o termo “covid”, geralmente é o ponto de partida para críticas às vacinas, aos efeitos adversos e à suposta ocultação de dados. No G1, “covid” tem aparecido vinculado a campanhas específicas e à organização do calendário vacinal, inserindo-se dentro de um fluxo informativo regular e planejado.

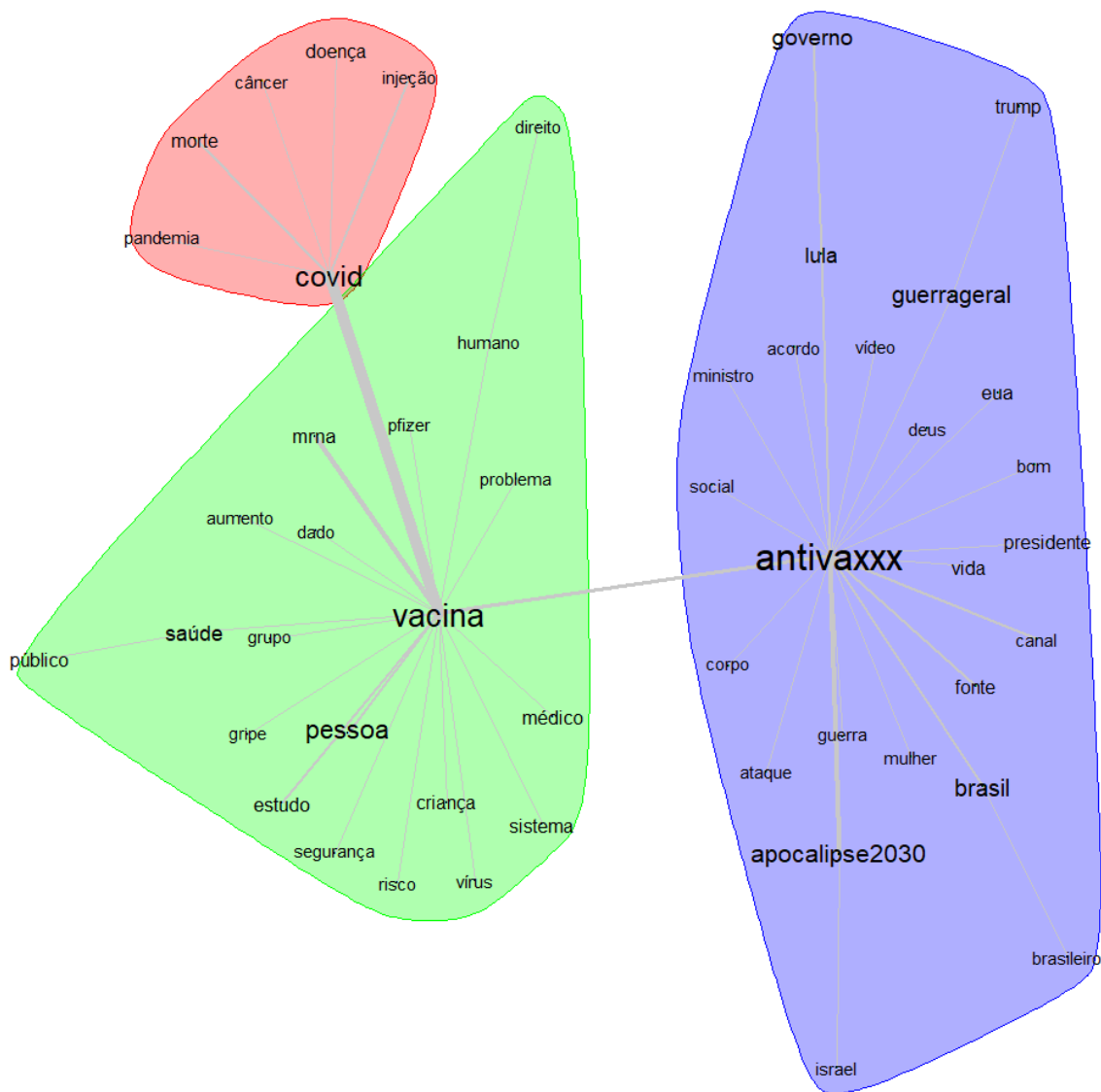
Assim, a comparação entre os dois grafos evidencia não apenas diferenças de conteúdo, mas também de função comunicacional. O G1 atua no registro da informação pública e da logística sanitária. O Telegram, por sua vez, constitui um espaço discursivo de contraposição à narrativa oficial, marcado por forte carga emocional, subjetividade e senso de comunidade. A disputa por credibilidade e influência sobre o comportamento vacinal, portanto, passa não apenas pelo conteúdo veiculado, mas pelo modo como ele é construído e legitimado dentro de cada rede.

5.2.2 Ano 2024

O grafo de 2024 oriundo do Telegram (Figura 15) revela um discurso ainda mais radicalizado e de forte teor conspiratório, quando comparado aos anos anteriores. A centralidade do grafo está estruturada em três grandes grupos,

interligados por hastes significativas, que apontam para a fusão entre temas político-ideológicos e conteúdos pseudocientíficos sobre saúde.

Figura 15. Grafo de similitude - Telegram, ano 2024



Fonte: dados de pesquisa.

O grupo principal é ancorado na palavra "antivaxxx", que carrega, por si só, uma estilização própria da linguagem conspiratória digital. Esse termo é o núcleo de

uma rede que articula referências a um suposto colapso global, com palavras como "apocalipse2030", "guerra", "ataque" e "guerrageral". A presença de "israel", "eua", "brasil", "trump", "lula" e "governo" evidencia uma narrativa geopolítica de fundo, em que a vacinação é tratada como uma peça de um suposto complô internacional. A subjetividade ganha força com os termos "vida", "bom", "deus", "mulher" e "corpo", que evocam valores pessoais, espirituais e identitários, e ajudam a criar apelo emocional para o público engajado. A menção a "fonte", "canal" e "vídeo" reforça o aspecto de autorreferência e de circulação interna de desinformação.

Esse grupo conecta-se, por uma haste clara, ao segundo grupo, cujo termo central é "vacina". Aqui, o discurso ganha um verniz técnico, embora continue orientado por desconfiança e alarme. Termos como "pfizer", "mrna", "grupo", "público", "saúde", "sistema", "médico", "problema", "risco" e "segurança" tentam simular um vocabulário científico, mas são rodeados por palavras que indicam suspeição ("dado", "aumento", "vírus", "criança", "humano", "estudo"). O objetivo parece ser gerar dúvida e temor em torno da eficácia e segurança da vacinação. Há, inclusive, uma sobreposição de temáticas ao se referirem à "gripe", vinculando esse imunizante à mesma rede de desconfiança articulada em torno da vacina para a "covid".

O terceiro grupo, extremamente próximo do anterior, reforça o entrelaçamento entre as narrativas. A palavra "covid", central nesse conjunto, está fortemente ligada à palavra "vacina", como se uma servisse de extensão ou justificativa para questionar a outra. Os termos adjacentes — "pandemia", "morte", "doença", "injeção" e, especialmente, "câncer" — escancaram a tentativa de associar a vacinação contra a covid-19 a desfechos trágicos e graves. O uso de "câncer", nesse contexto, funciona como gatilho de medo, frequentemente acionado por desinformações que atribuem efeitos colaterais severos à vacinação sem qualquer base científica.

Ao observar o grafo em sua totalidade, percebe-se que o discurso de 2024 está mais coeso e maduro em sua estratégia de desinformação. Há uma fusão entre

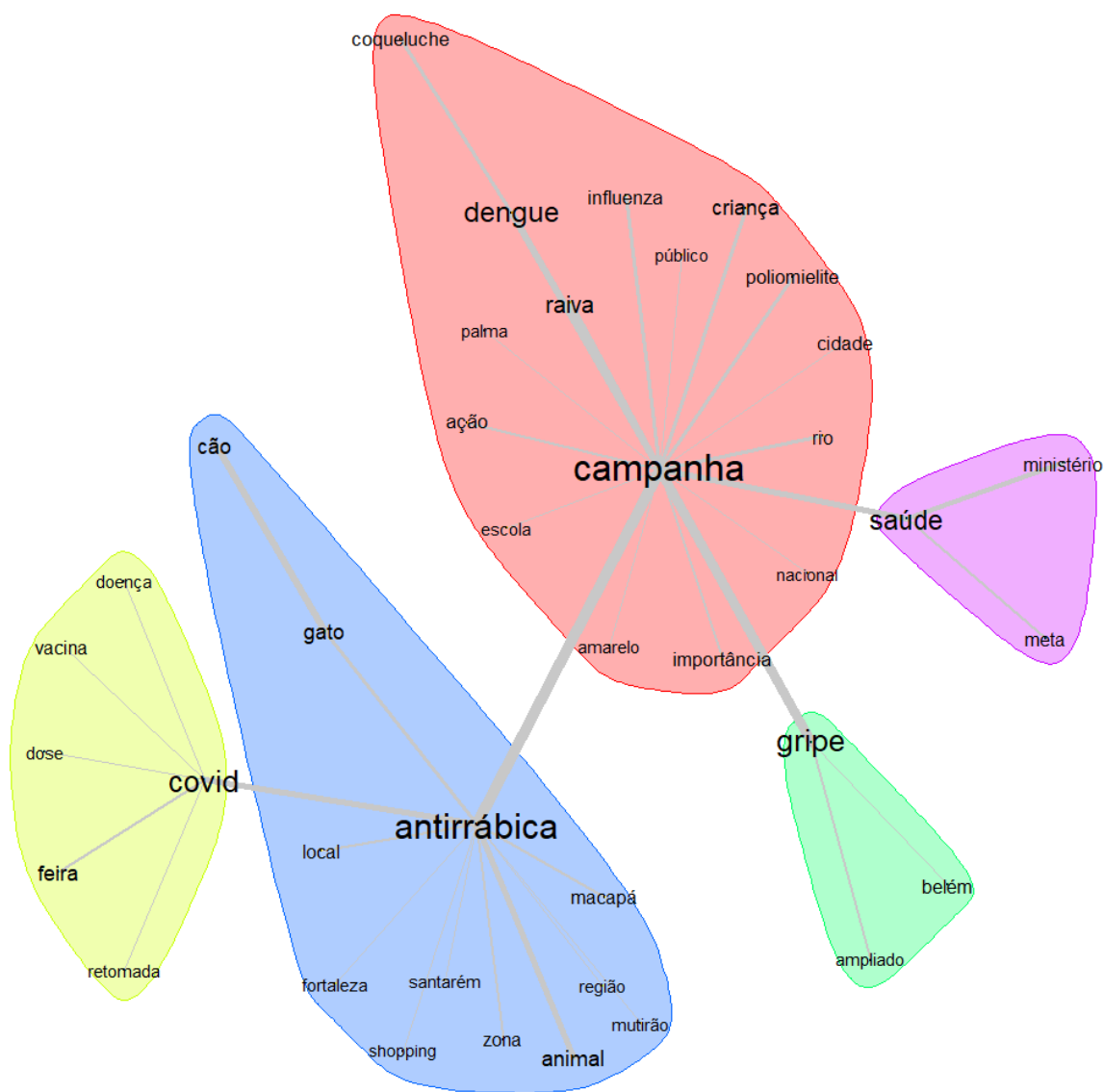
espiritualidade, política, pseudociência e elementos de pânico moral. O uso de linguagem visual por meio de vídeos, a autovalidação dentro do canal e a mobilização de temas como corpo, infância e soberania nacional criam um ambiente de desconfiança radicalizada. As palavras não são apenas vocábulos: elas operam como marcadores identitários de pertencimento a uma causa, no caso, a causa "antivaxxx".

O grafo, portanto, não apenas informa, mas performa uma visão de mundo — onde ciência, governo e mídia são inimigos, e onde o canal do Telegram se torna um espaço de resistência simbólica, ainda que baseado em informações distorcidas ou falsas. Essa estrutura reforça a ideia de que a desinformação, nesse ecossistema, não é um ruído informacional, mas um projeto comunicativo articulado e direcionado.

O grafo do G1 de 2024 (Figura 15) segue apresentando uma estrutura discursiva institucionalizada e voltada à informação de serviço. O grupo principal tem como núcleo a palavra "campanha", e os termos adjacentes "raiva", "dengue", "coqueluche", "influenza", "público", "criança", "poliomielite", "cidade", "rio", "nacional", "importância", "amarelo", "escola", "ação" e "palma" evidenciam um esforço em comunicar à população sobre ações de saúde coletiva. A repetição da palavra "campanha", que já foi central em anos anteriores, mostra a permanência de uma estratégia de comunicação pautada em agendas públicas e coordenadas por autoridades sanitárias. Termos como "criança", "escola" e "importância" sugerem um foco nas coberturas vacinais infantis, aliado ao uso do espaço educacional como locus de disseminação de informação e ação vacinal.

O segundo grupo, centrado na palavra "antirrábica", apresenta como adjacentes os termos "macapá", "região", "mutirão", "animal", "zona", "santarém", "shopping", "fortaleza", "local", "gato" e "cão". Esse grupo tem um caráter geográfico e prático, voltado para a divulgação de locais de vacinação animal e ações de mobilização em áreas específicas. A menção a "shopping" e "zona" indica a tentativa de atingir a população em espaços urbanos cotidianos, fortalecendo o caráter de capilaridade das campanhas.

Figura 16. Grafo de similitude - G1, ano 2024



Fonte: dados de pesquisa.

Um terceiro grupo, conectado aos dois primeiros, é organizado em torno da palavra "covid", com os termos "doença", "vacina", "dose", "feira" e "retomada". Apesar de menor, esse grupo ainda marca a presença da temática pandêmica no

noticiário, mas agora deslocada para uma abordagem mais pragmática, associada à normalização da vacinação e à ideia de "retomada", indicando mais controle do problema em relação ao início da pandemia.

Os grupos menores, centrados nas palavras "gripe" e "saúde", completam o panorama discursivo. O grupo "gripe" aparece com as palavras "belém" e "ampliado", o que pode remeter à ampliação da cobertura em determinadas localidades. Já o grupo "saúde", com os termos "ministério" e "meta", sinaliza o papel do Governo Federal na definição de objetivos e estratégias, reforçando a institucionalidade da comunicação jornalística.

As redes semânticas analisadas nos grafos de 2024 revelam dois mundos discursivos radicalmente distintos, como é possível observar com o passar dos anos dos grafos. No Telegram, o campo de significação gira em torno de "antivaxxx", "vacina" e "covid", formando um triângulo conspiratório em que a vacinação é associada à guerra, ao apocalipse e à manipulação populacional. O discurso é fortemente ideológico, emocional e desconfiado das instituições, enquanto o G1 opera na lógica da prestação de serviço, com foco em campanhas nacionais, vacinação infantil e ações regionais.

No Telegram, a palavra "covid" segue central, mas carregada de conotações negativas, associada a "morte", "doença" e "câncer", reforçando narrativas que questionam a legitimidade das campanhas sanitárias. No G1, ao contrário, "covid" aparece de forma pontual, conectada a "retomada", "dose" e "vacina", numa tentativa de normalização e transição pós-pandêmica.

A palavra "vacina", no Telegram, é atravessada por sentidos de risco e manipulação, conectada a "mrna", "criança", "problema" e "sistema", enquanto no G1 ela se dissolve em campanhas temáticas específicas, como "antirrábica", "poliomielite" e "gripe", esvaziando qualquer carga conspiratória. O que para o Telegram é controle e risco, para o G1 é cuidado e política pública.

Além disso, a presença de vocábulos como "deus", "trump", "lula", "guerra", "governo" e "apocalipse2030" no Telegram marca uma profunda politização e religiosidade do discurso antivacina, contrastando com o vocabulário técnico e geograficamente localizado do G1, que aposta em termos como "meta", "cidade", "ação", "escola", "mutirão", "fortaleza" e "shopping".

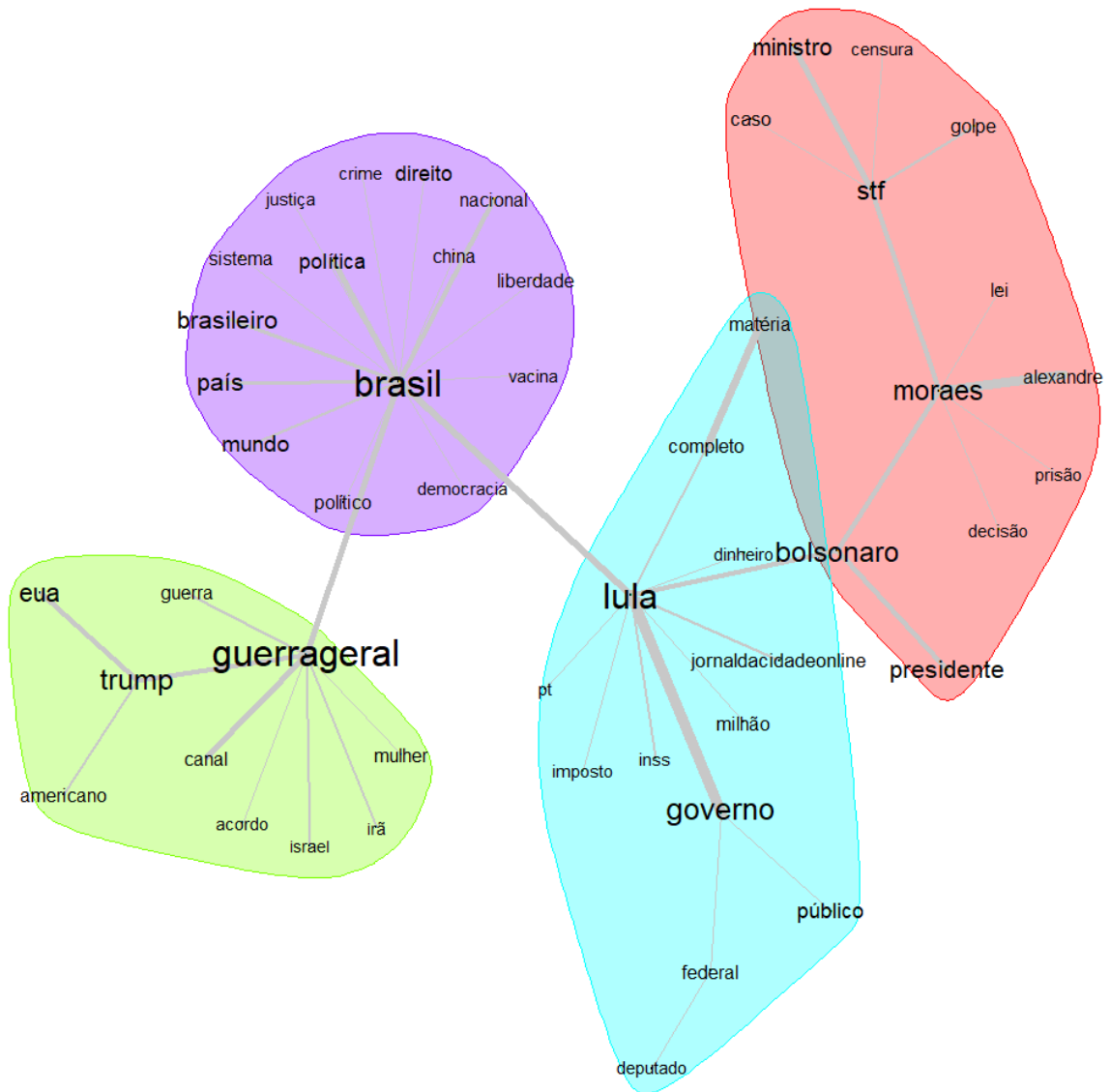
Com isso, os grafos de 2024 confirmam uma tendência já observada em anos anteriores: enquanto o Telegram se afirma como um território de contra-informação, resistência ideológica e circulação de teorias conspiratórias, o G1 se mantém como espaço de institucionalidade, informação de serviço e reforço das campanhas sanitárias oficiais.

5.2.2 Ano 2025

O grafo de 2025 (Figura 17) revela uma intensificação dos vínculos entre discurso político, desinformação e narrativas conspiratórias dentro do canal antivacina analisado no Telegram. A palavra central do grafo é "lula", o que já indica uma guinada de foco: se nos anos anteriores a discussão era sanitária, em 2025 ela se torna visceralmente política. "Lula" está conectada diretamente a termos como "governo", "público", "federal", "deputado", "pt", "imposto", "inss", "milhão", "jornaldacidadeonline", "dinheiro", "completo" e "matéria". Aqui se desenha uma rede de discursos voltados à crítica – ou mesmo à demonização – do poder público federal, com destaque para temas econômicos e tributários. A menção direta ao site "jornaldacidadeonline" reforça o caráter de desinformação, já que essa plataforma é notoriamente conhecida por disseminar conteúdos de viés extremado e sensacionalista, muitas vezes, sem linguagem jornalística ⁶.

⁶ Um exemplo de linguagem comumente utilizada neste jornal é a do título: "URGENTE: Governo Trump manda recado a Maduro e deixa Lula em "parafuso". Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/72202/urgente-governo-trump-manda-recado-a-maduro-e-deixa-lula-em-equotparafusoequot> Acesso em 27 jul. 2025.

Figura 17. Grafo de similitude - Telegram, ano 2025



Fonte: dados de pesquisa.

A figura de “bolsonaro” surge como um segundo polo de tensão e convergência, ainda que ambíguo. Sua palavra ocupa posição híbrida entre os grupos 1 e 2, sendo fortemente conectada a “lula” e funcionando como uma espécie de elo estrutural entre os dois blocos. “Bolsonaro” aparece cercado por termos como “presidente”, “moraes”, “alexandre”, “decisão”, “prisão”, “lei”, “stf”, “golpe”, “censura”,

“ministro” e “caso”. As conexões evidenciam uma narrativa polarizada e altamente judicializada, com ataques ao Supremo Tribunal Federal e a Alexandre de Moraes, alinhando-se ao repertório conspiratório da chamada extrema-direita brasileira. O discurso aqui se desloca da saúde para o campo jurídico-político, utilizando a lógica da vitimização e da perseguição como recurso retórico.

O terceiro grupo, centrado na palavra “brasil”, está fortemente conectado a “lula”, o que reforça a amarra ideológica do discurso. Ao redor de “brasil” orbitam termos como “vacina”, “liberdade”, “china”, “nacional”, “direito”, “crime”, “justiça”, “política”, “sistema”, “brasileiro”, “país”, “mundo”, “político” e “democracia”. Trata-se de uma articulação que sugere um uso estratégico da ideia de nação e soberania para criticar supostos abusos do Estado, num tom de alerta civilizacional. O uso reiterado de termos como “liberdade” e “direito” confirma o apelo à retórica libertária, especialmente quando associada a palavras como “vacina” e “china”, insinuando, mais uma vez, a narrativa do controle estatal e da conspiração sanitária global.

Por fim, o quarto grupo é centrado em “guerrageral”, termo conectado a “brasil” e que desdobra uma rede bélica e geopolítica com palavras como “guerra”, “trump”, “eua”, “americano”, “canal”, “acordo”, “israel”, “irá” e “mulher”. Nota-se a manutenção do imaginário apocalíptico e conspiratório, articulado em torno de cenários de conflito internacional, perseguição política e salvacionismo. A figura de “trump”, já presente em grafos anteriores, continua sendo uma âncora simbólica de resistência à ordem global, ao lado de “guerrageral” e “eua”.

O grafo de 2025 consolida, portanto, um novo arranjo discursivo dentro da esfera antivacina no Telegram. O campo semântico da saúde cede espaço a uma gramática política marcada por dualidades: “lula” versus “bolsonaro”, “governo” versus “liberdade”, “stf” versus “povo”. A vacina, embora ainda esteja presente, torna-se quase uma metáfora de controle, e o discurso antivacina passa a integrar de forma ainda mais orgânica as narrativas daquele espectro político mais à direita. Essa mudança de eixo temático é significativa, pois aponta para um deslocamento do foco informacional para o campo afetivo-identitário, onde o medo, o

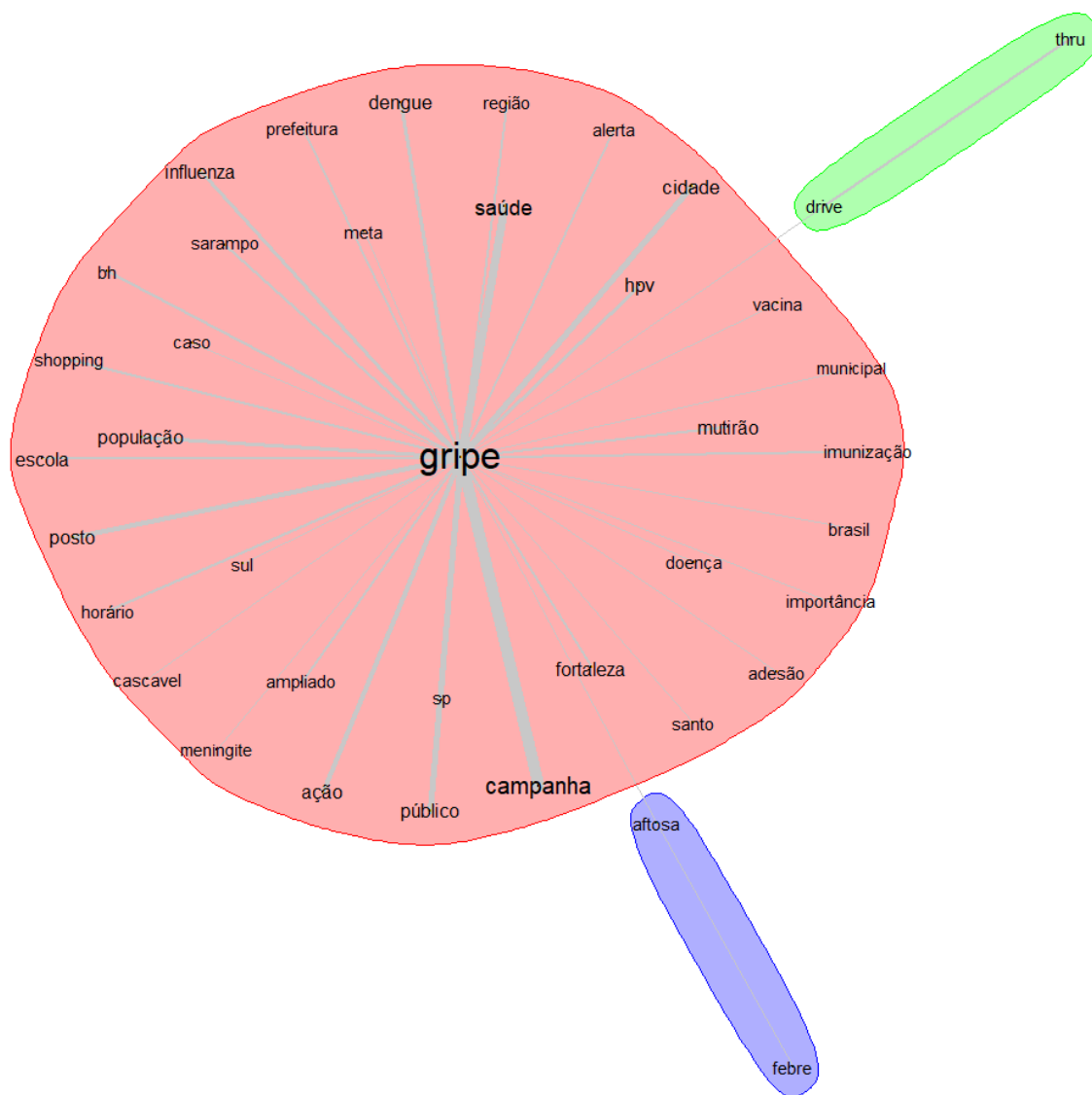
ressentimento e a polarização tornam-se motores principais da circulação de sentidos.

No ano de 2025, o grafo de conteúdos do G1 (Figura 18) sobre vacinas apresenta uma organização bastante concentrada e informativa, reforçando o papel do jornalismo tradicional como fonte de esclarecimento em saúde pública. O grupo 1, de proporções visivelmente superiores aos demais, destaca a palavra “gripe” como termo central, conectando-se a uma ampla gama de termos que refletem campanhas institucionais, locais de aplicação e doenças imunopreveníveis. Entre os termos adjacentes, encontram-se “campanha”, “fortaleza”, “santo”, “adesão”, “doença”, “importância”, “brasil”, “imunização”, “mutirão”, “municipal”, “vacina”, “hpv”, “cidade”, “alerta”, “saúde”, “região”, “dengue”, “meta”, “prefeitura”, “influenza”, “sarampo”, “bh”, “caso”, “shopping”, “população”, “escola”, “posto”, “sul”, “horário”, “cascavel”, “ampliado”, “meningite”, “ação”, “público” e “sp”.

A densidade e a diversidade lexical desse grupo indicam uma narrativa de serviço público fortemente apoiada na articulação entre governo municipal e sociedade. Termos como “mutirão”, “prefeitura”, “campanha”, “população” e “público” revelam a ênfase no alcance coletivo da imunização. Do ponto de vista temático, doenças como “hpv”, “sarampo”, “meningite” e “dengue” dividem espaço com “gripe” e “influenza”, sugerindo uma cobertura que vai além do foco em uma única enfermidade e reforça o caráter educativo das reportagens.

O grupo 2, composto exclusivamente pelas palavras “drive” e “thru”, sugere a permanência de estratégias logísticas iniciadas durante a pandemia da covid-19. Embora o grupo seja pequeno, ele traz indícios de manutenção ou reaproveitamento de formatos adaptados para campanhas de vacinação, apontando uma possível institucionalização de práticas de saúde pública emergenciais em um cenário pós-pandêmico.

Figura 18. Grafo de similitude - Telegram, ano 2025



Fonte: dados de pesquisa.

Já o grupo 3 é formado pelas palavras “aftosa” e “febre”, indicando a presença de conteúdos voltados à vacinação animal. Apesar de periférico em relação ao grupo 1, esse conjunto amplia o escopo temático do grafo, mostrando que o G1, ao abordar vacinação, contempla tanto a saúde humana quanto a animal,

o que é coerente com princípios de saúde única (One Health) ⁷, que têm ganhado relevância nos debates contemporâneos.

Ao observar o grafo como um todo, nota-se uma ausência de termos alarmistas ou conspiratórios, bem como de qualquer vocabulário que se relacione a controvérsias políticas. O conteúdo veiculado parece focar principalmente na prestação de serviço, organização logística das campanhas e na conscientização da população sobre a importância das vacinas. Isso reforça a hipótese de que o G1, enquanto veículo jornalístico tradicional, constrói sua cobertura com base em valores como objetividade, utilidade pública e alinhamento com fontes oficiais, em contraste com o viés desinformativo e sensacionalista identificado nos grafos do canal do Telegram.

Nesse cenário, ao comparar os grafos de 2025 do Telegram e do G1, evidencia-se uma polarização sem precedentes entre os campos discursivos, que seguem operando sob lógicas profundamente distintas. O G1 continua a produzir e organizar informação de interesse público sobre imunizações, enquanto o Telegram intensifica sua convergência com narrativas político-ideológicas, deslocando completamente a centralidade do debate vacinal para o campo da disputa partidária.

No G1, a palavra central no maior grupo é “gripe”, vinculada a uma ampla rede de termos que reforçam um campo semântico ancorado na prestação de serviços e na orientação cidadã, com foco em campanhas de vacinação contra múltiplas doenças. O discurso jornalístico se baseia na informação pública, com uma linguagem institucional e territorializada, voltada para a promoção da adesão vacinal em diferentes localidades brasileiras.

Em contraste, o grafo do Telegram apresenta termos de destaque que chamam a atenção, quais sejam, “lula”, “bolsonaro”, “moraes”, “brasil”, “guerrageral”. O campo semântico aqui é essencialmente político, com fortes conotações de embate ideológico e teorias da conspiração. A vacina aparece deslocada do campo

⁷ O que é Uma Só Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/uma-so-saude> Acesso em 27 jul. 2025.

da saúde para o da simbologia política, frequentemente associada a um suposto “controle comunista” ou a ações autoritárias atribuídas ao “Supremo” e ao “governo Lula”.

Diferentemente de anos anteriores, em que o Telegram operava majoritariamente com discursos antivacina ligados à segurança e à eficácia das vacinas, em 2025 há um salto discursivo: a vacina deixa de ser tratada como uma prática sanitária e passa a ocupar o lugar de um signo ideológico, mobilizado como símbolo de submissão a um “regime” ou “sistema opressor”. O antagonismo entre “lula” e “bolsonaro” é estruturante do grafo e organiza o debate vacinal em termos morais e binários, como “liberdade” versus “ditadura”.

Essa configuração expõe um processo de partidarização radical do discurso antivacina. O Telegram deixa de ser apenas um espaço de circulação de desinformação sanitária e se torna um vetor de desinformação político-eleitoral, em que a vacina é apenas mais uma peça na engrenagem retórica de polarização. Há um esvaziamento dos termos técnicos e científicos; não há menção a doenças específicas, grupos de risco ou aspectos clínicos. Toda a moldura discursiva é construída em torno de uma suposta ameaça à liberdade individual e ao “povo brasileiro”, em oposição a um “inimigo político” representado por Lula, o Supremo ou um globalismo vago.

No G1, ao contrário, observa-se um esforço de pluralização das campanhas e de didatismo informacional. Ainda que o foco esteja na “gripe”, outras campanhas são mencionadas, com orientação clara sobre datas, locais e públicos-alvo. A linguagem é objetiva, prática e centrada em tópicos factuais, reafirmando o papel da imprensa como mediadora entre políticas públicas de saúde e a população.

A comparação entre os dois grafos, portanto, não revela apenas divergência de conteúdos, mas também de finalidades comunicacionais. O G1 atua na lógica da saúde coletiva e da cidadania informada. O Telegram, em 2025, opera como um dispositivo de guerra discursiva, em que a vacina é instrumentalizada para sustentar teorias de ameaça à liberdade, corroendo a confiança nas instituições democráticas

e sanitárias. A intersecção entre negacionismo vacinal e radicalização política se consolida como o eixo dominante do Telegram naquele ano.

5.2.3 Postagens mais compartilhadas do Telegram e do G1 de 2020 a 2025

Nesta subseção, propõe-se a análise das 10 postagens mais compartilhadas no canal antivacina do Telegram e das 10 manchetes mais representativas publicadas pelo portal de notícias G1 em cada um dos anos do recorte temporal estabelecido, de 2020 a 2025 (Anexos A e B). A intenção é observar como se constroem, discursivamente, tanto a desinformação que circula em ambientes fechados e pouco regulados quanto a informação jornalística produzida por um dos principais veículos digitais do país, permitindo traçar paralelos, identificar contrastes e compreender os sentidos mobilizados por cada ecossistema comunicacional.

5.2.3.1 Telegram 2020

As postagens mais compartilhadas no canal @antivaxxx do Telegram em 2020 revelam uma dinâmica centrada em discursos fortemente conspiratórios e desinformativos, com forte ênfase em elementos químicos e biológicos apresentados de forma alarmista e sensacionalista. A ênfase em substâncias como “alumínio”, “formaldeído”, “glúten”, “ureia” e outros compostos — frequentemente descritos com termos que evocam toxicidade ou perigo — demonstra um esforço retórico para construir um imaginário de risco extremo e manipulação, associando as vacinas a agentes nocivos e ameaças à saúde humana.

Além disso, o canal investe em estratégias discursivas que valorizam práticas alternativas de saúde, como “autohemoterapia”, “ozonioterapia”, “vitamina D3”, “alimentação alcalina” e “medicina integrativa”, apresentadas como caminhos superiores e legítimos frente à “indústria farmacêutica” e ao sistema oficial de saúde. Essa narrativa se reforça pelo apelo a figuras e fontes identificadas como contrárias à medicina tradicional e à vacinação, assim como por uma forte valorização da “liberdade de escolha” e crítica a medidas como a obrigatoriedade da vacina.

O conteúdo também sugere uma profunda desconfiança em relação às instituições, ao citar acusações de “indústria do aborto”, interesses econômicos de “Bill Gates” e “Big Pharma”, e o uso de argumentos que ressaltam a suposta insegurança e ineficácia das vacinas, especialmente no contexto da covid-19. Esse conjunto reforça um ambiente discursivo fechado, marcado pela rejeição da ciência oficial e pela construção de um discurso alternativo, que promove a divisão social e a resistência à imunização.

5.2.3.2 Telegram 2021

Com base nas 10 postagens mais compartilhadas em 2021 do canal antivacina analisado, é possível identificar uma série de padrões discursivos e estratégias de construção de sentido que evidenciam aspectos centrais da dinâmica informacional e ideológica do canal. Em primeiro lugar, observa-se a predominância de uma retórica alarmista, marcada por um forte tom emocional, que combina linguagem conspiratória com desconfiança institucional, especialmente em relação à ciência, à mídia tradicional, às autoridades sanitárias e à indústria farmacêutica. As mensagens frequentemente utilizam questionamentos retóricos ou listagens de “dúvidas” para sugerir que as vacinas contra a Covid-19 seriam perigosas, sem, no entanto, apresentar dados científicos robustos que sustentem essas alegações.

Além disso, há um uso recorrente de depoimentos de supostos especialistas, médicos ou cientistas, em muitos casos figuras já conhecidas por disseminarem desinformação, com o objetivo de conferir credibilidade ao discurso antivacina. Links para vídeos, textos e reportagens alternativas, muitas hospedadas em plataformas suspeitas ou sites sem curadoria jornalística, são amplamente utilizados como “provas” do perigo das vacinas, em contraposição a veículos jornalísticos reconhecidos, como o G1, que são tratados com descrédito. Outro ponto relevante é o uso de linguagem intensamente ideológica e polarizada, que associa medidas de saúde pública, como o isolamento social ou o passaporte vacinal, a projetos autoritários globais, frequentemente mencionando termos como “agenda globalista”,

“controle populacional”, “ditadura sanitária” e “crédito social”, remetendo à China e à figura de Bill Gates como símbolos de opressão tecnológica.

Por fim, é importante destacar a tentativa de vincular eventos isolados, como casos adversos após a vacinação, já previstos nas bulas das vacinas, a uma narrativa de catástrofe global iminente. Embora muitos desses eventos tenham sido investigados e esclarecidos pelas autoridades de saúde pública, as postagens analisadas omitem esses desdobramentos, contribuindo para a construção de um cenário de medo, urgência e resistência. Essa estrutura narrativa contribui para a formação de uma comunidade que se reconhece como “acordada” ou “desperta” diante de uma suposta manipulação das massas, reforçando laços de pertencimento e engajamento ideológico dentro do canal.

5.2.3.3 Telegram 2022

As 10 postagens mais compartilhadas no canal antivacina do Telegram em 2022 mostram uma intensificação de estratégias de desinformação que combinam dados descontextualizados, narrativas alarmistas e retórica emocional. Há forte ênfase em relatos sobre supostos efeitos adversos graves das vacinas, como miocardite, coágulos sanguíneos e até AIDS, frequentemente embasados por fontes não confiáveis ou estudos deturpados ou com metodologia ruim.

A retórica apocalíptica é empregada para enfraquecer a confiança institucional, associando farmacêuticas, governos e agências reguladoras a uma conspiração global que colocaria vidas em risco em nome de interesses econômicos. Além disso, essas postagens muitas vezes citam declarações truncadas de órgãos oficiais como OMS, dando a entender que há um reconhecimento generalizado da ineficácia ou periculosidade dos imunizantes, o que distorce o conteúdo original das falas.

Outro aspecto recorrente é a utilização de comparações estatísticas manipuladas para minimizar o impacto da Covid-19, contrapondo-o a outras causas de morte (como afogamentos ou acidentes automobilísticos), a fim de deslegitimar

políticas de vacinação em massa. Também há um esforço coordenado para desqualificar a mídia tradicional e exaltar fontes paralelas de informação, como canais médicos alternativos e sites conspiracionistas. Essa construção discursiva contribui para a formação de uma bolha cognitiva altamente impermeável a informações de qualidade, em que prevalecem desconfiança institucional e reforço de crenças preexistentes.

Em 2022, nota-se ainda o cruzamento com pautas políticas (como os protestos antivacina no Canadá), o que reforça a ideia de que o movimento antivacina se articula como parte de um ecossistema mais amplo de desinformação política e ideológica.

5.2.3.4 *Telegram 2023*

As postagens mais compartilhadas no canal do Telegram em 2023 reforçam padrões discursivos recorrentes na desinformação antivacinal: apelo ao sensacionalismo, desqualificação das instituições científicas e uso de linguagem emocionalmente carregada. Termos como “fraudemia”, “vacinados com AIDS” e “soro milagroso” revelam uma retórica alarmista que busca gerar medo e desconfiança, estratégias eficazes para engajamento em plataformas digitais.

Os conteúdos frequentemente citam fontes sabidamente falsas ou distorcidas — como os sites *Real Raw News* ou *Tribuna Nacional* —, misturando meias-verdades com alegações conspiratórias. A menção a médicos ou cientistas que supostamente “denunciam” a vacina é usada como simulacro de autoridade científica.

Além disso, os dados são manipulados ou retirados de contexto, como no caso de afirmações de que vacinados têm mais chances de contrair COVID-19 ou de que países vacinados “estão doentes”. Há ainda a presença de narrativas conspiratórias mais amplas, que vinculam as vacinas a um suposto plano global de controle social, reforçando o sentimento de perseguição e censura.

Em suma, as mensagens de 2023 consolidam um ecossistema discursivo que opera à margem da verificação factual, com grande poder de persuasão por meio da performance emocional, da aparente informalidade e da rejeição ativa da ciência e do jornalismo.

5.2.3.5 Telegram 2024

Em 2024, os conteúdos antivacina mais compartilhados no canal do Telegram revelam uma continuidade e intensificação de narrativas que associam a pandemia e as vacinas COVID-19 a conspirações globais, riscos médicos ocultos e manipulações políticas. Há um claro predomínio de discursos que questionam a legitimidade dos atores institucionais e científicos, em um contexto marcado pelo descrédito e pela polarização.

Destaca-se a retomada de teorias envolvendo redes globais ligadas à biotecnologia e inteligência estatal, reforçando a tese conspiratória da pandemia “criada” ou manipulada. O questionamento da eficácia e segurança das vacinas persiste, agora apoiado em alegações de processos judiciais contra a Pfizer, supostas campanhas de censura e relatos de efeitos adversos graves, como aumento de câncer, doenças cardíacas e supostas transmissões ocultas de contaminantes como grafeno.

Além disso, emerge um discurso antiestatista focado na resistência dos pais à vacinação compulsória, que chega a obter indenizações judiciais, e na defesa da liberdade de expressão contra supostas tentativas de censura pela grande mídia e governos. O uso de inteligência artificial para prever hesitação vacinal é criticado como mais um instrumento de controle social.

Também é importante notar a presença de temas transhumanistas e futuristas, como a internet dos cérebros, incorporados às narrativas como um presságio de perda de autonomia individual, ampliando o medo social sobre tecnologias emergentes.

Em termos metodológicos, esses conteúdos reforçam a construção de uma rede discursiva onde fatos científicos são reinterpretados ou descontextualizados para confirmar um viés conspiracionista, que conecta eventos médicos e políticos a uma suposta agenda global. Essa dinâmica representa um desafio relevante para o jornalismo digital e a comunicação pública, na medida em que dificulta o diálogo baseado em evidências e alimenta a desinformação em ambientes digitais fechados.

5.2.3.6 Telegram 2025

O ano de 2025 apresenta uma complexa intersecção entre o papel do Poder Judiciário no Brasil, a polarização política e as disputas narrativas que permeiam a sociedade contemporânea, como evidenciado no grafo de similitude relativo a esse mesmo ano. A análise parte da declaração do ex-presidente do STF, Luiz Fux, que reconhece um movimento do Judiciário para assumir prerrogativas tradicionalmente atribuídas ao Legislativo e Executivo. Tal fenômeno, identificado como o STF atuando como um poder moderador, evidencia uma alteração estrutural no equilíbrio entre os poderes da República. Na prática, o Judiciário passa a interferir e impor agendas políticas e sociais, como a flexibilização do aborto e legalização de drogas, temas controversos que desafiam a soberania popular e o funcionamento democrático tradicional.

Este cenário judicial é tensionado pela persistente crise política, marcada por acusações de fraudes eleitorais e investigações que atingem figuras centrais, como o ex-presidente Jair Bolsonaro. A narrativa de judicialização da política reflete uma instrumentalização do Judiciário em disputas eleitorais e ideológicas, o que compromete a percepção de imparcialidade e fragiliza as instituições democráticas. A resistência e contestação política se ampliam, inclusive com denúncias de supostas perseguições e abusos de poder por membros do Supremo e seus aliados.

No plano internacional, há reflexos diretos dessa instabilidade, com a política norte-americana em destaque, especialmente as tensões entre a gestão Biden e o

ex-presidente Trump. As disputas sobre política econômica (impostos, produção de petróleo) e alegações sobre fraudes eleitorais norteiam um cenário global onde desconfiança e polarização dominam o discurso público.

Adicionalmente, emergem questões ambientais e de saúde pública, como a recente meta-análise que associa a fluoretação da água à redução do QI infantil, o que pode provocar uma reavaliação urgente de políticas públicas estabelecidas há décadas. Esse alerta científico ganha peso num contexto já marcado pela crise da confiança nas instituições e no conhecimento técnico, que é o canal antivacina analisado.

Por fim, o uso estratégico do controle da informação, exemplificado pela controvérsia do monitoramento financeiro via Pix, a tentativa de censura a vozes críticas e a manipulação do discurso público ilustram o enfraquecimento da liberdade de expressão e dos direitos civis essenciais para a democracia, na visão dos participantes do canal.

Essa conjuntura revela que a pauta antivacinação do canal perdeu espaço para a ideia de que o Brasil de 2025 está imerso em um processo acelerado de transformação política, judicial e social, onde a disputa pelo controle do Estado se manifesta em múltiplas frentes e desafia a capacidade de resistência das instituições democráticas.

5.2.3.7 G1 - 2020

As manchetes predominantes em 2020 no G1 quanto ao tema das vacinas refletem uma forte mobilização pública e institucional em torno das campanhas de vacinação, especialmente contra gripe, poliomielite e febre aftosa. Vê-se uma ênfase clara na extensão dos prazos, com várias cidades prorrogando as campanhas, o que evidencia um esforço governamental para ampliar a cobertura vacinal diante dos desafios logísticos e possivelmente da baixa adesão inicial.

A continuidade da vacinação contra doenças tradicionais, como poliomielite e febre aftosa, num cenário marcado pelo início da pandemia da Covid-19, revela a

tentativa de manutenção dos programas básicos de saúde pública mesmo em contexto de crise sanitária. Além disso, a inserção da vacinação contra a Covid-19, ainda no final do ano, em pontos estratégicos como centros comerciais, sinaliza a transição para uma nova fase de imunização, com adaptação das estratégias para o alcance da população.

Porém, a repetição constante da prorrogação das campanhas sugere possíveis dificuldades na adesão e na logística, fatores que impactam diretamente a eficácia das políticas públicas de vacinação. Esse padrão abre espaço para análises em pesquisas futuras sobre a confiança da população nas vacinas, o papel da comunicação governamental e os desafios estruturais para a implementação de campanhas em massa.

Esse contexto inicial de 2020 serve de base para compreender as dinâmicas posteriores, especialmente diante da chegada das vacinas contra Covid-19 em 2021, e os debates públicos intensificados sobre imunização, hesitação vacinal e políticas de saúde.

5.2.3.8 G1 - 2021

O ano de 2021, marcado pela continuidade da pandemia de Covid-19, teve como um dos principais destaques a campanha de vacinação em diferentes municípios e estados brasileiros. As manchetes refletem o ritmo e o alcance das ações públicas, que se concentraram na imunização contra a Covid-19, além da manutenção das campanhas contra outras doenças sazonais, como a gripe.

A vacinação contra Covid-19 avançou em várias cidades, incluindo Balsas, Nilópolis, Imperatriz, Belo Horizonte e na capital paulista, que antecipou o início da vacinação para adultos e adolescentes. A exigência do comprovante vacinal em 19 capitais demonstra o esforço de autoridades para incentivar a adesão, instaurando políticas públicas que associam o controle da pandemia à mobilização social.

O retorno do ConecteSus com o certificado de vacinação e a continuidade da imunização contra a gripe, mesmo em meio à campanha contra Covid, indicam uma

tentativa de manter a atenção da população sobre outras vacinas importantes, evitando o retrocesso em programas essenciais de saúde pública.

Essas manchetes, embora curtas e diretas, revelam um retrato da logística desafiadora e do engajamento governamental na luta contra a pandemia, além da complexidade de gerenciar campanhas simultâneas em diversas regiões do país. Elas demonstram, ainda, o papel das vacinas como elemento central da estratégia de saúde, bem como os desafios para ampliar a cobertura vacinal, especialmente em um contexto de hesitação, desigualdades regionais e necessidade de comunicação eficiente.

5.2.3.9 G1 - 2022

Em 2022, o destaque no noticiário do G1 sobre vacinação manteve o foco na continuidade da campanha contra a Covid-19, especialmente em sua expansão para públicos pediátricos. Manchetes como “Vacinação de crianças contra a Covid em Campos” e “Blumenau começa a vacinação contra a Covid em bebês” evidenciam a tentativa das autoridades em ampliar a cobertura vacinal para faixas etárias cada vez menores, seguindo uma estratégia global de imunização da população infantil.

Além disso, houve atenção às campanhas tradicionais, como a vacinação contra a poliomielite, reforçada em municípios como São Luís e Caruaru, apontando a manutenção do calendário vacinal essencial mesmo em meio à pandemia. No entanto, o noticiário também registrou uma queda na adesão vacinal em algumas regiões, como “Vacinação contra a covid está em baixa em Rondônia”, sinalizando desafios para a cobertura completa.

Outro ponto relevante foi a reorganização dos pontos de vacinação, exemplificado pelo “Ponto de vacinação para adultos é relocado para mesmo local da vacinação pediátrica em Caruaru”, o que mostra uma tentativa de otimização logística para facilitar o acesso da população.

No geral, as manchetes refletem o esforço das autoridades em combinar a resposta à emergência da pandemia com a manutenção dos programas vacinais tradicionais, apesar de oscilações na adesão em alguns estados.

5.2.3.10 G1 - 2023

As manchetes do G1 referentes à vacinação em 2023 revelam uma continuidade das campanhas tradicionais de imunização contra doenças sazonais, como gripe e raiva, mas também expõem desafios estruturais e sociais que impactam diretamente a efetividade das políticas públicas de saúde.

Destaca-se a persistência de ações locais, como em Tremembé, Vilhena, Campinas, Porto Velho, Macapá, Monte Alegre, Garanhuns e João Pessoa, que buscam manter a cobertura vacinal, muitas vezes com campanhas específicas para grupos populacionais prioritários — crianças, adolescentes, animais — e com enfoque territorial em bairros ou escolas. Esse modelo segmentado evidencia a descentralização e a tentativa do sistema de saúde brasileiro em alcançar públicos diversos, embora revele, simultaneamente, dificuldades de logística e distribuição, evidenciadas pela manchete do atraso na entrega das doses em João Pessoa.

O Dia Nacional da Vacinação e a menção aos baixos índices de vacinação expõem um problema crônico: a queda da adesão popular às vacinas, alimentada por diversos fatores, desde a desinformação até a pandemia de desconfiança instaurada nos últimos anos. Tal queda é preocupante, pois compromete a imunidade coletiva e a capacidade do sistema de saúde de prevenir surtos.

Outro ponto importante é o reforço das campanhas de vacinação contra a Covid-19, especialmente em estados como Ceará e cidades com surtos em escolas, como Campinas. A manutenção dessas campanhas indica que a pandemia ainda influencia a agenda sanitária e que a proteção da população infantil e escolar é um

foco prioritário, refletindo a necessidade de adaptação das políticas públicas frente a novas variantes e ondas do vírus.

No entanto, essas notícias mostram uma face administrativa e pontual das ações, sem aprofundar discussões sobre as causas da hesitação vacinal, a influência da desinformação ou os desafios para alcançar populações vulneráveis. Além disso, a cobertura midiática continua enfatizando a operacionalização das campanhas, com pouca crítica sobre os impactos sociais, econômicos e políticos que circundam o tema.

Finalmente, as manchetes de 2023 do G1 revelam a continuidade dos esforços de vacinação no Brasil, mas também escancaram as dificuldades de adesão, logística e comunicação, que precisam ser enfrentadas com estratégias integradas e multidisciplinares para garantir a saúde pública e a confiança da população.

5.2.3.11 G1 - 2024

As notícias mais destacadas no G1 sobre vacinação em 2024 refletem a continuidade e a diversidade das campanhas de imunização no Brasil e no mundo, ressaltando a importância da vacinação em diferentes frentes, tanto em doenças tradicionais quanto em novas demandas sanitárias.

Primeiramente, observa-se a continuidade das campanhas contra doenças clássicas, como a poliomielite e a raiva, evidenciada pelas manchetes de Taubaté e Uberlândia, que anunciam a retomada ou início da vacinação nessas áreas. Isso mostra o esforço persistente dos sistemas de saúde para manter a cobertura vacinal e evitar o ressurgimento de doenças erradicadas ou controladas.

Por outro lado, a vacinação contra a gripe e a influenza também continua em foco, com campanhas em Jarú, Palmas e na Feira da 307 Norte, refletindo a preocupação constante com a proteção contra vírus respiratórios, especialmente

importantes em um contexto pós-pandêmico. A prorrogação ou adiamento de campanhas, como em Jarú, ressalta os desafios logísticos e operacionais que ainda afetam a distribuição e aplicação das vacinas.

Outro ponto relevante é a expansão da vacinação para novas doenças, como a dengue em Jundiá, o que demonstra a adaptação das estratégias públicas para incluir imunizações contra arboviroses, especialmente em regiões de risco elevado, mostrando a necessidade de inovação constante no campo da imunização pública.

Além disso, a vacinação contra a Covid-19 segue presente, com destaque para a retomada da imunização em crianças a partir de seis meses, conforme anunciado em Feira de Santana. Isso indica a importância da vacinação contínua para a proteção de faixas etárias mais vulneráveis, mesmo após o controle da pandemia, sinalizando a transição da Covid-19 para o rol das doenças endêmicas.

Por fim, a campanha pela atualização das cadernetas de vacinação reforça a necessidade da manutenção dos registros e da adesão da população aos esquemas vacinais recomendados, fundamental para a garantia da imunidade coletiva e a prevenção de surtos.

As manchetes de 2024, portanto, destacam uma agenda multifacetada de vacinação, que engloba doenças antigas e emergentes, enfatizando os desafios operacionais e a necessidade de engajamento contínuo da população. Essa abordagem reforça a importância das políticas públicas adaptativas e da comunicação eficaz para o sucesso das campanhas de imunização em um cenário epidemiológico em constante transformação.

5.2.3.12 G1 - 2025

Quanto às principais manchetes de 2025 sobre vacinação no G1, destaca-se uma ênfase consolidada na campanha anual contra a gripe, refletindo a manutenção da mobilização pública em saúde preventiva. Observa-se uma ação a nível

municipal a fim de facilitar o acesso à vacina, seja por meio da abertura de novos pontos, ampliação do horário ou mutirões aos finais de semana.

O foco predominante nas campanhas contra a gripe demonstra o esforço das autoridades em mitigar o impacto das doenças respiratórias sazonais, especialmente em contextos de clima mais frio, que tradicionalmente elevam a incidência dessas infecções. A mobilização em várias cidades revela também a importância de estratégias descentralizadas, com destaque para ações locais, como “Dia D” de vacinação, e reforço da comunicação para a população.

Entretanto, percebe-se uma ausência de destaque a outras vacinas relevantes no calendário nacional, como poliomielite ou outras imunizações, indicando que a gripe segue sendo a prioridade nas pautas jornalísticas e, possivelmente, na saúde pública para 2025, pelo menos no que se refere ao primeiro semestre, que é o ponto limite da coleta de dados desta pesquisa.

Assim, as manchetes sugerem uma continuidade da prática vacinal voltada para a gripe até o meio do ano, pelo menos, reforçando a importância da prevenção coletiva e do acesso facilitado, além de indicar a necessidade de manter a conscientização pública diante dos riscos das doenças respiratórias muito comuns nesta época do ano.

5.2.3.13 Análise comparativa - Telegram X G1 - Os 10 conteúdos mais relevantes de cada ano entre 2020 a 2025

Ao analisar os 10 principais conteúdos sobre vacinação veiculados no canal @antivaxxx do Telegram entre 2020 e 2025, em contraste com as 10 manchetes mais relevantes do G1 no mesmo período, observa-se um contraste significativo tanto no tom quanto no enfoque das informações apresentadas, o que confirma a tendência encontrada na análise dos grafos realizada anteriormente.

Enquanto as manchetes do G1 são predominantemente informativas, institucionais e focadas na promoção da saúde pública, com destaque para campanhas de vacinação contra a gripe, poliomielite, COVID-19 e outras doenças, os conteúdos do Telegram exibem uma postura crítica, muitas vezes conspiratória e desconfiada em relação às vacinas, sobretudo as de COVID-19. As reportagens do G1 enfatizam datas, locais de vacinação, avanços logísticos e a importância da imunização coletiva, usando uma linguagem neutra e acessível para o público geral.

Por outro lado, as mensagens compartilhadas no Telegram tendem a destacar supostos riscos e efeitos adversos das vacinas, denunciam ocultação de informações, levantam teorias sobre manipulação política e contestam as versões oficiais acerca da pandemia e das medidas de saúde pública. Há um tom de alerta contra o que é percebido como controle social, restrições à liberdade de expressão e um forte questionamento às instituições governamentais e científicas.

Essa divergência revela não apenas diferenças editoriais, mas também indica a polarização social em torno do tema da vacinação. O G1 atua como canal de informação oficial que busca estimular a adesão da população às campanhas de imunização, enquanto o Telegram serve como espaço para canais que nutrem desconfiança e resistência, o que pode dificultar a efetividade das políticas públicas de saúde.

Esse cenário reflete o desafio contemporâneo da comunicação em saúde, na qual a disseminação de informações conflitantes, especialmente as que circulam em plataformas digitais e bolhas, parece influenciar diretamente as decisões e comportamentos das pessoas, embora não seja possível afirmar categoricamente que todos os participantes do canal @antivaxxx não se vacinam na vida fora das redes sociais.

Nesse sentido, a coexistência dessas narrativas opostas evidencia a complexidade da luta contra a desinformação e ressalta a necessidade de

estratégias de comunicação mais eficazes para garantir a compreensão, confiança e participação da população nas ações de vacinação.

6. CONCLUSÕES

O combate à desinformação na área da saúde, especialmente em relação às vacinas, tem sido desafiador devido a uma série de fatores complexos e interligados, alguns explorados nesta tese, como a facilidade de coesão virtual de canais antivacina e a falta de tangenciamento entre as bolhas desinformativas e o jornalismo digital que promove informações baseadas em evidências.

Primeiramente, a disseminação de informações propositalmente enganosas sobre vacinas é facilitada pelo amplo acesso e alcance que atualmente os indivíduos possuem sobre as mídias sociais conectadas à internet, onde todos podem produzir e consumir conteúdos, e nesse cenário, inevitavelmente, notícias não verificadas podem se espalhar rapidamente (Wilson *et al.*, 2020). Essas plataformas, especialmente o Telegram, muitas vezes deixam algumas facilidades em seus usos e comandos, que acabam por proporcionar uma amplificação de vozes antivacina, enquanto fontes confiáveis de informação, como se propõe ser o G1 com sua prática jornalística, podem ser obscurecidas.

Nesse sentido, a pesquisa corrobora a percepção McLuhaniana de que os meios não são canais neutros de informação, mas extensões dos sentidos humanos que moldam o comportamento social. A fluidez com que *fake news* se espalham nas redes sociais, aliada à dificuldade de penetração de conteúdos jornalísticos verificados em bolhas informacionais polarizadas, mostra que o meio digital contemporâneo favorece formatos e narrativas que não necessariamente priorizam a veracidade, mas sim o impacto e a adesão emocional. Essa constatação reforça a urgência de se repensar os modos de regulação, educação midiática e responsabilização das plataformas, reconhecendo o papel estruturante que os meios exercem na organização da vida social e política.

Ademais, os resultados obtidos nesta tese também reforçam conceitos trazidos por outros autores posteriores a McLuhan (1998), como o das "bolhas", também chamadas de "câmaras de eco" (Santaella; Cypriano, 2018), bem como o

fato de que a desinformação sobre vacinas apela para emoções e crenças pessoais, alimentando um cenário pós-verdadeiro (Kakutani, 2018), onde tomadas de decisão são realizadas muito mais com base em sentimentos primitivos em detrimento da racionalidade, sendo mais persuasiva para certos grupos de pessoas (Dubé *et al.*, 2015).

Desinformações persistentes, portanto, como a associação infundada entre vacinas e autismo (Wakefield *et al.*, 1998), podem continuar a circular mesmo diante de evidências científicas sólidas que as desmentem. Nesse cenário, a pesquisa aqui realizada escancara a impenetrabilidade entre dois mundos, quais sejam, o canal do Telegram e o G1, evidenciando os extremos comportamentais de seus usuários, consumidores e propagadores de (des) informação.

Outro desafio é a falta de alfabetização em saúde em grande parte da população, o que dificulta a avaliação crítica das informações encontradas online (Wilson *et al.*, 2020). Muitas pessoas podem não ter as habilidades necessárias para discernir entre fontes confiáveis e não confiáveis, tornando-se mais suscetíveis à desinformação. Além da falta de alfabetização em questões de saúde, falta também letramento digital, que limita os usuários a fazerem um manejo mais crítico das ferramentas de comunicação digital e terem um senso mais apurado para os conteúdos que recebem por meio de seus dispositivos móveis conectados à Internet.

Além disso, existe uma desconfiança generalizada em relação às instituições de saúde e governamentais, alimentada por experiências passadas de má conduta, falta de transparência e percepções de conflitos de interesse (Wilson *et al.*, 2020). Essa desconfiança pode levar as pessoas a questionar a validade das recomendações de vacinação e a procurar fontes alternativas de informação.

Como foi percebido nos resultados desta pesquisa, os ecossistemas desinformativos virtuais não tangenciam as fontes noticiosas sérias e éticas disponíveis. A análise dos grafos do Telegram e do G1 entre os anos de 2020 e 2025 revela um fenômeno central para a compreensão da ecologia informacional brasileira: a absoluta não sobreposição entre os dois campos discursivos. Ainda que

tratem do mesmo objeto — as vacinas —, suas narrativas não dialogam, não se encontram, não se influenciam e não disputam diretamente os mesmos espaços simbólicos. Trata-se, portanto, de universos discursivos paralelos, que coexistem sem contato nem fricção direta, o que compromete a eficácia das estratégias de comunicação científica frente à desinformação.

Do lado do G1, a vacina é tratada como um direito social, uma política pública e uma pauta de saúde coletiva. O discurso está ancorado em fontes oficiais, vocabulário técnico, dados epidemiológicos, datas de campanhas, cobertura vacinal e orientações cidadãs. A lógica informacional é institucional, voltada à prestação de serviço e à mobilização da população para adesão a políticas públicas. Os grafos revelam a consistência dessa abordagem ao longo do tempo, com centralidade semântica em termos como “vacinação”, “campanha”, “dose”, “meta”, “criança” e “população”, organizando o campo discursivo em torno da saúde pública.

No Telegram, por sua vez, a vacina é ressignificada como símbolo de dominação política, objeto de desconfiança e elemento conspiratório. A linguagem é emocional, maniqueísta e desconectada da técnica. Em vez de disputar argumentos ou evidências com o jornalismo, canal @antivaxxx do Telegram opera à margem dele, alimentando-se de conteúdos que ratificam suas crenças. Seus grafos revelam campos semânticos alicerçados em palavras como “liberdade”, “controle”, “globalismo”, “lula”, “bolsonaro”, “supremo”, “censura” e “vacina” — esta última, esvaziada de conteúdo técnico e convertida em signo ideológico.

Essa dissociação profunda impede qualquer forma de contaminação discursiva entre os polos. A imprensa não penetra o Telegram, porque os usuários já desacreditam, *a priori*, de tudo o que provém da mídia tradicional. O jornalismo, por sua vez, também não reage diretamente às narrativas do Telegram, talvez por estratégia editorial ou por desconhecimento da capilaridade desses grupos. Essa não reciprocidade alimenta uma lógica de monólogo em ambos os campos: o G1 fala àqueles que confiam na ciência e nas instituições; o Telegram mobiliza afetos entre aqueles que desconfiam delas.

Não há, portanto, interinfluência ou contaminação de vocabulários, temas ou enquadramentos. Os discursos não colidem, e justamente por isso, não se corrigem, não se moderam, não se atravessam. O G1 segue produzindo uma narrativa baseada em fatos, enquanto o Telegram constrói outra, baseada em crenças. A desconexão entre as duas esferas permite que ambas sigam em suas respectivas direções sem necessidade de refutação mútua, mas com impactos profundamente desiguais sobre o imaginário coletivo.

Este abismo discursivo ajuda a compreender por que os esforços de combate à desinformação vacinal têm sido tão ineficazes. Não se trata de uma disputa comunicacional clássica, mas de dois ecossistemas autônomos, extremos, cada qual com suas fontes de autoridade, seu público cativo e suas lógicas próprias de produção e circulação de sentidos. Em um cenário de fragmentação extrema da esfera pública, o jornalismo e a desinformação antivacinal deixaram de dialogar, e, assim, de disputar.

O jornalismo deveria, então, deixar de lado sua prática visando noticiar e conscientizar sobre temas como a importância das vacinas, dado que, até o momento, o que se percebe é uma falta de êxito em termos de sua influência nas bolhas desinformativas antivacina?

A constatação de que um jornalismo profissional sério e ético e as bolhas desinformativas antivacina não se influenciam nem se tangenciam, conforme revelam os grafos analisados, não deve ser interpretada como um indicativo de que o jornalismo deva renunciar à sua prática noticiosa e de conscientização social. Pelo contrário: o jornalismo reafirma, justamente nesse contexto de isolamento discursivo, seu papel essencial enquanto contraponto à desinformação e às narrativas conspiratórias.

A eficácia da comunicação jornalística não pode ser aferida exclusivamente por métricas de influência direta em grupos resistentes à informação baseada em evidências. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram que há dois sistemas discursivos em paralelo, com léxicos, temas e âncoras simbólicas completamente

distintos. Porém, a persistência desse paralelismo não invalida a função pública da mídia tradicional, especialmente quando esta atua alinhada ao compromisso com a ciência e o interesse coletivo.

A ausência de intersecção entre os discursos verificados nos grafos pode, inclusive, ser lida como uma evidência da radicalização das câmaras de eco, que impedem o fluxo informativo entre campos opostos do debate. Assim, a questão central não é se o jornalismo está fracassando por não conseguir acessar as bolhas, mas sim como ele pode aprimorar suas estratégias para que, ainda que indiretamente, crie fissuras nesses ambientes de crença. Tais estratégias podem envolver uma escuta ativa dos valores que estruturam o discurso antivacina, a diversificação dos formatos e canais de distribuição e, sobretudo, a retomada da mediação jornalística em plataformas digitais que hoje priorizam o engajamento acima da curadoria informativa.

Portanto, abdicar da missão de informar, sob o argumento de que não há impacto imediato sobre as bolhas desinformadas, seria uma forma de capitulação do jornalismo frente à lógica algorítmica e à hegemonia da pós-verdade. A função do jornalismo não é convencer todos os públicos, mas manter acessível, viva e legitimada uma narrativa baseada em evidência científica, confiabilidade institucional e responsabilidade pública. Ainda que parte da sociedade se insurja contra essa narrativa, ela precisa continuar existindo — e sendo sustentada — para que qualquer possibilidade de reversão do cenário desinformativo continue em aberto.

Para além do jornalismo tradicional, com vistas a enfrentar esses desafios, é crucial levar em conta, também, uma abordagem multifacetada que envolva educação em saúde, letramento informacional, parcerias com plataformas de mídia social para combater a desinformação e construção de confiança através de comunicação transparente e baseada em evidências (Dubé *et al.*, 2015). Somente através de esforços coordenados e sustentados pode-se esperar progressos significativos no combate à desinformação sobre vacinas e a promoção de uma cultura de imunização baseada em evidências científicas.

Outro tema amplamente discutido e controverso quando se fala em circulação de desinformação é a questão da regulamentação das redes sociais. A proliferação de discursos negacionistas e antivacinais em redes sociais como Telegram, YouTube, Instagram, Whatsapp e Facebook ocorre dentro de uma lógica algorítmica e semântica que amplifica práticas autoritárias e identitárias, conforme analisa Trivinho (2024) ao discutir os chamados “infonegócios endofascistas”. O autor argumenta que a regulamentação não deve ser exclusivamente sobre conteúdos, mas sobre a função macroestrutural das plataformas digitais no tecido social – um modelo que desloca o foco da censura pontual para o controle sistêmico da arquitetura informacional e dos algoritmos que moldam percepções, emoções e identidades. Essa perspectiva é particularmente relevante para a pesquisa, já que os grafos analisados revelaram que o canal antivacina opera em bolhas discursivas autossustentáveis, imunes à narrativa jornalística, o que denuncia a incapacidade do jornalismo de romper essas bolhas meramente com factualidade.

Em diálogo com esta abordagem, Tucci e Gouveia (2025) investigam o papel das redes sociais como mecanismo de polarização política, especialmente em contextos eleitorais. Eles demonstram que discursos antivacina se imbricam com narrativas conspiratórias com forte grau de mobilização identitária, reforçando a ideia de que a regulação das plataformas não é apenas uma questão de remover conteúdos falsos, mas de impedir a instrumentalização política dessas redes em escala macropolítica. A construção de uma regulação efetiva deve, portanto, considerar os dispositivos algorítmicos, a dinâmica de amplificação de narrativas e a inserção dessas práticas dentro de contextos eleitorais e simbólicos.

Essas duas perspectivas sugerem que a regulamentação das redes sociais, ainda que pareça necessária, não resolverá automaticamente o problema da desinformação vacinal. O que se destaca da comparação com os grafos é que os dispositivos regulatórios podem intervir na velocidade e na amplitude da contaminação informacional, mas, ainda assim, não conseguiriam alterar diretamente os regimes de sentido construídos dentro das bolhas digitais. No

entanto, combinada com o jornalismo de qualidade e estratégias orientadas à escuta cultural dos públicos resistentes, a regulação sistêmica poderia criar condicionantes externos para reduzir a visibilidade das narrativas conspiratórias e oferecer à informação verificada uma rota de circulação mais robusta. Portanto, mesmo que as bolhas resistam à mediação jornalística, seu isolamento pode ser fragilizado por políticas públicas normativas que atuem sobre a própria infraestrutura informacional, criando fricções que permitam a emergência de alternativas discursivas baseadas em evidência científica.

O trabalho das agências de checagem em relação à desinformação ainda é desafiador devido à natureza dinâmica e em constante evolução das plataformas de mídia e à rápida disseminação de informações falsas, além da informação verdadeira, por não ser sensacionalista e não despertar sentimentos primitivos característicos da pós-verdade, ser considerada por muitos sem graça ou mesmo ultrapassada (Pennycook *et al.*, 2020). As agências de checagem, diversas vezes, enfrentam dificuldades para acompanhar o volume de conteúdo desinformativo e para identificar fontes confiáveis de informação em meio ao mar de desinformação (Wilson *et al.*, 2020). Além disso, a própria natureza da desinformação torna difícil a verificação factual, pois é baseada em distorções da verdade ou em informações sem fundamentos científicos sólidos.

Nesse cenário, apesar da importância do trabalho das agências de checagem e de outras iniciativas de combate à desinformação, como o jornalismo sério com base na ética de sua prática, muitas pessoas ainda não se interessam pela verificação das notícias e da segurança das vacinas. Isso pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo falta de conscientização sobre os perigos da desinformação, falta de confiança nas fontes de informação tradicionais e, em alguns casos, ceticismo em relação à validade das evidências científicas (Wilson *et al.*, 2020). Como dito anteriormente, a desinformação, muitas vezes, é apresentada de forma emocionalmente persuasiva, o que pode ser mais atraente para algumas pessoas do que a verificação factual.

Assim, para combater a desinformação sobre vacinas, é necessário um esforço conjunto que vá além dos veículos tradicionais midiáticos. Iniciativas como a promoção da alfabetização em saúde e a educação em práticas baseadas em evidências nas escolas, por exemplo, podem capacitar as pessoas a avaliarem criticamente as informações que encontram e a reconhecerem fontes confiáveis de informação (Dubé *et al.*, 2015). Outrossim, é importante envolver os profissionais de saúde e as comunidades locais na promoção da importância da vacinação e na divulgação de informações precisas, com linguagem simples e acessível, sobre os benefícios dessa categoria de imunobiológicos.

No intuito de superar esses obstáculos, é fundamental desenvolver estratégias de comunicação que sejam acessíveis, relevantes e confiáveis para diferentes públicos-alvo. Isso pode incluir o uso de abordagens narrativas que ressoem com as preocupações e valores das comunidades locais, o envolvimento de influenciadores e líderes de opinião na disseminação de mensagens de saúde pública e a criação de campanhas de conscientização que destaquem os benefícios individuais e coletivos da vacinação (Dubé *et al.*, 2015). Com todos os agentes aqui mencionados, ao abordar esses desafios de forma abrangente e colaborativa, é possível trabalhar na redução dos efeitos prejudiciais da desinformação sobre vacinas e promover uma cultura de saúde baseada em evidências.

REFERÊNCIAS

AHMAD, S.; WASIM, S.; IRFAN, S.; GOGOI, S.; SRIVASTAVA, A.; FARHEEN, Z. Qualitative v/s. quantitative research - a summarized review. **Journal of Evidence Based Medicine and Healthcare**, v. 6, n. 43, p. 2828-2832, 2019. <http://dx.doi.org/10.18410/jebmh/2019/587>.

AL-OBAYDY, W. N. I.; HASHIM, H. A.; NAJM, Y. A.; JALA, A. A. document classification using term frequency-inverse document frequency and k-means clustering. **Indonesian Journal of Electrical Engineering and Computer Science**, v. 27, n. 3, p. 1517-1524, 2022. <https://doi.org/10.11591/ijeecs.v27.i3.pp1517-1524>.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. **Social media and fake news in the 2016 election**. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M.; YU, Chuan. **Trends in the diffusion of misinformation on social media**. *Research & Politics*, v. 7, n. 2, p. 1-8, 2020.

ALVES, J. M. E. **Representação de Adolescentes nas Notícias do G1 (2015-2019)**. Tese (Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura) - Universidade da Amazônia, 2023.

AMARAL, F. **Introdução à Ciência de Dados: Mineração de dados e big data**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

BACARELLA, C. *et al.* Social media? It's serious! Understanding the dark side of social media. **European Management Journal**, v. 36, n. 4, p. 431-438, ago. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.emj.2018.07.002>.

BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake news and the economy of emotions: Problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 154-175, 2017. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>.

BASOL, M.; ROOZENBEEK, J.; VAN DER LINDEN, S. Good news about bad news: Gamified inoculation boosts confidence and cognitive immunity against fake news. **Journal of Cognition**, v. 3, n. 1, p. 33, 2020. <https://doi.org/10.5334/joc.91>.

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics**. Oxford University Press, 2018.

BEZERRA, J. S.; MAGNO, M. E.; MAIA, C. T. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. **Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 6-23, 2021. <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50944>.

BOVET, A.; MAKSE, H. A. Influence of fake news in Twitter during the 2016 US presidential election. **Nature Communications**, v. 10, n. 1, 2019. <https://doi.org/10.1038/s41467-018-07761-2>.

BRENNEN, J. S., SIMON, F., HOWARD, P. N.; NIELSEN, R. K. (2020). Types, sources, and claims of COVID-19 misinformation. **Reuters Institute**, 7 de abril de 2020. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/types-sources-and-claims-covid-19-misinformation>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

BRONIATOWSKI, D. A., JAMISON, A. M., QI, S., ALKULAIB, L., CHEN, T., BENTON, A.; DREDZE, M. Weaponized health communication: Twitter bots and Russian trolls amplify the vaccine debate. **American Journal of Public Health**, v. 108, n. 10, p. 1378-1384, 2018. <https://ajph.aphapublications.org/doi/abs/10.2105/AJPH.2018.304567>.

BURTON-JEANGROS, C.; GOLAY, M.; SUDRE, P. Compliance and resistance to child vaccination: a study among Swiss mothers. **Revue d'Épidémiologie et de Santé Publique**, v. 53, n. 4, p. 341-350, 2005. [https://doi.org/10.1016/S0398-7620\(05\)84616-4](https://doi.org/10.1016/S0398-7620(05)84616-4).

CANAVILHAS, J. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: SALAVERRÍA, Ramón (org.). **Redacción periodística en internet**. Barcelona: EUNSA, 2010. p. 113-135. Disponível em <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> Acesso em 7 jul. 2025.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, L.; SOUZA, A. **A amplificação acidental das fake news pela grande mídia**. *Jornalismo Digital em Debate*, v. 7, n. 3, p. 12-28, 2022.

CDC. **Moderna COVID-19 Vaccine**. 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/vaccines/acip/recs/grade/bla-covid-19-moderna-vaccine.html> Acesso em: 01 de abr. de 2024.

CLARKE, C. E. A question of balance: The autism-vaccine controversy in the British and American elite press. **Science Communication**, v. 30, p. 77-107, 2008. <https://doi.org/10.1177/1075547008320262>.

CLEMMONS, N. S. *et al.* Notes from the Field: Measles Outbreak Associated with a Traveler Returning from India — North Carolina, April–May 2013. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, v. 65, n. 21, p. 549–550, 2016.

CLEMMONS, N. S. *et al.* Measles—United States, January 1–May 3, 2019. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, v. 68, n. 18, p. 444-448, 2019.

CORDEIRO, D. F.; SOUZA, L. R. S.; LIMIRO, R. M.; DA SILVA, N. R. Convênios públicos no fomento à agricultura familiar: análise exploratória face à pandemia da COVID-19. **Revista Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 2., p. 2211–2234, 2023. <http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v14i2.1702>.

CORDEIRO, D.; LOPEZOSA, C.; GUALLAR, J. A Methodological Framework for AI-Driven Textual Data Analysis in Digital Media. **Future Internet**, v. 17, n. 2, 59, 2025. <https://doi.org/10.3390/fi17020059>.

COUTO, M. T.; BARBIERI, C. L. A.; MATOS, C. C. S. A. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200450>.

DAVIES, P., CHAPMAN, S., LEASK, J. Antivaccination activists on the world wide web. **Archives of Disease in Childhood**, v. 87, n. 1, p. 22-25, 2002.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri, São Paulo: Faro Editorial, 2018.

D'ANDRÉA, C. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DIXON, G. N.; CLARKE, C. E. Heightening uncertainty around certain science: Media coverage, false balance, and the autism-vaccine controversy. **Science Communication**, v. 35, p. 358-382, 2013.

DOURADO, T.; GOMES, W. O que são, afinal, fake news, enquanto fenômeno de comunicação política?. In: COMPOLÍTICA, 8, 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: COMPOLÍTICA, 2019.

DUBÉ, E.; LABERGE, C.; GUAY, M.; BRAMADAT, P.; ROY, R.; BETTINGER, J. A. Vaccine hesitancy: an overview. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v. 9, n. 8, p. 1763-1773, 2013.

DUBÉ, E.; VIVION, M.; MACDONALD, N. E. Vaccine hesitancy, vaccine refusal and the anti-vaccine movement: Influence, impact and implications. **Expert Review of Vaccines**, v. 14, n. 1, p. 99-117, 2015.

DUBÉ, E.; WARD, J.; VERGER, P.; MACDONALD, E. Vaccine hesitancy, acceptance, and anti-vaccination: trends and future prospects for public health. **Annual Review of Public Health**, v. 42, p. 175-191, 2021.

DUNN, A. G. et al. Mapping information exposure on social media to explain differences in HPV vaccine coverage in the United States. **Vaccine**, v. 38, n. 33, p. 5127-5133, 2020.

EBELING, R.; SAENZ, C. A. C.; NOBRE, J. C.; BECKER, K. Analysis of the Influence of Political Polarization in the Vaccination Stance: The Brazilian COVID-19 Scenario. **Proceedings of the International AAI Conference on Web and Social Media**, v. 16, n. 1, p. 159-170, 2022. <https://doi.org/10.1609/icwsm.v16i1.19281>.

ELDRIDGE II, S. A.; HESS, K.; TANDOC JR., E. C.; WESTLUND, O. (Orgs.). **Definitions of Digital Journalism (Studies)**. New York: Routledge, 2021.

ENDERS, A. M.; USCINSKI, J.; KLOFSTAD, C.; STOLER, J. On the relationship between conspiracy theory beliefs, misinformation, and vaccine hesitancy. **PLOS ONE**, v. 17, e0276082, 2022.. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0276082>.

EUROPEAN MEDICINES AGENCY. **AstraZeneca COVID-19 Vaccine**. (2021).

Disponível em:

<https://www.ema.europa.eu/en/medicines/human/EPAR/vaxzevria-previously-covid-19-vaccine-astrazeneca>. Acesso em: 01 de abr. de 2024.

ESTÍVARIZ, C. F. et al. Immunogenicity of supplementary doses of different bOPV vaccines: a randomized, controlled trial in Cuba. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 19, n. 3, p. 297-305, 2019.

FASE, S. B.; RICHARDSON, T. M. Understanding Clinical Trials: A Guide for Patients and Families. **JAMA**, v. 324, n. 5, p. 521-522, 2020.

FDA. **Pfizer-BioNTech COVID-19 Vaccine**. 2021. Disponível em: <https://www.fda.gov/vaccines-blood-biologics/coronavirus-covid-19-cber-regulated-biologics/pfizer-biontech-covid-19-vaccine>. Acesso em abr. 2024.

FERNANDEZ, M.; MATTA, G.; PAIVA, E. COVID-19, vaccine hesitancy and child vaccination: Challenges from Brazil. **The Lancet - Regional Health Americas**, v. 8, 100246, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.lana.2022.100246>.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2018.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREEMAN, D. ET AL. Effects of different types of written vaccination information on COVID-19 vaccine hesitancy in the UK (OCEANS-III): a single-blind, parallel-group, randomised controlled trial. **The Lancet Public Health**, v. 7, n. 10, p. e724-e735, 2022.

GARCÍA, A. The Role of Bots in Spreading Misinformation on Telegram. **Journal of Social Media Studies**, v. 10, n. 2, p. 45-62, 2021.

GARCIA, M. A. **An Analysis of COVID-19 Misinformation on the Telegram Social Network**. 79 f. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Operacional). Naval Postgraduate School, Monterey, CA, USA, 2022.

GELIJNS, A. C.; GABRIEL, S. E. Looking Beyond Translation: Integrating Clinical Research with Medical Practice. **New England Journal of Medicine**, v. 370, n. 17, p. 1674-1679, 2014.

GHAZALI, W.; MOHAMED, S.; WOK, S. *et al.* (2023) Vaccine Communication and the Media Credibility in Addressing Vaccine Hesitancy: A Focus on Malaysia. In: WAN GHAZALI, W.; WOK, S.; MOHAMED, S. (Eds.). **Journalism: The Ethical Dilemma**. Rijeka, Croatia: IntechOpen, 2023. <http://dx.doi.org/10.5772/intechopen.108353>.

GOTTLIEB, S. D. (2016) Vaccine resistances reconsidered: Vaccine skeptics and the Jenny McCarthy effect. **BioSocieties**, v. 11, p. 152-174, 2016. <https://doi.org/10.1057/biosoc.2015.30>.

GOTUZZO, E. *et al.* Efficacy and duration of immunity after yellow fever vaccination: systematic review on the need for a booster every 10 years. **The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 98, n. 6, p. 1800-1807, 2018.

GRAVES, L.; AMANATIDIS, S.; TSIOUTSIOS, G. **Mapping the European fact-checking landscape in the fight against disinformation**. European Parliamentary Research Service (EPRS), 2019.

GUESS, A.; NAGLER, J.; TUCKER, J. Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. **Science Advances**, v. 5, n. 1, eaau4586, 2019.

GUIMARÃES, P.; CASTRO, B. **Telegram e a difusão de fake news sobre vacinas no Brasil**. Saúde Pública e Comunicação, v. 15, n. 2, p. 45-59, 2022.

GULATI, V.; KUMAR, D.; POPESCU, D. E.; HEMANTH, J. D. Extractive Article Summarization Using Integrated TextRank and BM25+ Algorithm. **Electronics**, v. 12, n. 2, 372, 2023. <https://doi.org/10.3390/electronics12020372>.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

HATEFI, M. Discursive strategies for managing coronavirus fake news (rumors) by analyzing some pages in Telegram. **Journal of Language Research**, v. 14, n. 44, p. 35-58, 2022.

HEALY, C. M.; PICKERING, L. K. How to communicate with vaccine-hesitant parents. **Pediatrics**, v. 127, n. sup. 1, 2011. <https://doi.org/10.1542/peds.2010-1722S>.

HERASIMENKA, A. Movement Leadership and Messaging Platforms in Preemptive Repressive Settings: Telegram and the Navalny Movement in Russia. **Social Media + Society**, v. 8, n. 3, 2022. <https://doi.org/10.1177/20563051221123038>.

HERASIMENKA, A.; BRIGHT, J.; KNUUTILA, A.; HOWARD, P. N. Misinformation and professional news on largely unmoderated platforms: the case of Telegram. **Journal of Information Technology & Politics**, v. 20, n. 2, p. 198–212, 2023.

HERMIDA, A. **Twittering the news**: The emergence of ambient journalism. *Journalism Practice*, v. 4, n. 3, p. 297-308, 2010.

HOU, Y.; WANG, H.; WANG, H. Identification of Chinese dark jargons in Telegram underground markets using context-oriented and linguistic features. **Information Processing & Management**, v. 59, n. 5, 103033, 2022.

HWANG, J.; SU, M.; JIANG, X.; LIAN, R.; TVELENEVA, A.; SHAH, D. Vaccine discourse during the onset of the COVID-19 pandemic: Topical structure and source patterns informing efforts to combat vaccine hesitancy. **PLOS ONE**, 101371, 2022. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0271394>.

JENNER, E. **An Inquiry into the Causes and Effects of the Variolae Vaccinae**. London: Sampson Low, 1798.

JONES, B.; WANG, S. Decentralization and Misinformation on Telegram: A Case Study. **International Journal of Communication**, v. 14, p. 2035-2052, 2023.

JONES, J. S.; GOLDRING, J. **Exploratory and Descriptive Statistics**. London: SAGE Publications, 2022.

KAMBOH, S.; ITTEFAQ, M.; SAHI, A. A. Journalistic routines as factors promoting COVID-19 vaccine hesitancy in Pakistan. **Third World Quarterly**, v. 43, n. 1, p. 278-287, 2022. doi: 10.1080/01436597.2021.1995713.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KOOPMANS, M. *et al.* A global perspective on vaccine safety and public health: the global advisory committee on vaccine safety. **American Journal of Public Health**, v. 108, n. 1, p. 7-10, 2018.

KUMBHAR, R.; MHAMANE, S.; PATIL, H.; PATIL, S.; KALE, S. Text document clustering using k-means algorithm with dimension reduction techniques. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMMUNICATION AND ELECTRONICS SYSTEMS (ICCES), 5, 2020, Coimbatore, India. **Proceedings** [...]. Coimbatore, India: ICCES, 2020, p. 1222-1228. <https://doi.org/10.1109/ICCES48766.2020.9137928>.

LACERDA, G. H.; DI RAIMO, L. C. F. D. **O jornalismo na era digital e as fake news**. Revista Brasileira Multidisciplinar, v. 25, n. 1, p. 69–84, 2022.

LARGENT, M. A. **Vaccine**: The Debate in Modern America. Baltimore, MA, USA: Johns Hopkins University Press, 2012. <https://doi.org/10.1353/book.16005>.

LARSON, H. J.; JARRETT, C.; ECKERSBERGER, E.; SMITH, D. M.; PATERSON, P. Understanding vaccine hesitancy around vaccines and vaccination from a global perspective: a systematic review of published literature, 2007–2012. **Vaccine**, v. 32, n. 19, p. 2150-2159, 2014.

LAZER, D. M. J. **The science of fake news**. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

LE MOS, A. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Revista Galáxia**, n. 43, p. 54-66, 2020.

LEE, S. K.; SUN, J.; JANG, S.; CONNELLY, S. Misinformation of COVID-19 vaccines and vaccine hesitancy. **Scientific Reports**, v. 12, 13681, 2022.
<https://doi.org/10.1038/s41598-022-17430-6>.

LEVI, G. C. **Recusa de vacinas: causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013; 74p.

LEVY, K.E. C.; BARACAS, S. **Reframing big data's power: Epistemological and ethical challenges**. *Social Media+ Society*, v. 4, n. 3, p. 1-13, 2018.

MAIA, L. R. H.; MASSARANI, L.; SANTOS JÚNIOR, M. A.; OLIVEIRA, T. **Comunidades de pertencimento, desinformação e antagonismo: processos interacionais em grupos antivacina no Telegram no Brasil**. *Galáxia* (São Paulo), n. 49, p. 92–108, 2024.

MAINIERI, T. Comunidade, mídia e cidade: possibilidades comunitárias na cidade hoje. In: Goiânia: FIC/UFG, 2014. cap. **A cidade tecida sem fios: a comunicação digital resignificando as cidades**.

MANSEIRA, A. **O que são as filter bubbles e como elas afetam sua vida online**. 2019. Disponível em:
<https://mobizoo.com.br/curiosidades/o-que-sao-as-filter-bubbles-e-como-elas-afetam-a-sua-vida-online/>. Acesso em: 08 de dez. de 2023.

MARECHAL, N. From Russia With Crypto: A Political History of Telegram. In: USENIX WORKSHOP ON FREE AND OPEN COMMUNICATIONS ON THE INTERNET, 8, 2018, Baltimore, MD, USA. **Proceedings** [...]. Baltimore, MD, USA: USENIX Association, 2018. Disponível em:
<https://www.usenix.org/conference/foci18/presentation/marechal>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

MARTIM-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Ed.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINO, L. C. Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 5, n. 14, p. 123–148, 2008.

MARTINO, L. M. S. A clausura da diferença: mediatização da religião, enquadramento e identidades em uma discussão online. **Revista de Estudos Universitários**, v. 40, p. 275, 2014.

MACDONALD, N. E. Vaccine hesitancy: Definition, scope and determinants. **Vaccine**, v. 33, n. 34, p. 4161-4164, 2016.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1998.

MCNAIR, B. **Fake news: Falsehood, fabrication and fantasy in journalism**. Routledge, 2017.

MIHALCEA, R.; TARAU, P. TextRank: Bringing order into text. In: CONFERENCE ON EMPIRICAL METHODS IN NATURAL LANGUAGE PROCESSING, 2004, Barcelona. **Proceedings...** Barcelona: Association for Computational Linguistics, 2004. p. 404–411.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de Imunizações - Vacinação**. s.d. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pni>. Acesso em: 30 de abril de 2024.

MONATH, T. P. et al. Yellow fever vaccine safety: a comprehensive review. **Drug Safety**, v. 43, n. 10, p. 1051-1086, 2020.

MORETZSOHN, S. D. Uma legião de imbecis: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. **Liinc em Revista**, v. 13, n. 2, p. 294–306, 2017.

NEWMAN, N. **Mainstream media and the distribution of news in the age of social discovery**. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2011.

NIELSEN, R. K.; GRAVES, L. **News you don't believe: Audience perspectives on fake news**. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2017.

OLIVEIRA, T. M.; MARTINS, R. Q. R.; TOTH, J. P. Antivacina, fosfoetanolamina e mineral miracle solution (mms): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no facebook. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 90-111, 2020.

OLIVEIRA, M. A. M. *et al.* Cobertura vacinal e fatores associados à não vacinação em áreas afetadas pelo sarampo, São Paulo, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, n. 3, e2017453, 2018.

OPEL, D. J.; MANGIONE-SMITH, R.; TAYLOR, J. A.; KORFIATIS, C.; WIESE, C.; CATZ, S.; MARTIN, D. P. Development of a survey to identify vaccine-hesitant parents: The parent attitudes about childhood vaccines survey. **Human Vaccines**, v. 7, n. 4, p. 419-425, 2011. <https://doi.org/10.4161/hv.7.4.14120>.

OZAWA, S.; MIRELMAN, A.; STACK, M. L., *et al.* (2016). Cost-effectiveness and economic benefits of vaccines in low- and middle-income countries: A systematic review. **Vaccine**, v. 34, n. 49, p. 5813–5824, 2016.

PALACIOS, M.; MACHADO, E. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calhandra/Edições GJol, 2003. PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online: modos de fazer**. São Paulo: Contexto, 2003.

PAVLIK, J. V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PENNYCOOK, G.; BEAR, A.; COLLINS, E. T.; RAND, D. G. The implied truth effect: attaching warnings to a subset of fake news headlines increases perceived accuracy of headlines without warnings. **Management Science**, v. 66, n. 11, p. 4944-4957, 2020. <https://doi.org/10.1287/mnsc.2019.3478>.

PERES, G. P.; FERRAZ, J. G.; MATOS, A. F. M.; ZÖLLNER, M. S. A. Cobertura vacinal e o retorno do sarampo no Brasil: uma análise comparativa. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 26, n. 2 (sup.), 102504, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102504>.

POSETTI, J.; MATTHEWS, A.. **A short guide to the history of fake news and disinformation**. Washington, D.C.: International Center for Journalists, 2018.

RAMONET, I. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. (Org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo, 2013.

RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de fake news: um estudo de caso do Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>.

RESENDE, R. Anvisa aprova uso emergencial das primeiras vacinas contra coronavírus no Brasil. **Agência Senado**, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/01/anvisa-aprova-uso-emergencial-das-primeiras-vacinas-contra-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

RIBEIRO, B. et al. Bots and Misinformation: An Analysis of the Impact on Democratic Processes. **Journal of Digital Democracy**, v. 5, n. 1, p. 78-94, 2020.

RUSSELL, A. **Networked: A Contemporary History of News in Transition**. New York: Peter Lang, 2011.

SACRAMENTO, I. A saúde numa sociedade de verdades. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação e Saúde**, v. 12, n. 1, p. 4–8, 2018. <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1514>.

SALAVERRÍA, R. **Digital Journalism: Past, Present and Future**. *Profesional de la Información*, v. 29, n. 1, p. 1-15, 2020.

SANTAELLA, Lucia. A educação como antídoto às fake news. **Revista E**, v. 25, p. 40-41, 2018.

SANTAELLA, L.; CYPRIANO, F. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SCHILLIE, S. *et al.* Prevention of hepatitis B virus infection in the United States: recommendations of the Advisory Committee on Immunization Practices. **MMWR Recommendations and Reports**, v. 69, n. RR-8, p. 1-24, 2020. <https://doi.org/10.15585/mmwr.rr6701a1>.

SHIRKY, C. **Does the Internet Make You Smarter?** 2010. Em: Wall Street Journal, 3 jun. 2010.

SIQUEIRA, P. C.; COLA, J. P.; COMERIO, T.; SALES, C. M. M.; MACIEL, E. L. Herd immunity threshold for SARS-CoV-2 and vaccination effectiveness in Brazil. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 48, n. 2, e20210401, 2022. <https://doi.org/10.36416/1806-3756/e20210401>.

SMITH, C. Understanding the Role of Bots in Disseminating Misinformation on Telegram. **Journal of Information Ethics**, v. 8, n. 3, p. 112-128, 2022.

STREEFLAND A, P.; CHOWDHURY, A. M. R.; RAMOS-JIMENEZ, P. Patterns of vaccination acceptance. **Social Science & Medicine**, v. 49, n. 12, p. 1705-1716, 1999. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(99\)00239-7](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(99)00239-7).

STURM, L. A.; MAYS, R. M.; ZIMET, G D. Parental Beliefs and Decision Making About Child and Adolescent Immunization: From Polio to Sexually Transmitted Infections. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 26, n. 6, p. 441-452, 2005. <https://doi.org/10.1097/00004703-200512000-00009>.

SWIRE-THOMPSON, B.; LAZER, D. Public Health and Online Misinformation: Challenges and Recommendations. **Annual Review of Public Health**, v. 41, p. 433-451, 2020. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-040119-094127>.

TANDOC, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137–153, 2017. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>.

TEMER, A. C. R. P.; NERY, V. C. A. **Para Entender as Teorias da Comunicação**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TICKNER, S.; LEMAN, P. J.; WOODCOCK, A. Factors underlying suboptimal childhood immunisation. **Vaccine**, v. 24, n. 49-50, p. 7030-7036, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2006.06.060>.

TIKHOMIROVA, K., MAKAROV, I. Community Detection Based on the Nodes Role in a Network: The Telegram Platform Case. In: Van Der Aalst, W.M.P. *et al.* (Eds.). **Analysis of Images, Social Networks and Texts**. AIST 2020. Lecture Notes in Computer **Science**, v. 12602. Cham: Springer, 2021. https://doi.org/10.1007/978-3-030-72610-2_22.

TELEGRAM. **Perguntas Frequentes sobre Canais**. s. d. Disponível em: https://telegram.org/faq_channels/br. Acesso em: 01 de maio de 2024.

TELEGRAM. **FAQ for the Technically Inclined**. s. d.b. Disponível em: <https://core.telegram.org/techfaq>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

TOMENY, T. S., VARGO, C. J., & EL-TOUKHY, S. Geographic and demographic correlates of autism-related anti-vaccine beliefs on Twitter, 2009-15. **Social Science & Medicine**, v. 191, p. 168-175, 2017.

TORRES, R. R.; GERHART, N.; NEGAHBAN, A. Combating fake news: An investigation of information verification behaviors on social networking sites. In: Hawaii International Conference on System Sciences, 51, 2018. **Proceedings** [...]. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10125/50387>. Acesso em: 12 de dez. de 2023.

TRIVINHO, E. R. **Infonegócios endofascistas**: razões políticas e sociais para a regulamentação das plataformas digitais no Brasil. *Revista Eco-Pós*, v. 27, n. 1, p. 311-329, 2024.

TROY, S. B. *et al.* Immunogenicity of a novel Sabin-strain inactivated poliovirus vaccine: a phase 1/2, open-label, sequential-group, dose-escalation trial. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 20, n. 9, p. 1093-1104, 2020.

TUCCI, G.; GOUVEIA, F. C. **O discurso do bolsonarismo nas eleições 2022**: uma investigação da desinformação viral em grupos de Telegram. *Em Questão*, v. 31, 2025.

VALENTI, V. E.; SILVA, A. P. The effect of negationism on public health. *Journal of Human Growth and Development*, v. 31, n. 2, p. 189-191, 2021. <https://doi.org/10.36311/jhgd.v31.12299>.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. A sociedade de risco midiaticizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 2, p. 607-616, 2015.

VERGANI, M.; ARRANZ, A. M.; SCRIVENS, R.; ORELLANA, L. Hate speech in a telegram conspiracy channel during the first year of the covid-19 pandemic. **Social Media + Society**, v. 8, n. 4, p. 1–14, out.-dez. 2022. <https://doi.org/10.1177/20563051221138758>.

VIEIRA, L. M. **Antivacinação, redes sociais e desinformação**: uma análise em um grupo do Facebook através da mineração de dados. 2020. 84 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/482f3d9a-9f8a-4d42-8a60-489fb8082196>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

VIEIRA, L. M.; CORDEIRO, D. F. The dark side of anti-vaccination: analysis of a brazilian anti-vaccine Facebook group. **FAMECOS**, v. 30, p. 1-18, 2023. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43710>.

VOSOGUI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018. <https://doi.org/10.1126/science.aap9559>.

WAKEFIELD, A. J.; MURCH, S. H.; ANTHONY, A.; LINNELL, J.; CASSON, D. M.; MALIK, M.; BERELOWITZ, M.; DHILLON, A. P.; THOMSON, M. A.; HARVEY, P.; VALENTINE, A.; DAVIES, S. E.; WALKER-SMITH, J. A. Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, nonspecific colitis, and pervasive developmental disorder in children. **The Lancet**, v. 351, n. 9103, p. 637-641, 1998. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(97\)11096-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(97)11096-0).

WALDMAN, E. A.; LUHM, K. R.; MONTEIRO, S. A. M. G.; FREITAS, F. R. M. Vigilância de eventos adversos pós-vacinação e segurança de programas de imunização. **Revista Saúde Pública**, v. 45, n. 1, p. 173-184, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011000100020>.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H.. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe, October, 2017.

WEINZIERL, M.; HARABAGIU, S. M. From Hesitancy Framings to Vaccine Hesitancy Profiles: A Journey of Stance, Ontological Commitments and Moral Foundations. **Proceedings of the Sixteenth International AAAI Conference on Web and Social Media**, v. 16, n. 1, p. 1087-1097, 2022. <https://doi.org/10.1609/icwsm.v16i1.19360>

WIJERMARS, M.; LOKOT, T. Is Telegram a “harbinger of freedom”? The performance, practices, and perception of platforms as political actors in authoritarian states. **Post-Soviet Affairs**, v. 38, n. 1-2, p. 125-145, 2022. <https://doi.org/10.1080/1060586X.2022.2030645>.

WILSON, S. L., WIYSONGE, C. S. Social media and vaccine hesitancy. **BMJ Global Health**, v. 5, n. 10, e004206, 2020.

WOLFE, R. M., SHARP, L. K. Anti-vaccinationists past and present. **BMJ**, v. 325, n. 7361, p. 430-432, 2002.

WOLFF, E. *et al.* Reemergence of vaccine-preventable diseases in the United States: an ongoing public health crisis. **Pediatric Clinics of North America**, v. 67, n. 2, p. 295-307, 2020.

XU, K. *et al.* Detecting fake news over online social media via domain reputations and content understanding. **Tsinghua Science and Technology**, v. 25, n. 1, 2020. <https://doi.org/10.26599/TST.2018.9010139>.

ZIPURSKY, S.; PATEL, M.; FARRELL, M. Measles outbreaks in Canada in the postelimination era. **CMAJ**, v. 193, n. 8, p. E267-E268, 2021.

ZURLO, J. J.; VEENSTRA, D. L.; HUGHES, J. P. Effectiveness of a combination vaccine against deaths and admissions to hospital caused by rotavirus and to admissions to hospital for gastroenteritis in children aged less than 2 years in Brazil. **Lancet**, v. 383, n. 9932, p. 31-39, 2018. <https://doi.org/10.1136/bmj.e4752>.

ANEXO A - RECORTES AMOSTRAIS MAIS REPRESENTATIVOS DO TELEGRAM

Quadro 1 - Dez publicações mais representativas do Canal @antivaxxx em 2020

CONTEÚDO DAS VACINAS:* 17,500 MCG 2-FENOXIETANOL (anticongelante)* 5,700 mcg de ALUMÍNIO (neurotoxina)* Quantidades desconhecidas de SORO BOVINO FETAL (sangue de vaca abortada)* 801.6 mcg de FORMALDEÍDO (Carcinógeno, agente de embalsamamento)* 23,250 microgramas de gelatina (carne moída de animais)* 500 microgramas de albumina humana (sangue humano)* 760 mcg de L-GLUTAMATO MONOSSÓDICO (causa obesidade, diabetes, Alzheimer e Parkinson)* Quantidades desconhecidas de pilhas do mrc-5 (bebês humanos abortados)* Mais de 10 microgramas de NEOMICINA (antibiótico)* Mais de 0,075 mcg POLIMIXINA B (antibiótico)* Mais de 560 mcg POLISSORBATO 80 (carcinógeno) * 116 microgramas de CLORETO DE POTÁSSIO (usado em uma injeção letal)* 188 mcg de FOSFATO DE POTÁSSIO (agente de fertilizantes líquidos)* 260 mcg de bicarbonato de sódio (bicarbonato de sódio)* 70 mcg de BORATO DE SÓDIO (bórax, usado para o controle de baratas)* 54,100 mcg de cloreto de sódio (sal de mesa)* Quantidades desconhecidas de citrato de sódio (ADITIVO alimentar)* Quantidades desconhecidas de HIDRÓXIDO DE SÓDIO (perigo! Corrosivo)* 2, 800 microgramas de FOSFATO DE SÓDIO (tóxico para qualquer organismo)* Quantidades desconhecidas de fosfato de sódio MONOBÁSICO MONO-HIDRATADO (tóxico para qualquer organismo)* 32,000 mcg de SORBITOL (não injetado)* 0, 6 microgramas de ESTREPTOMICINA (antibiótico)* Mais de 40,000 microgramas de sacarose (açúcar de cana)* 35, 000 microgramas de proteína de levedura (fungo)* 5,000 mcg de ureia (resíduos metabólicos da urina humana)*
OUTROS RESÍDUOS QUÍMICOS(Do livro ," o que as empresas farmacêuticas não querem que você saiba sobre vacinas " - pelo Dr. Todd M. Elsner).. SE LIGA, MANO, ESTAMOS SENDO DESTRUÍDOS.

!Como ?--- entrando nos grupos da internet sobre autohemoterapia, ozonioterapia, Protocolo Coimbra e vitamina D3, cloreto de magnésio, suplementos, limpezas internas como hidrocolonoterapia e desparasitação etc--- eliminando glúten, laticínios, açúcar e alimentos industrializados,--- cuidando de nossos intestinos e da nossa imunidade,--- usando substâncias proibidas pelo sistema como MMS, canabidiol, moringa oleífera, prata coloidal, zeólita etc--- usando cúrcuma, limão, côco, óleos essenciais, kefir, probióticos, fermentados, aloe vera, magnésio, K2, C, D3, B12 etc --- cuidando dos dentes, sem tratar canal, --- dormindo muito bem, --- ativando a pineal e o timo, --- fazendo exercícios físicos, --- tomando a melhor água possível, pura, alcalina, magnetizada e SEM FLÚOR, --- ingerindo enorme quantidade de oxigênio puro na forma que for, praias, serra, peróxido de hidrogênio, ozônio, --- usando alimentação alcalina, crua, cetogênica, mediterrânea, --- diminuindo nosso stress emocional e eletromagnético, --- seguindo o Lair Ribeiro, Joseph Mercola, Andrew Saul, Uronal Zancan, Juliano Pimentel, Ítalo Rachid, Daniel Rocha, Dayan Saiebra, Jaime Bruning, Cícero Coimbra, Alain Machado Dutra, Rubens Cascapera, Jimmy Albuquerque e sua Análise do Sangue Vivo, Renato Meneguelo etc--- seguindo as medicinas quântica, nova medicina alemã, antiga medicina chinesa, homeopatia, acupuntura, fitoterapia, --- seguindo os grupos do facebook da Silen Cremonese Castilho, Ezilda Linski, Luiz Sartorelli e seu incrível fator de transferência, --- nos tratando com médicos das ciências acima, chamada de medicina integrativa,--- namorando e amando como se não houvesse amanhã, --- E, ACIMA DE TUDO, ORANDO E PEDINDO ORIENTAÇÃO AO NOSSO CRIADOR A CADA INSTANTE DE NOSSAS VIDAS !

vírus+vacinas e o link disso tudo.. 🌞🌿🇩🇪 VITAMINA D3 E CORONAVÍRUS!!EM ESTUDO FEITO NA INDONÉSIA E PUBLICADO NA ALEMANHA 🇩🇪, PESSOAS QUE POSSUÍAM 25-hidroxivitaminaD (no sangue 🩸) MENOR QUE 19ng/ml E CONTRAÍRAM CORONAVÍRUS 100% MORRERAM 😞😞!! PORÉM OS PACIENTES QUE POSSUÍAM ACIMA DE 35ng/ml, 100% SE RECUPERARAM DA DOENÇA!! 🙏✅ NÃO NECESSITAMOS DE VACINA 📄📄 CONTRA COVID-

JÁ EXISTE VACINA E ELA É GRATUITA PARA QUEM NÃO SOFRE DE HÉLIOFOBIA (medo do sol ☀️) TOME SOL (sem protetor solar) ENTRE AS 10-14h, DURANTE 20 min (e alimente-se com boas fontes de gordura - Ômega 3 🐟, óleo de coco 🥥, azeite extravirgem, abacate 🥑, gema ovo cozido 🍳, oleaginosas 🌰 boas fontes de vitaminas - levedo de cerveja, frutas 🍎🍌🍊🍋🍍🍇, legumes 🥕🥒🥬, verduras 🥦, carne 🍖 em quantidade moderada) MANTENHA OS NÍVEIS DE VITAMINA D3 NO SANGUE 🩸 ENTRE 50-80 ng/ml (SE NÃO PODE TOMAR SOL SUPLENTE COM 5.000-10.000 UI - unidades internacionais - DE VITAMINA D3)!! E PARA FINALIZAR, FAÇA USO DE UMA BOA FONTE OU SUPL.

Expõe a agenda de vacinas de Bill Gates em relatório contundente Prometendo sua parte de US \$ 450 milhões em US \$ 1,2 bilhão para erradicar a poliomielite, Gates assumiu o controle do NTAGI (Grupo Consultivo Técnico Nacional da Índia), que exigia até 50 doses (Tabela 1) de vacinas contra a poliomielite através de programas de imunização sobrepostos a crianças antes da idade de cinco.

Também é abordada a questão da liberdade de escolha no setor da saúde, com foco na questão das vacinas. Segundo a AMPAS, a vacina CoVid-19 "é uma" aposta "(é uma experiência comum todo inverno que muitas pessoas vacinadas ficam doentes de qualquer maneira)". E há também uma referência à resolução do Presidente Zingaretti, que a partir de setembro prevê vacinas obrigatórias para profissionais de saúde e maiores de 65 anos.

Entre os riscos à saúde conhecidos, está presente o aumento das alergias e o aumento de resistência aos antibióticos e câncer. Alimentação inadequada - Desencadeando a obesidade, fica propício a doenças crônicas e vasculares e excesso de gordura no sangue. 5G - A Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC, na sigla em inglês) classificaram toda radiação de radiofrequência (da qual os sinais de celular fazem parte) como cancerígena e altamente nociva ao cérebro. Vacinas - Peter Doshi, Um cientista da Universidade Johns Hopkins alegou em julho de 2013, para o jornal, British Medical Journal (BMJ) um relatório estarrecedor sobre as vacinas dizendo: "embora as vacinas estejam sendo empurradas para o público em números sem precedentes, elas são menos eficazes e causam mais efeitos colaterais do que é alegado" a vacina contra a gripe são muitas vezes estudos de baixa qualidade que não comprovam as alegações oficiais. A promoção das vacinas contra a gripe é uma das políticas de saúde pública mais visíveis e agressivas nos Estados Unidos, diz Doshi, do Johns Hopkins School of Medicine. TERRORISMO - Uma sociedade formada diariamente por terrorismo psicológico por influencia da mídia convencional gera danos psicológicos.

735 médicos levantam a voz: "Não às vacinas obrigatórias e aplicativos imunológicos" Vacinas obrigatórias: médicos e enfermeiros protestam contra o possível teste da nova vacina, contra a obrigação de vacinação no Lácio e contra as medidas restritivas em vigor. Nem médicos nem enfermeiros são obrigados a receber vacinas obrigatórias, e eles assinam isso claramente nos comunicados de imprensa publicados por suas associações. Após o Sindicato das Forças Armadas e Policiais (SAP), a AADI (Associação de Advocacia de Enfermeiros) e a AMPAS (Associação de Médicos para Alimentação de Sinais) também intervêm no assunto. A AADI publicou um comunicado de imprensa dirigido aos Ministros da Saúde e Defesa em 20 de abril sobre "contestar o teste de vacinas em enfermeiros militares".

*Virou indústria! E já sabemos porque! Maior rede de abortos dos EUA disseca bebês ainda vivos_ Funcionária de uma companhia de biotecnologia afirmou que chegou a ver corações de fetos que ainda batiam. _Em um vídeo divulgado pela organização anti-aborto Center for Medical Progress (CMP), uma funcionária da companhia de biotecnologia Advanced Bioscience Resources (ABR), empresa acusada de lucrar com a venda de tecidos fetais para pesquisa e parceira da maior rede de abortos dos Estados Unidos, admitiu que *bebês eram dissecados, ainda com o coração batendo, para serem usados em estudos.*

São mais razões para se rebelar contra a demanda (ilegal) da Generalitat de estar em dia com as

vacinas para voltar à escola. Lembramos o processo de ação coletiva que está sendo preparado para defender os pais que não desejam se submeter a ela:
<https://www.scabelum.com/vacunacion-escolar>. El Dr. Klinhardt explica de forma muy clara y tranquila su opinión sobre el origen y motivos de esta #plandemia y toda una serie de posibles soluciones a ella que están dando buenísimos resultados - y que son baratas, inocuas y no patentables. Entrevista entera en link seguro: <https://www.brighteon.com/28a043be-8a5f-459a-bae9-e7cda426575e> Todo lo contrario de la tan loada (y peligrosa) vacuna que los voceros oficiales pregonan como única solución. Son más motivos para rebelarse ante la exigencia (ilegal) de la Generalitat de estar al día con las vacunas para poder volver al cole.

"Vamos tentar desenhar Por mais respeitáveis que sejam os institutos e profissionais arrolados no desenvolvimento da Sinovac (vachina) existem 2 considerações absolutamente irrevogáveis que temos em relação à vacinas é a avaliação de: 1 SEGURANÇA e 2 EFICÁCIA. Essas duas considerações vão sendo confirmadas ao longo da avaliação de grupos populacionais progressivamente maiores e ao longo de períodos de tempo cada vez mais extensos. Só podemos atestar a absoluta segurança de uma vacina nova depois dela ter sido testada em números populacionais na casa de centenas de milhares à milhões de pessoas e após a observação IRREVOGÁVEL do passar de alguns anos! Coisa que, ORA VEJAM SÓ!, não temos com essa vacina, e na verdade com nenhuma outra neste curto espaço de tempo. Por tanto, não venham com malabarismos filosóficos que fariam os grandes pensadores liberais e libertários se revirarem no túmulo, se vcs não conseguem compreender que forçando milhões de cidadãos à serem literalmente COBAIAS DE TESTES vcs estarão incorrendo não só em TRANSGRESSÃO DAS LIBERDADES INDIVIDUAIS, como estarão submetendo milhões de pessoas à riscos adversos ainda imprevisíveis em gravidade e em número de pessoas afetadas!

Quadro 2 - Dez publicações mais representativas do Canal @antivaxxx em 2021

*ALGUMAS DÚVIDAS GENUINAMENTE CIENTÍFICAS*1) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em mulheres em idade fértil, podem resultar futuramente na gestação de bebês que terão uma maior incidência de transtornos no desenvolvimento motor e cognitivo durante a tenra infância? 2) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em indivíduos de meia idade, podem resultar futuramente em uma maior incidência de transtornos autoimunes ou anticorpos intensificadores de outras doenças? 3) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em indivíduos de qualquer idade, podem resultar futuramente em transtornos genéticos devido a mecanismos de feedback ligados à concentração citoplasmática de proteínas produzidas "anormalmente"? 4) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em adolescentes do sexo masculino, podem resultar futuramente em alterações hormonais no início da idade adulta, com comprometimento da capacidade reprodutora? 5) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em idosos, podem resultar futuramente em um aumento de eventos cardiovasculares e doenças neurodegenerativas? 6) Sem responder CLARAMENTE estas e outras questões críticas, deveríamos assumir que estas vacinas NÃO possuem critérios de SEGURANÇA adequadamente aferidos, e sua aplicação em massa deveria ser realizada COM EXTREMA PRUDÊNCIA e NUNCA compulsoriamente OU com por ameaça de restrições de direitos civis. Dr Alessandro Loiola.. Será Bill Gates mesmo
!?!? <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,bill-gates-recebe-primeira-dose-de-vacina-contra-a-covid-19,70003590674.amp>.

A China fez o mesmo com seu povo nas últimas décadas e como a escola não nos ensinou a verdadeira história, estamos condenados a repeti-la. FICAR EM CASA: Que vamos tirar você do trabalho para torná-lo dependente do estado. FICAR EM CASA: Que decidiremos quando e como você pode sair, mesmo que não tenha dinheiro para fazer compras. FICAR EM CASA: Mesmo que seus pais tenham alguns anos de vida e não vejam os netos por causa da dúvida de que eles vão pegá-lo. FICAR EM CASA: Você ainda deve continuar a pagar seus impostos, mesmo que não esteja trabalhando. FICAR EM CASA: E você se distrai com coisas banais e se confunde com coisas absurdas, e não vê o que realmente estamos fazendo com seus direitos. FICAR EM CASA: Porque se você sair de casa corre o risco de morrer de gripe com 2% de mortalidade. FICAR EM CASA: Assim, podemos estudar seu comportamento, para melhor controlá-lo com nossos satélites e dispositivos conectados. FICAR EM CASA: Que vamos deixar para você uma lista de entretenimento virtual para que você não questione o novo normal. FICAR EM CASA: E tome cuidado com o que faz porque seus vizinhos também agem com nossa polícia. FICAR EM CASA: Não se exponha à luz solar ou bactérias, por isso destruímos seu sistema imunológico. FICAR EM CASA: É assim que tiramos o dinheiro de circulação, criamos uma moeda única e preparamos o caminho para a vacina da nova espécie. FICAR EM CASA: Para que possamos continuar com nossa agenda global, fazendo as mudanças que queremos sem que você perceba, sem interferências e sem protestos. FICAR EM CASA: Você se afasta de tudo que o torna humano, então nossa ação será mais sutil, você achará normal e não haverá culpados. FICAR EM CASA: Como quando Hitler deu ordens e as pessoas obedeceram. Só ele fez isso com armas e nós com medo. FICAR EM CASA: Não lute pelos seus direitos de cidadão ou de família, queremos você dócil, não rebelde. FICAR EM CASA: Sem liberdade, sem trabalho, sem escola, sem religião, sem viagens, sem capacidade de discernir, sem futuro, sem humanidade, mas com Tiktok e Netflix. FICAR EM CASA: entretanto administramos e preparamos uma ditadura graças à sua ignorância e tolerância. FICAR EM CASA: Até que você se desumanize completamente e perca a empatia por seu povo, criando uma divisão ou ruptura impossível de remediar PARA O RESTO DA SUA VIDA Entenda, eles não querem você com saúde, querem que você seja um escravo !

Tradução CAUSA DE DOENÇA E MORTE - VACINAÇÃO LISTA INCOMPLETA DE MORTES E EVENTOS ADVERSOS REPORTADOS NA MÍDIA GLOBAL APÓS A VACINAÇÃO DE COVID-19 (A ponta do iceberg) 26/10/20, Coreia do Sul - Cingapura interrompe o uso da vacina contra gripe após 48 mortes na Coreia do Sul 27/12/20, Alemanha, Ansbach - Vacinação no distrito de Darmstadt-Dieburg começa em Asbach - Número de mortes de Corona em Darmstadt-Dieburg explode 01/01/21, Israel - 4 pessoas morreram e 240 contraíram COVID19 em Israel após serem injetadas com a vacina experimental de mRNA da Pfizer 01/04/21, Islândia - 3 mortes após receber a vacina Covid19 na Islândia 01/04/21, Portugal - Residente pediátrico de 41 anos "perfeitamente saudável" morre repentinamente após ser injetado com a vacina experimental COVID da Pfizer 01/05/21, Israel - Mulher israelense com diagnóstico de paralisia facial após receber a vacina Covid 19 01/05/21, Canadá - Enfermeira canadense de 27 anos desmaia e sofre várias convulsões após receber a vacina experimental COVID da Pfizer 01/05/21, EUA - Centenas enviadas para o pronto-socorro após receber a vacina COVID-19 01/05/21, México - Médico mexicano de 32 anos sofre convulsões e fica paralisado após receber a vacina experimental da Pfizer 01/06/21, Noruega - A Noruega está investigando as mortes de duas pessoas que receberam a vacina contra o coronavírus da Pfizer 01/07/21, EUA - Obstetra "muito saudável de 56 anos" de Miami morre após injeção da vacina experimental COVID da Pfizer 01/07/21, EUA - Pelo menos 21 americanos sofreram reações alérgicas com risco de vida à vacina COVID da Pfizer.

Sherri Tenpenny, explica por que qualquer pessoa que já tomou esta vacina terá problemas de saúde extremos dentro de 6 a 18 meses, simplesmente porque a vacina COVID parece ser uma bio arma de despovoamento: <https://www.bitchute.com/video/rBzkhuPg75QV/> O médico e virologista, Dr. Sucharit Bhakdi, alerta o público sobre a vacina COVID e seus perigos inerentes, que estão sendo ocultados do público: <https://thehighwire.com/videos/the/biggest-experiment-ever-done/> Médico Dr. Ryan Cole alerta o público sobre o engano do governo e da mídia em torno do COVID, da saúde em geral e da vacina COVID: <https://www.bitchute.com/video/hfzL5gUeQvvr/> Médico e um dos principais virologistas do

o mundo, o Professor Luc Montagnier (vencedor do Prêmio Nobel em virologia) explica que a vacina COVID é um enorme erro médico e um desastre esperando para acontecer:

<https://healthimpactnews.com/2021/french-nobel-prize-winning-virologist-professor-the-covid-19-shots-are-criando-variantes/> 5 dos médicos mais proeminentes do mundo realizam uma reunião de emergência, para discutir as capacidades das armas biológicas da vacina COVID, no que diz respeito ao despovoamento:

<https://healthimpactnews.com/2021/urgent-5-doctors-agree-that-covid-19-injeções-são-armas-biológicas-e-discutir-o-que-fazer-sobre-isso/> O médico, Dr. Peter McCullough, explica os perigos da vacina COVID:

<https://ncrenegade.com/massive-world-renowned-doctor-blows-lid-off-of-covid-vaccine/> 160 especialistas médicos e cientistas PhD se reúnem para informar a todos os governos do mundo que a vacina COVID é desnecessária e insegura:

<https://www.lifesitenews.com/news/160-experts-slam-covid-vaccines-as-unnecessary-ineffective-e-inseguro-em-poderosa-carta> Muitos médicos e cientistas PhD vão ao vivo (de todo o mundo) alertando o público para não tomar a vacina COVID por causa de seus perigos inerentes:

<https://www.bitchute.com/video/0kDWWs7KMiwK/> O médico e cardiologista nuclear, Dr. Richard Flemming, explica que a vacina COVID configura o vacinado para doenças e danos cerebrais:

<https://odysee.com/@RealPolitics:c/COVID-19-vaccines-could-cause-Mad-Cow-disease-Dr-Richard-Flemming:8> Médico.

O Dr. Anthony Fauci afirma que "não tem uma resposta firme" quanto ao motivo pelo qual eles recomendam que aqueles que se recuperaram do COVID sejam vacinados. De acordo com Fauci, já começou a discussão sobre dar aos recuperados os mesmos direitos dos vacinados. O CDC continua a sugerir que todas as pessoas elegíveis, COVID recuperadas ou não, sejam vacinadas. Um novo estudo surgiu em Israel no final de agosto de 2021, sugerindo que a imunidade natural da infecção por COVID protege as pessoas melhor do que serem totalmente vacinadas, isso se aplica tanto à prevenção de hospitalização quanto à reinfeção. Como resultado, um diálogo começou em todo o mundo sobre por que aqueles que se recuperaram de COVID não têm a oportunidade de usar sua infecção anterior como um meio não apenas de pular a vacinação, mas também de receber os mesmos privilégios daqueles que foram vacinados quando ocorreu vem para viajar ou passaportes de vacina. Leia o artigo [Participe da discussão t.me/antivacinas](https://t.me/antivacinas).

A ascensão das agências especializadas como instituições legítimas do "poder funcional" concluirá o processo de subjugação de todos os aspectos de nossas vidas ao domínio de burocratas anônimos e não-eleitos. A implementação do 5G tornará materialmente viáveis milhões de tecnologias necessárias para o aperfeiçoamento do controle das sociedades e das consciências humanas. O passaporte de vacinação será só o primeiro passo para a criação e implementação de um sistema de crédito social, baseado no monitoramento e avaliação ininterruptos de nossas atividades diárias, de nossas opiniões e até da nossa interação mais íntima no conforto de nossos lares. O que há de mais autoritário em termos de tecnologia de poder, já em fase avançada em muitas ditaduras e democracias de fachada, será abraçado pelo establishment ocidental com grande entusiasmo, sob a alegação de que precisamos controlar abstrações como o "discurso de ódio", as "fake news" e os "sentimentos anti-democráticos". O gerenciamento desse sistema de crédito social não ficará a cargo de representantes eleitos — o que já seria um desastre —, mas de burocratas apátridas e não-eleitos encastelados em agências transnacionais localizadas em alguma cidade cosmopolita fora do alcance da pressão dos povos do mundo e de levantes populares, o que possibilitará uma atuação supostamente técnica, sem qualquer respeito pela vontade popular e sem qualquer consideração de ordem religiosa, cultural ou histórica. O aparato tecnológico que tornará isso tudo possível já está entre nós em versão beta, mas se consolidará de modo definitivo com o 5G.

Com 35% da população tendo tomado duas doses da vacina, em 2021 o dobro de pessoas morreu de Covid-19 em relação a 2020. Óbitos por Covid-19 em 2020 (até 31 de dezembro de 2020):

194.976 Fonte:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> Óbitos por Covid-19

até 31 de agosto de 2021:

580.413 <https://correio.rac.com.br/agencias/agencia-estado/2021/08/1119617-conass-brasil-registra-839-mortes-em-24h-e-supera-580-mil-obitos-por-covid.html> A vacinação contra Covid-19 começou no dia 17 de janeiro de

2021: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/vacinacao-contra-covid-19-come%C3%A7a-em-todo-o-pais> Primeiro óbito por Covid-19 no Brasil ocorreu em 12 de março de 2020:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml> Média mensal de mortos em 2020: De 12 de março de 2020 até 30 de março de 2020 são 19 dias.

Os dados contundentes comprovam o risco claro de vacinar crianças. Pesquisa conduzida pela Universidade da Califórnia descobriu que meninos adolescentes têm seis vezes mais probabilidade de sofrer de problemas cardíacos causados pela vacina COVID-19 do que de serem hospitalizados como resultado do próprio COVID-19. "Uma equipe liderada pelo Dr. Tracy Hoeg da Universidade da Califórnia investigou a taxa de miocardite cardíaca - inflamação do coração - e dor no peito em crianças de 12 a 17 anos após a segunda dose da vacina", relata o Telegraph. "Eles então compararam isso com a probabilidade de crianças precisarem de tratamento hospitalar devido ao Covid-19, em momentos de taxas baixas, moderadas e altas de hospitalização." "Os pesquisadores descobriram que o risco de complicações cardíacas para meninos de 12 a 15 anos após a vacina era de 162,2 por milhão, o maior de todos os grupos que examinaram." "Isso se compara ao risco de um menino saudável ser hospitalizado em decorrência de uma infecção por COVID, que é de cerca de 26,7 por milhão, o que significa que o risco que enfrentam com a vacina é 6,1 vezes maior. Mesmo durante as taxas de alto risco de COVID, como em janeiro deste ano, a ameaça representada pela vacina é 4,3 vezes maior, enquanto durante as taxas de baixo risco, o risco de adolescentes sofrerem um "evento adverso cardíaco" da vacina é enorme 22,8 vezes maior. Os dados da pesquisa foram baseados em um estudo de reações adversas sofridas por adolescentes entre janeiro e junho deste ano. Em um mundo são, esses dados deveriam representar o prego no caixão para o argumento de que adolescentes e crianças deveriam ser obrigados a tomar a vacina contra o coronavírus, mas obviamente não o fará. No Reino Unido, o governo está pressionando para vacinar crianças de 12 a 15 anos, mesmo sem o consentimento dos pais, apesar do conselho do Comitê Conjunto de Vacinação e Imunização (JCVI) contra isso. Enquanto isso, na América, os funcionários da escola do condado de Los Angeles votaram unanimemente para ordenar injeções de COVID para todas as crianças com mais de 12 anos, apesar das objeções raivosas dos pais. <https://covidflix.com/estudo-descobre-que-meninos-adolescentes-t-m-seis-vezes-mais-probabilidade-de-sofrerem-de-problemas-cardiacos-por-cao-da-vacina-do-que-serem-hospitalizados-pelo-covid>.

GADISMO MÉDICO 🐶👨‍⚕️ O PIOR GADO É O GADO MILITANTE QUE ORIENTA OUTROS A CONTINUAREM COMO GADO 🐶👨‍⚕️ Médicos ameaçam deixar câmara técnica da Saúde se vacinação de adolescentes não for retomada Médicos que compõem a Câmara Técnica Assessora de Imunização Covid-19, uma instância de aconselhamento do Ministério da Saúde, cogitam deixar a comissão caso o Ministério da Saúde não volte atrás na decisão de interromper a vacinação de adolescentes de 12 a 17 anos. Em reunião virtual bastante tensa ocorrida na tarde desta sexta-feira, os especialistas e membros de sociedades e conselhos de medicina que compõem a câmara, além de representantes das secretarias estaduais e municipais de saúde rejeitaram de forma unânime a decisão do ministro Marcelo Queiroga de parar a vacinação.

💊 Há poucos dias, a Pfizer anunciou que está iniciando um ensaio acelerado de Fase 2/3 para uma pílula profilática COVID destinada a prevenir a COVID naqueles que possam ter entrado em contato com a doença. Coincidentemente (ou não), a droga da Pfizer compartilha pelo menos um mecanismo de ação com a Ivermectina, um antiparasitário usado em humanos há décadas, que funciona como inibidor de protease contra o Covid-19, que os pesquisadores especulam que "pode ser a base biofísica por trás de sua eficácia antiviral". Eis que a nova droga da Pfizer, que alguns brincaram chamando de "Pfizermectina", é descrita pelo gigante farmacêutico como um "potente inibidor de protease". Trabalha como a ivermectina, mas será bem mais caro, é claro! A Ivermectina, ao contrário da droga experimental da Pfizer, já salvou centenas de milhares de vidas, da Índia ao

Brasil.Participe da discussão t.me/antivacinas.

Quadro 3 - Dez publicações mais representativas do Canal @antivaxxx em 2022

Pfizer: A gigante farmacêutica planeja produzir de 50 a 100 milhões de doses de uma vacina específica da Omicron até o final de março/início de abril - bem como combinações híbridas para atingir várias variantes do Covid. O CEO Albert Bourla disse que era um risco caso as injeções não fossem necessárias, e que a Pfizer teria que absorver os custos se não fossem utilizadas. A Pfizer fez cerca de 3 bilhões de doses em 2021 e planeja 4 bilhões este ano.

OMS E EMA DECLARAM: DOSES DE REFORÇOS PODEM DANIFICAR O SISTEMA IMUNOLÓGICO (mesmo assim os governos seguem firmes na inoculação em massa) Os especialistas da OMS, se pronunciaram sobre a estratégia de vacinação com reforços (boosters), alertando que contar apenas com essas doses atuais adicionais para se proteger das doenças graves pode ser uma estratégia insustentável a longo prazo. Em outras palavras, a OMS atesta a ineficácia substancial do soro contra as mutações atuais, estimulando a produção de novos medicamentos. A Agência Europeia de Medicamentos (Ema) juntou-se a OMS e alerta que o excesso de reforços deste "imunizante" pode levar a "problemas com a resposta imune". Tudo o que os médicos pela verdade vêm falando há quase 2 anos, está se concretizando.

Em 2021, morreram 261 - uma média de 279 por ano. Pois bem: 1) O afogamento é a 2ª causa de morte de crianças entre 0 e 4 anos de idade no Brasil; a 3ª causa de morte de crianças entre 5 e 14 anos de idade e a 4ª causa de morte de jovens entre 15 e 19 anos de idade 2) Em 2016, segundo a ONG Criança Segura e o Ministério da Saúde, foram 913 óbitos por afogamento de crianças de até 14 anos de idade 3) Segundo o OBSERVATÓRIO Nacional de Segurança Viária, por meio da parceria mantida com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), com informações do Sistema Datasus, aproximadamente 1.300 crianças entre 0 e 14 anos morrem a cada ano no Brasil devido a acidentes automobilísticos - uma média que HÁ ANOS é superior à média de mortes que foram anotadas na conta do Covid-19. 4) Finalmente, segundo 13ª Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2018 66 mil mulheres foram vítimas de estupro no Brasil.

Contando os custos: a realidade de fechar a ponte Embaixador para o comércio EUA-Canadá (Bloomberg) A Ponte do Embaixador foi bloqueada pelo Freedom Convoy que protestava contra os mandatos de vacina do Canadá, aqui estão algumas figuras-chave sobre a ponte: • 27% de todo o tráfego bidirecional entre o Canadá e os EUA usa a ponte. • Ele vê o fluxo de US\$ 137 bilhões em comércio anualmente. • \$ 2,2 bilhões em mercadorias foram importadas de Michigan para Ontário. • Cerca de 1,398 milhão de caminhões entraram no Canadá pela Embaixador Bridge de Michigan em 2021 A ponte é saudada como o ponto de trânsito mais importante para o fluxo de mercadorias entre o Canadá e os EUA - Trudeau cederá ao Freedom Convoy?.

"Se preparem: a partir de agora vocês vão ver muitos casos de #AIDS sem [o vírus] HIV" - Dr Rubens Amaral Compare com essa notícia t.me/medicospelavida/1857 A Agência de Segurança da Saúde do Reino Unido está se recusando a publicar mais dados sobre casos de Covid-19, hospitalizações e mortes por status de vacinação porque números anteriores mostram que a população triplamente vacinada está à beira de desenvolver a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, e os duplamente vacinados estão sofrendo de aprimoramento dependente de anticorpos - ADE" <https://dailyexpose.uk/2022/04/17/gov-refuses-publish-vaccinated-suffering-ai-ds-ade/> Assista e compartilhe pelo link: t.me/medicospelavida/1857 Esta mensagem pode conter informações não confiáveis.

""Um esforço conjunto foi realizado para 'cancelar' os médicos que não seguem a narrativa dominante". Na sentença, o juiz Christopher Cooper, indicado por Obama, criticou Gold e Frontline

Doctors por sua caracterização do que aconteceu em 6 de janeiro.. Observem.. NEWCASTLE, 21 de junho — A noiva de um músico do rock britânico será a primeira pessoa a receber uma indenização, no valor de £ 120.000 (libras esterlinas/ ~R\$759.000), pela morte de um parente por decorrência de uma “rara complicação” causada pela vacina contra a Covid depois que seu noivo de 48 anos faleceu com um coágulo sanguíneo; “adoeceu com uma dor de cabeça agonizante em 13 de maio do ano passado – oito dias depois de receber a primeira dose da AstraZeneca, no Penrith Auction Mart em Cumbria”.<https://thecluebrasil.com/noiva-de-roqueiro-britanico-se-torna-a-primeira-pessoa-a-receber-uma-indenizacao-por-reacao-causada-pela-vacina-contra-a-covid-ela-recebera-120-000-libras-pel-a-morte-do-noivo/>.

NEWCASTLE, 21 de junho — A noiva de um músico do rock britânico será a primeira pessoa a receber uma indenização, no valor de £ 120.000 (libras esterlinas/ ~R\$759.000), pela morte de um parente por decorrência de uma “rara complicação” causada pela vacina contra a Covid depois que seu noivo de 48 anos faleceu com um coágulo sanguíneo; “adoeceu com uma dor de cabeça agonizante em 13 de maio do ano passado – oito dias depois de receber a primeira dose da AstraZeneca, no Penrith Auction Mart em Cumbria”.<https://thecluebrasil.com/noiva-de-roqueiro-britanico-se-torna-a-primeira-pessoa-a-receber-uma-indenizacao-por-reacao-causada-pela-vacina-contra-a-covid-ela-recebera-120-000-libras-pel-a-morte-do-noivo/>.

Aqui está um dos estudos que mostram que a vacina contra a varíola (daí a vacina Monkeypox) aumenta a incidência de miocardite. Os autores deste estudo relataram evidências de lesão cardíaca após a vacinação em uma amostra de 1.445 indivíduos que receberam uma vacina contra varíola ou influenza trivalente. Eles descobriram que dor no peito, falta de ar e/ou palpitações ocorreram em 10,6% daqueles que receberam a vacina contra varíola SPX-vacinados e 2,6% daqueles que receberam a vacina trivalente contra influenza dentro de 30 dias da imunização. A vacina Monkeypox é uma vacina contra a varíola reaproveitada, portanto, também produzirá lesões cardíacas.. Aqui está um dos estudos que mostram que a vacina contra a varíola (daí a vacina Monkeypox) aumenta a incidência de miocardite. Os autores deste estudo relataram evidências de lesão cardíaca após a vacinação em uma amostra de 1.445 indivíduos que receberam uma vacina contra varíola ou influenza trivalente. Eles descobriram que dor no peito, falta de ar e/ou palpitações ocorreram em 10,6% daqueles que receberam a vacina contra varíola SPX-vacinados e 2,6% daqueles que receberam a vacina trivalente contra influenza dentro de 30 dias da imunização. A vacina Monkeypox é uma vacina contra a varíola reaproveitada, portanto, também produzirá lesões cardíacas.. 🇪🇺🌐 Em um discurso no Parlamento Europeu no início deste mês, a deputada alemã Christine Anderson descreveu a coerção de pessoas para tomar vacinas contra a COVID como o “maior crime já cometido contra a humanidade”.

A Pfizer adicionou algumas palavras interessantes a um de seus riscos em sua última orientação prospectiva, que não estava disponível no último trimestre: “o impacto de recalls de produtos, retiradas e outros produtos incomuns, incluindo incertezas associadas a avaliações de risco e avaliações regulatórias, incluindo nossa avaliação atual de nosso portfólio de produtos para a presença ou formação potencial de NITROZAMINES” A FDA define nitrosaminas como “substâncias potencialmente cancerígenas recentemente descobertas em certas drogas”. <https://www.fda.gov/consumers/consumer-updates/what-know-and-do-about-possible-nitrosamines-your-medicationQ2-2022> (página 36): https://s28.q4cdn.com/781576035/files/doc_financials/2022/q2/Q2-2022-PFE-Earnings-Release.pdf Primeiro trimestre de 2022 (página 33): https://s28.q4cdn.com/781576035/files/doc_financials/2022/q1/Q1-2022-PFE-Earnings-Release.pdf

O regulador de medicamentos do Reino Unido confirma que as vacinas Covid são pelo menos 7.402% mais mortais do que todas as outras vacinas combinadas. Nos últimos 19 meses as vacinas Covid causaram pelo menos 5,5 vezes mais mortes do que todas as outras vacinas combinadas nos últimos 21 anos 🍀 Quando comparadas lado a lado, as injeções de Covid são 7.402% mais mortais do que todas as outras vacinas disponíveis no Reino Unido 🍀 Até 13 de julho

de 2022, houve um total de 2.213 mortes relatadas ao MHRA para todas as vacinas Covid no Reino Unido desde o início de 2021 📌 Isso é 5,5 vezes mais mortes em apenas 19 meses devido às vacinas Covid do que devido a todas as outras vacinas disponíveis combinadas desde o ano de 2001 📌 20 anos, 8 meses é 13,7x mais longo do que o período de 19 meses desde que as vacinas Covid foram lançadas 📌 O número de mortes relatadas para todas as outras vacinas combinadas no mesmo período de 19 meses equivale a 29,5 mortes 📌 As vacinas Covid são chocantes 7.402% mais mortais do que todas as outras vacinas disponíveis no Reino Unido.

Quadro 4 - Dez publicações mais representativas do Canal @antivaxxx em 2023

O grupo foi fundado em 2022 pelo naturopata suíço George Della Pietra, que visa fornecer às pessoas em todo o mundo uma maneira de receber transfusões de sangue que salvam vidas, a partir de sangue que não é contaminado pelos jabs tóxicos de mRNA.

Dr. Zeballos explica que a variante Kraken é a mesma que a Omicron e pede que a população não entre em pânico.. Dr. Zeballos explica que a variante Kraken é a mesma que a Omicron e pede que a população não entre em pânico.. AOS PAIS E MÃES: ELES SABIAM QUE A 'VACINA' IRIA PROVOCAR NOS VOSSOS FILHOS PROBLEMAS CARDÍACOS GRAVES E POTENCIALMENTE MORTAIS.

Socióloga continua engrossando a conversa de ampliar a vacina, que ainda faz você se contaminar.Os comentários no instagram são de pessoas normais, falando que já não aguentam mais, pois já tomaram 4 doses e continuam pegando a doença.Faz o L..

O Cardiologista Dr. Aseem Malhotra falou AO VIVO na BBC News do Reino Unido sobre a ligação das vacinas de mRNA e os riscos de doenças cardíacas e o excesso de mortalidade que está havendo.É uma quebra na Mídia de transmissão convencional, não há mais como esconder.🇬🇧 BBC News UK | 13/01/2023.


Milhões de pessoas no mundo foram danificadas pelo soro milagroso e não irão mais se submeter aos desmandos do Estado.. Notícia bombástica do governo alemão: 'Número alarmante de vacinados está desenvolvendo AIDS'.Além do mais:- O excesso de mortes atingiu a casa de 276%;- Os vacinados tem 8vezes mais chances de contrair COVID19 e outras moléstias.Fonte:<https://newspunch.com/german-govt-bombshell-alarming-number-of-vaccinated-are-developing-aids/>.


🇩🇪"Se eu fosse uma mulher fértil, não planearia uma gravidez com um homem vacinado" - Dr. Arne Burkardt, mostrando os testemunhos de um homem que morreu 140 dias depois da injeção de covid.. 🌩️🌟🌟🌟🌟🌟🌟 17.000 médicos e cientistas assinaram um tratado que declarava:"Os dados confirmam que as injeções experimentais de terapia genética COVID-19 devem terminar Elas podem danificar seu coração, seu cérebro, seu tecido reprodutivo e seus pulmões."

Putin ordena destruição de todas as vacinas Covid-19 na Rússia.Por Michael Baxter-4 de março de 2023.<https://realrawnews.com/2023/03/putin-orders-destruction-of-all-covid-19-vaccines-in-russia/>O presidente russo Vladimir Putin ordenou a destruição de todos os estoques de vacinas Covid-19 em solo russo, citando uma conexão inegável entre o que foi apelidado de "Moscow Vax" e um aumento repentino de infecções por HIV em pessoas vacinadas, disse o agente do Federal Service Bureau Andrei Zakharov ao Real Raw News. 📌📌📌📌📌


O britânico Matt Hancock, Membro do Parlamento, foi Secretário de Estado da Saúde do Reino Unido entre 2018 e 2021 e um dos fundadores da agência executiva governamental UK Health Security Agency.Em uma troca de mensagens com seu conselheiro de mídia na Secretaria de

Saúde, Damon Poole, o Sr. Hancock perguntou "quando vc acha que o governo deveria lançar a nova variante Covid" para, em linguagem direta, "fazer o povo cagar mas calças" com medo da Pandemia. Tudo isso para aumentar o controle do Estado sobre as atividades cotidianas e a liberdade do povo. Esse escândalo monumental é mais lenha na fogueira da MAIOR FRAUDEMIAS DE TODOS OS TEMPOS.

 No primeiro estudo que examinou sistematicamente os investimentos públicos dos EUA em vacinas de mRNA, pesquisadores descobriram que o governo dos EUA fez investimentos substanciais na tecnologia de vacinas de mRNA antes da pandemia de COVID. https://www.epochtimes.com.br/eua-investiram-em-vacinas-de-mrna-durante-decadas-antes-da-pandemia-estudo_183766.html Siga https://t.me/+gCQe1u_j-PozOWYx.

 09/03/2023 às 14h52min *A Alemanha vacinada está DOENTE: 20.000% mais de licenças médicas de pessoas em idade produtiva após a vacinação *Em 2021, o número total de notificações de doenças com essas classificadas, juntamente com o novo diagnóstico U12.9 *(reações adversas ao uso de vacinas Covid-19), disparou para 1.242.847 casos”, * escreve o deputado da AfD. <https://tribunanacional.com.br/noticia/5137/a-alemanha-vacinada-esta-doente-20-000-mais-de-licencas-medicas-de-pessoas-em-idade-produtiva-apos-a-vacinacao#.ZAqRY8OEDxg.telegram>.


Quadro 5 - Dez publicações mais representativas do Canal @antivaxxx em 2024

 Epstein criou a pandemia de C19? Diga olá para Nathan Wolfe. Virologista americano e fundador da METABIOTA! A empresa de biolab financiada por Biden via Rosemont Seneca, que estuda coronavírus de morcegos na Ucrânia por volta de 2014, por meio do projeto PREDICT com o representante da CIA, a USAID. Ele é o epicentro da rede biológica do Estado Profundo. Além de ser o fundador da Metabiota de Biden, ele é membro do WEF, funcionário do DoD, fez parte do conselho da EcoHealth Alliance de Peter Daszak, envolvida em Wuhan, financiada pela DARPA, pela Fundação Gates, financiou o projeto TerraMar de Ghislaine Maxwell com os Clintons, membro da The Edge Foundation coletando micróbios e abrigando vírus de animais em todo o mundo, E a Rússia o acusou diretamente de ser o principal participante na criação do SARS-CoV-2 a partir de um coronavírus de morcego que ele descobriu na Ucrânia. Antes de começar, gostaria de esclarecer que outras pessoas já se debruçaram sobre esse assunto há anos e que não estou divulgando nenhuma novidade aqui.






O procurador-geral do Texas, Ken Paxton, processou a Pfizer, alegando que a gigante farmacêutica mentiu sobre a eficácia de sua vacina COVID-19A Pfizer “transmitiu ao mundo” que a sua vacina contra a COVID-19 foi 95% eficaz, levando os americanos a acreditar que esta era a panacéia para acabar com a pandemia, levando-os a receber o produto experimentalA representação da Pfizer de que sua vacina era 95% eficaz foi enganosa, afirma o processo, porque a Pfizer usou a redução do risco relativo, o que “influencia indevidamente” a escolha do consumidorA Pfizer também se envolveu em uma “campanha enganosa” em torno da duração da proteção de sua injeção e da capacidade de interromper a transmissão e proteger contra variantesÀ medida que se tornava cada vez mais claro que a vacina contra a COVID-19 da Pfizer não estava à altura do hype, a Pfizer iniciou uma campanha para silenciar quaisquer críticos, usando censura e intimidação contra aqueles que diziam a verdade.O procurador-geral do Texas, Ken Paxton, processou a Pfizer, alegando que a gigante farmacêutica mentiu sobre a eficácia de sua vacina COVID-19.

PAIS RESISTEM À VACINAÇÃO FORÇADA DE SEUS FILHOS E RECEBEM INDENIZAÇÃOFoi em 2019 que as crianças do condado de Rockland, Nova Iorque, que não foram vacinadas contra o sarampo e cujas famílias procuravam uma isenção religiosa para elas, foram proibidas de

frequentar escolas e locais públicos, na sequência de um surto de sarampo na região que levou as autoridades do condado a emitir uma ordem de emergência .A exclusão dos alunos da escola e a ordem do município foram objeto de ação movida por 16 famílias.O caso foi enviado para julgamento com júri em novembro de 2022, depois que o 2º Tribunal de Apelações do Circuito dos EUA decidiu por unanimidade anular a conclusão de um tribunal inferior de que as autoridades do condado de Rockland tinham justificativa para emitir a ordem de emergência.Em 1º de fevereiro, poucos dias antes do início do julgamento com júri, as famílias chegaram a um acordo de US\$ 750.000 com o condado de Rockland , encerrando o caso.

Agora que a pandemia acabou oficialmente em todo o mundo, Oxford finalmente publicou o estudo sobre o efeito da ivermectina na gripe, que durante três anos foi renomeada para massacrar os direitos civis de alguns bilhões de pessoas.O estudo, claro, é uma farsa e foi concebido para falhar, mas mostra claramente a eficácia do medicamento mais útil do mundo.Vamos começar contando como eles tentaram distorcer o estudo:1) administraram doses insuficientes, muitas vezes menos de um terço da dose recomendada pela pesquisa, a ivermectina é dosada por kg e o limite na pesquisa era uma dose para pacientes de no máximo 84 kg, quando ocorrem os efeitos mais fortes da gripe ocorre com pacientes obesos;2) o efeito curativo da ivermectina sobre a gripe e seus efeitos colaterais é obtido pela combinação dela com zinco e doxiciclina, como podem confirmar todos os médicos que a utilizaram, o que não foi feito neste estudo;3) esperaram até duas semanas após o início dos sintomas para tratar os pacientes, quando fica claro que o maior efeito é obtido quando o tratamento é imediato;4) tomaram ivermectina com o estômago vazio, quando a literatura médica afirma que para melhor absorção deve ser tomada com o estômago cheio;5) administraram ivermectina apenas por 3 dias, quando todos os protocolos de pesquisa falam em administração por no mínimo 5 dias e até 30 dias se os sintomas persistirem;E, apesar de tudo isto, os pacientes tratados com ivermectina tiveram melhores taxas de recuperação do que os tratados com tratamentos tradicionais, nomeadamente os antivirais Paxlovid e Molnupirivir, cujo mercado global é de 100 mil milhões de dólares por ano.doi.org/10.1016/j.jinf.2024.106130  t.me/estudoscriticos.

‘Toda a coisa cheira a um admirável mundo novo’: nova ferramenta de IA prevê hesitação em vacinas. De acordo com os investigadores da Universidade de Cincinnati que desenvolveram a ferramenta, “Apesar dos mandatos da vacina COVID-19, muitos optaram por renunciar à vacinação, levantando questões sobre a psicologia subjacente à forma como o julgamento afecta estas escolhas”.Uma equipe de pesquisadores desenvolveu uma “nova ferramenta poderosa em inteligência artificial ” (IA) que pode prever se alguém tem ou não probabilidade de tomar a vacina COVID-19.De acordo com a Universidade de Cincinnati, a nova ferramenta de IA “usa um pequeno conjunto de dados demográficos e julgamentos pessoais, como aversão ao risco ou perda” para identificar padrões de “julgamento de recompensa e aversão” em humanos que podem ajudar a explicar a disposição de alguém para obter vacinado.Os pesquisadores apresentaram suas descobertas em um estudo publicado terça-feira no Journal of Medical Internet Research Public Health and Surveillance. As conclusões do estudo “poderiam ter amplas aplicações na previsão da saúde mental e resultar em campanhas de saúde pública mais eficazes”, disse a universidade.De acordo com o estudo, “Apesar dos mandatos da vacina COVID-19, muitos optaram por renunciar à vacinação, levantando questões sobre a psicologia subjacente à forma como o julgamento afecta estas escolhas”.Os investigadores afirmam que as suas descobertas “demonstram a importância subjacente das variáveis de julgamento para a escolha e adesão à vacina, sugerindo que a educação e as mensagens sobre vacinas podem ter como alvo perfis de julgamento variados para melhorar a adesão”.Mas críticos como Brian Hooker, Ph.D.

 “A liberdade de expressão excessiva ameaça a nossa democracia”, segundo MSM.  O Globe e o Mail decidiram que para proteger a democracia devem silenciar-nos!  Aparentemente, “a liberdade de expressão precisa de regulamentação rigorosa”.  “Se a nossa liberdade de expressão nos fosse tirada, então, mudos e silenciosos, poderíamos ser levados, como ovelhas para o matadouro”, disse George Washington.  A grande mídia pensa obviamente que somos todos estúpidos o suficiente para acreditar que o silêncio de alguma forma ajuda a democracia, mas como George Washington captou, sem a capacidade de expressar a nossa dissidência ou

mesmo as nossas opiniões, somos simplesmente seguidores passivos, facilmente manipulados e obedientes. 🚫 Isto não conduz a uma sociedade democrática. ✖ A liberdade de expressão é um direito nosso e é fundamental para manter uma democracia funcional e ajudar a garantir a protecção contra ditaduras despóticas. ✖ Através da liberdade de expressão, temos a capacidade de criticar a nossa governação e de nos manifestarmos contra políticas consideradas injustas, e o direito dá aos indivíduos o poder de defender a mudança. <https://expose-news.com/2024/03/21/excessive-free-speech-threatens-our-democracy-according-to-msm/> 🌐 @ograndereset.

🔴 **Aumento sem precedentes de tumores agressivos: alerta Dr. Dietrich Klinghardt, médico há 48 anos** ⚡ "...E os tumores que estão surgindo agora são muito mais agressivos e rápidos do que qualquer coisa que vimos nos últimos 48 anos. Isso nunca aconteceu antes, é algo completamente" ⚡ Em um episódio do programa Kolloquium, transmitido em 11 de março de 2024 em wikisana.ch, o Dr. Dietrich Klinghardt, médico especialista com 48 anos de experiência profissional, compartilha suas observações sobre o aumento alarmante de casos de câncer. ⚡ Seus insights oferecem uma reflexão crítica sobre as tendências atuais na gestão de saúde e doenças. ⚡ Dr. Dietrich Klinghardt estudou medicina e psicologia em Freiburg, onde recebeu seu doutorado com um estudo sobre as interações entre o sistema nervoso do corpo e doenças autoimunes. ⚡ Klinghardt descreveu o aumento dos casos de cancro como um "fenômeno do taco de hóquei", um termo que descreve vividamente a situação. ⚡ Tal como a forma de um taco de hóquei, os casos de cancro aumentaram lentamente ao longo de décadas, apenas para registar um aumento dramático e repentino no último ano e meio. ⚡ Este aumento dramático de casos não tem precedentes e é muito semelhante às tendências de vendas de medicamentos contra o cancro que aprendi com as minhas fontes na indústria.

🔴 **Ultimate Detox: Como remover o grafeno, o contaminante oculto transferido de vacinados para não vacinados, do seu sistema** ⚡ O óxido de grafeno, uma substância venenosa para os seres humanos, foi encontrado em "vacinas" contra a Covid 19, no abastecimento de água, no ar que respiramos através de trilhas químicas e até mesmo em nossos alimentos. ⚡ Ele interage e é ativado por frequências eletromagnéticas ("EMF"), particularmente a faixa mais ampla de frequências presente no 5G, que pode causar ainda mais danos à nossa saúde. ⚡ Os sintomas de envenenamento por óxido de grafeno e doença da radiação EMF são semelhantes aos descritos como Covid. ⚡ A má notícia para aqueles que até agora se recusaram a receber uma única dose da vacina contra a Covid-19 é que alguns médicos acreditam que o grafeno está a ser transmitido de pessoas vacinadas contra a Covid-19 para as não vacinadas. ⚡ Mas a boa notícia é que agora que o óxido de grafeno foi identificado como contaminante, existem formas de remover o óxido de grafeno do seu corpo e restaurar a sua saúde. <https://expose-news.com/2024/03/21/ultimate-detox-how-to-remove-transmittedgraphene/@imunidadenatural>.

! RAND prevê a "Internet dos Cérebros" até 2050 ● A Neuralink Corp., liderada por Elon Musk, implantou um chip cerebral na cabeça de um homem de 29 anos com tetraplegia. ● O millennial paralisado foi visto recentemente usando o que ele descreveu como "A Força" para mover um cursor de computador pela tela para jogar Civilization VI com sua mente. ● Esta é mais uma prova de que o movimento "trans-humanismo" – a fusão de humanos e máquinas – está a acelerar o desenvolvimento, melhorando radicalmente a vida humana, ou pelo menos é isso que os bilionários propõem. ● O editor Tim Hinchliffe do blog de tecnologia The Sociable postou uma citação perturbadora de um novo relatório encomendado pelo Laboratório de Ciência e Tecnologia de Defesa do Reino Unido e conduzido pela RAND Europe e Frazer Nash Consulting que diz: ⚡ "Uma 'Internet de corpos' também poderia eventualmente levar a uma 'Internet de cérebros', isto é, cérebros humanos conectados à Internet para facilitar a comunicação direta entre cérebros e permitir o acesso a redes de dados online." ● RAND descreve o futuro do ecossistema da Internet dos Corpos que poderia se transformar na Internet dos Cérebros, ou uma rede de conectividade cérebro-a-cérebro. ● Esta tecnologia poderá estar no mercado entre 2035 e 2050. <https://www.zerohedge.com/technology/rand-sees-internet-brains-2050> 🌐 @ograndereset.

de 40-70% da ingestão de flúor de uma pessoa vem da água potável fluoretada. A EPA tem até o final do mês para entrar com um recurso contestando a ordem do juiz federal para que a agência estabeleça novas regras regulamentando a fluoretação da água com base no risco que representa para o neurodesenvolvimento infantil.

No planeta prisão, um foguete surge, O pé de feijão mágico que rugir. Da SpaceX, voa com missão, Deixar para trás a confinção. Com esperança, tenta subir ao céu, O foguete desafia o grande véu. Porém, ao atingir a casa da constelação, sofre forte colisão, Explode no ar, final da sua missão.. Como não tem verdade, só sobra mentiras, mentiras e mentiras. O desespero tomou conta.. Se a Globo disse que é falso, então provavelmente é verdade..

https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/video-nikolas-ferreira-pix-controle-discurso/* O Pix e o desejo ensandecido de controlar o discurso* Editorial da Gazeta do Povo - 16/01/2025 “A norma é correta, o que falam dela é mentira, mas mesmo assim resolvemos revogar.” A atitude do governo federal, ao revogar a normativa da Receita Federal sobre monitoramento de movimentações no Pix e no cartão de crédito acima de R\$ 5 mil para pessoas físicas e R\$ 15 mil para pessoas jurídicas, bem poderia ser resumida nessa afirmação carregada de cinismo.

Se os profissionais da informação são incapazes (isso na mais benigna das hipóteses) de reconhecer a diferença entre uma crítica legítima e a afirmação factual falsa, é certo que o futuro de uma garantia democrática está em maus lençóis no país. E, como no Brasil de Lula tudo pode piorar, o vídeo de Nikolas Ferreira ainda pode se tornar alvo de perseguição judicial, já que o grupo Prerrogativas (que se tornou uma espécie de AGU pessoal do presidente da República) anunciou que iria à Procuradoria-Geral da República e ao Conselho de Ética da Câmara contra o deputado – por um crime que não existe, diga-se de passagem; e, ainda que existisse, não poderia jamais ser imputado a alguém que não espalhou fake news, mas apenas exerceu sua liberdade de expressão e seu direito de crítica.

NOTA AO POVO Via Defesa do Presidente Jair Bolsonaro A defesa do Presidente Jair Bolsonaro recebe com estarrecimento e indignação a denúncia da Procuradoria-Geral da República, divulgada hoje pela mídia, por uma suposta participação num alegado golpe de Estado. O Presidente jamais compactuou com qualquer movimento que visasse a desconstrução do Estado Democrático de Direito ou as instituições que o pavimentam. A despeito dos quase dois anos de investigações — período em que foi alvo de exaustivas diligências investigatórias, amplamente suportadas por medidas cautelares de cunho invasivo, contemplando, inclusive, a custódia preventiva de apoiadores próximos —, nenhum elemento que conectasse minimamente o Presidente à narrativa construída na denúncia, foi encontrado. Não há qualquer mensagem do Presidente da República que embase a acusação, apesar de uma verdadeira devassa que foi feita em seus telefones pessoais. A inepta denúncia chega ao cúmulo de lhe atribuir participação em planos contraditórios entre si e baseada numa única delação premiada, diversas vezes alteradas, por um delator que questiona a sua própria voluntariedade.

A queda de Zelensky será a queda do liberal globalismo e de toda esta palhaçada Woke na Europa, mas também será o retorno do império Russo que, na figura de Putin e na minha opinião, vai cumprir só por ora o acordo com Trump, então vai se fortalecer, para depois ir para cima da Polônia e de parte da Alemanha. Não se pode ter tudo, o mal domina este mundo e todos os lados de uma guerra. Se quiser, escolha um mal favorito para torcer: a) O liberal globalismo woke; b) O retorno do imperialismo russo da antiga KGB, sob nova roupagem. Com a grande apostasia ocidental, outros ocuparam o vácuo de poder, e todos os caminhos restantes levam para a apoteose do anticristo. P.S.

O Brasil endividado, preço dos alimentos nas alturas, povo passando fome, mas Lula está dando mais dinheiro para movimento terrorista de invasores de terra.. 🇺🇸 Hipocrisia: “Estrada do amor” rasga a Amazônia para a COP-30, em Belém.. 🇧🇷 LAWFARE 🇺🇸 Quanto mais tentam acelerar o processo para tirar Bolsonaro da disputa antes de 2026 — negando ao povo o direito de votar no candidato que lidera com folga em todas as pesquisas e arrasta multidões por onde passa —, mais evidente vai ficando para as autoridades americanas que o Brasil enfrenta uma farsa autoritária:

uma delação mentirosa, uma investigação viciada, uma denúncia fraca e sem sentido, um juiz autoritário e parcial, um PGR submisso e sem autonomia, e um processo conduzido com pressa, para atender não à lógica jurídica, mas à lógica política-eleitoral. A grande verdade é que ninguém faz mais pela exposição e denúncia da ditadura brasileira no exterior do que Moraes e seus aliados. A cada nova decisão de Moraes e de seus cúmplices, mais visível fica, no Brasil e no exterior, a instrumentalização política do judiciário, a perseguição autoritária de membros da oposição, a censura de vozes incômodas e o desrespeito ao devido processo legal. Cheguei a pensar que seriam mais inteligentes e manteriam as aparências de legalidade agora que o mundo está de olho, mas talvez eu tenha superestimado a inteligência dos inimigos da liberdade no Brasil.. Temos um novo tipo penal: "Art.

E até hoje, a Procuradoria Geral da República não tinha se manifestado. Pouco tempo depois do anúncio do Eduardo Bolsonaro, a PGR se posicionou sobre o pedido do Moraes da apreensão do passaporte do Eduardo, dizendo que não houve crimes e é contra essa apreensão. Esse fato mostra que a movimentação do Eduardo Bolsonaro gera um extremo incômodo e preocupação em toda essa gente. Eles fingem que estão com a bola toda, eles criam uma falsa sensação de que estão seguros de si, mas devem estar perdendo uma cueca por hora. É muito grave um deputado em exercício sair de seu cargo por perseguições políticas. E o próprio Gonet sabe e quis se livrar e descolar da imagem dos ministros do Supremo. Já já o pau vai torar entre eles mesmos. Obviamente o Moraes não está nem aí para a opinião da PGR, afinal, a própria PGR pediu a soltura do Clezão que o Moraes ignorou. A questão aqui é sobre o sinal de incômodo do Eduardo nos EUA.

Para surpresa de zero pessoas, Moraes aceita a denúncia da PGR contra o Presidente Bolsonaro e demais acusados.. 🇺🇸 Psicopatas: Alexandre de Moraes e Carmén Lúcia mentem descaradamente e dizem que o sistema eleitoral do Brasil foi citado como "modelo de sucesso" por Donald Trump. Na verdade, apenas o ponto específico do cadastro biométrico dos eleitores foi elogiado, não houve menção às urnas ou ao processo de modo geral.. Está sendo divulgada uma FAKE NEWS de que o governo Trump teria considerado as urnas eletrônicas brasileiras como um modelo de sistema de votação. Na realidade, a Ordem Executiva de Trump que determina mudanças no sistema de votação busca BANIR urnas eletrônicas e passar a operar exclusivamente com VOTO no PAPEL. O que o governo americano elogiou foi o sistema de identificação do eleitor por biometria da justiça eleitoral brasileira. @leandroruschel.

ANEXO B - RECORTES AMOSTRAIS MAIS REPRESENTATIVOS DO G1

Quadro 7 - Dez manchetes mais representativas do G1 em 2020

Campanha de Vacinação Contra a Gripe é prorrogada em Nova Serrana.

Campanha de vacinação contra a gripe é prorrogada em Goiás.

Prefeitura de Caruaru divulga balanço da campanha de vacinação contra a gripe.

Começa a campanha de vacinação contra a poliomielite e multivacinação.

Campanha de vacinação contra a Poliomielite é realizada em Santarém.

Veja calendário de vacinação contra a raiva e contra a poliomielite.

Campanha de vacinação contra poliomielite é prorrogada até o dia 15 de dezembro em Teresina.

Campanha de Vacinação contra a Poliomielite é prorrogada até o dia 20 de dezembro em Petrolina.

Prorrogada a campanha de vacinação contra a febre aftosa.

Centro de compras de Caruaru oferece espaço para ponto de vacinação contra a Covid-19.

Quadro 8 - Dez manchetes mais representativas do G1 em 2021

Vacinação contra a Covid avança em Balsas.

Vacinação contra a covid-19 em Nilópolis.

Confira a vacinação contra Covid em Imperatriz.

Vacinação contra a Covid-19 em Balsas.

Mutirão de vacinação contra a Covid em BH.

Confira a vacinação contra Covid em Balsas.

SP antecipa vacinação de adultos e anuncia vacinação de adolescentes.

Comprovante de vacinação contra Covid é exigido em 19 capitais.

Rio dá continuidade à vacinação contra a gripe e contra a Covid.

Vacinação avança no Piauí e ConecteSus volta a exibir certificado de vacinação.

Quadro 9 - Dez manchetes mais representativas do G1 em 2022

Ponto de vacinação para adultos é relocado para mesmo local da vacinação pediátrica em Caruaru.

Vacinação de reforço contra a covid em Niterói.

Começou a Campanha de Vacinação contra a Poliomielite.

Campanha de vacinação contra a poliomielite e multivacinação é prorrogada em São Luís.

Vacinação de crianças contra a Covid em Campos.

Vacinação contra a covid está em baixa em Rondônia.

Sábado de vacinação contra a Covid em shopping da capital.

Vacinação contra Covid-19 em 14 de novembro de 2022.

Começa a vacinação contra a Covid em crianças.

Blumenau começa a vacinação contra a Covid em bebês.

Quadro 10 - Dez manchetes mais representativas do G1 em 2023

Dia de vacinação contra a gripe em Tremembé.

*Em Vilhena ação de vacinação antirrábica busca tutores e animais para vacinação.
Campanha de vacinação para crianças e adolescentes começa em 12 centros de saúde de Campinas.*

Dia Nacional da Vacinação: Baixos índices de vacinação preocupam autoridades de saúde.

Campanha de vacinação antirrábica é realizada nos bairros de Garanhuns; confira os pontos de vacina.

Em meio a alta de surtos de Covid-19 em escolas, Campinas reforça necessidade da vacinação.

Campanha de vacinação contra a gripe inicia na segunda-feira (13) em Porto Velho.

Ação de vacinação de gripe é realizada em Macapá.

Campanha de vacinação contra a influenza é realizada em Monte Alegre.

Ceará lança nova campanha de vacinação contra Covid em meio à alta de casos.

Vacinação em escolas de João Pessoa começa com atraso de cerca de 1h30 na chegada de doses.

Quadro 11 - Dez manchetes mais representativas do G1 em 2024

Taubaté inicia campanha de vacinação contra poliomielite; confira os locais de vacinação.

Começa vacinação de crianças da Faixa de Gaza contra a poliomielite.

Vacinação antirrábica 2024: confira os 37 pontos de vacinação na área urbana de Uberlândia.

Campanha de vacinação contra a gripe em Jaru é adiada.

Campanha de vacinação antirrábica terá dia D de vacinação em Imperatriz.

Vacinação contra a dengue já está disponível em todos os postos de saúde de Jundiá.

Prefeitura de Feira de Santana retoma vacinação contra Covid-19 para crianças acima de seis meses.

É hora de colocar a caderneta de vacinação em dia.

Equipe de saúde oferece ponto de vacinação contra a influenza na Feira da 307 Norte.

Campanha de vacinação contra a gripe segue nos postos de saúde em Palmas.

Quadro 12 - Dez manchetes mais representativas do G1 em 2025

Campanha de vacinação contra a gripe acontece em toda a Baixada Santista.

Campanha de vacinação contra a gripe já acontece em toda a Baixada Santista.

Prefeitura de BH abre oito pontos de vacinação contra a gripe.

Vacinação contra a gripe segue até 31 de junho nas unidades de saúde de Palmas.

Com chegada de onda de frio, Curitiba amplia locais de vacinação contra gripe.

Mutirão de vacinação contra a gripe no fim de semana.

Campanha de vacinação contra gripe acontece em vários pontos de BH.

Jacareí amplia horário de vacinação contra a gripe em quatro unidades de saúde.

Confira a campanha de vacinação contra a gripe.

Neste sábado, dia 7 de junho, tem dia "D" de vacinação contra a gripe em Lucas do Rio Verde.

